

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITECTURA

**ARQUITECTURA DE INTEGRAÇÃO
REVERSIVEL E TRANSITÓRIO**

CÉLINE FERREIRA DE OLIVEIRA

LICENCIADA EM ESTUDOS ARQUITETÓNICOS

PROJETO PARA OBTENÇÃO DO GRAU MESTRE EM:
ARQUITECTURA: ESPECIALIZAÇÃO ARQUITECTURA DE INTERIORES

ORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO PEDRO ASSUNÇÃO NOBRE LIMA

JÚRI:

Presidente: DOUTORA MARIA DULCE COSTA DE CAMPOS LOUÇÃO

Vogal Orientador: DOUTOR ANTÓNIO PEDRO ASSUNÇÃO NOBRE LIMA

Vogal: DOUTOR JOSÉ MANUEL DOS SANTOS AFONSO

LISBOA, FAUL, MAIO 2014

**ARQUITECTURA DE INTEGRAÇÃO
REVERSIVEL E TRANSITÓRIO**

CÉLINE FERREIRA DE OLIVEIRA
ORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO PEDRO ASSUNÇÃO NOBRE LIMA



UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITECTURA

**ARQUITECTURA DE INTEGRAÇÃO
REVERSIVEL E TRANSITÓRIO**

CÉLINE FERREIRA DE OLIVEIRA

LICENCIADA EM ESTUDOS ARQUITETÓNICOS

PROJETO PARA OBTENÇÃO DO GRAU MESTRE EM:
ARQUITECTURA: ESPECIALIZAÇÃO ARQUITECTURA DE INTERIORES

ORIENTADOR CIÊNTIFICO: PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO PEDRO ASSUNÇÃO NOBRE LIMA

JÚRI:

Presidente: DOUTORA MARIA DULCE COSTA DE CAMPOS LOUÇÃO

Vogal Orientador: DOUTOR ANTÓNIO PEDRO ASSUNÇÃO NOBRE LIMA

Vogal: DOUTOR JOSÉ MANUEL DOS SANTOS AFONSO

LISBOA, FAUL, MAIO 2014

RESUMO vii

ABSTRACT ix

AGRADECIMENTOS xi

LISTA DE ABREVIATURAS xiii

ÍNDICE DE TABELAS xv

ÍNDICE DE FIGURAS xvii

INTRODUÇÃO

|objeto| 1

|enquadramento| 1

|justificação| 1

|objetivos| 2

|metodologia | delimitação| 2

|organização| 3

[1] INTERVENÇÃO

|definição| 5

|contexto| 5

|tipos de intervenção|7

[2] INTEGRAÇÃO 9

|LUGAR | 10

| definição | 10

| mutabilidade do lugar | 11

| PATRIMÓNIO INDUSTRIAL | 12

|contexto |12

- |industrialização em Portugal| 13
- |desindustrialização| 13
- |estudar para preservar| 15
- |materiais e sistemas construtivos| 15

|3| RECONVERSÃO | REQUALIFICAÇÃO

- |matriz de análise de edifícios industriais reconvertidos| 16
- |um elemento-chave para a salvaguarda de paisagens industriais: que estratégia adotar?| 17

|4| AÇÃO

- |ENQUADRAMENTO | LOCALIZAÇÃO | IMPLANTAÇÃO| 21
- |PLANOS A DECORRER OU EM VIAS DE DESENVOLVIMENTO| 22
- |PLANO DE PORMENOR| 23
 - | diagnóstico | 25
 - | matriz síntese de debilidades e potencialidades | elemento estratégico – acessibilidades | 26
 - | polos de atração | 27
 - | geomorfologia | 28
 - | condições climatéricas | 29
 - | condições sociais | 29
 - | debilidade e potencialidades EU Ginjal | 30

|5| PROJETO

- |OBJETIVO| 32
- |PRÉ-EXISTÊNCIA| 34
 - | corpo principal | 34
 - | edifício administrativo | 35
 - | materialidades e técnicas construtivas | 36
 - | visão sobre a pré-existência | 37

- |DO PROBLEMA À SOLUÇÃO| 39
 - | novo programa | 39
 - | museu | 46

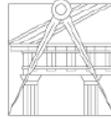
- | REVERSÍVEL | TRANSITÓRIO | 47

noções	47
evolução	48
desafios dos ambientes transitórios	49
desmontagem – pré-fabricação	50
questões económicas	51
legislação	51

CONCLUSÃO 54

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 55

ANEXOS 67



UNIVERSIDADE DE LISBOA | FACULDADE DE ARQUITECTURA

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: ARQUITECTURA DE INTEGRAÇÃO | REVERSÍVEL E TRANSITÓRIO

NOME DO ALUNO: CÉLINE FERREIRA DE OLIVEIRA

ORIENTADOR CIENTÍFICO: PROFESSOR ARQUITECTO ANTÓNIO LIMA

MESTRADO: MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA - ESPECIALIZAÇÃO ARQUITECTURA DE INTERIORES

DATA: LISBOA, FAUTL, JANEIRO 2014

RESUMO

O presente relatório descreve e fundamenta o projeto de reconversão da antiga "Instalação para Tratamento de Óleo de Figado de Bacalhau e respetivos Serviços Administrativos", em Pólo criativo e expositivo para a Coleção Berardo.

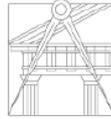
Localizado no Ginjal, situação privilegiada, topográfica e geograficamente, em relação ao centro de Almada, ao rio Tejo e à área metropolitana de Lisboa, tem vindo a impulsionar o desejo e a viabilidade de ver revitalizada toda a envolvente, do que são já reflexo o EEE (de Almaraz/ Ginjal a partir do qual se desenvolveram planos de pormenor), EUROPAN 6 em 2000 e a Trienal de Arquitectura em 2007.

Testemunhos da convivência de momentos da história distintos, unidos perante a necessidade, ou desejo, de fazer renascer o antigo utilizando o novo como meio para dar resposta a novas bases programáticas.

O projeto é desenvolvido num sentido de respeito e adequação do novo programa à pré-existência e do novo projeto à envolvente urbana, fomentando-se a dinâmica, flexibilidade e reversibilidade, cada vez mais apreciadas e desejadas no contexto arquitetónico, resultado de uma sociedade em permanente mudança à qual é necessário dar respostas segundo ideais sustentáveis e de responsabilidade social, contornando-se e corrigindo-se as debilidades do território e salientando-se as suas potencialidades, defende-se a memória coletiva.

A recuperação e reintegração contribuem para a requalificação urbana e salvaguarda patrimonial. Ao longo do desenvolvimento estabelece-se paralelismo com casos idênticos, justificando as opções metodológicas e conceptuais adotadas.

palavras-chave: intervenção, integração, reconversão, desmontável, requalificação urbana.



UNIVERSIDADE DE LISBOA | FACULDADE DE ARQUITECTURA

TITLE OF THE PROJECT: INTEGRATION ARCHITECTURE | REVERSIBLE E TRANSITORY

STUDENT'S NAME: CÉLINE FERREIRA DE OLIVEIRA

ADVISER PROFESSOR ARQUITECTO ANTÓNIO LIMA

MASTER'S DEGREE:: : INTEGRATED MASTER'S DEGREE IN ARCHITECTURE – SPECIALIZATION IN INTERIOR ARCHITECTURE

DATA : LISBOA, FAUTL, JANEIRO 2014

ABSTRACT

The present report describes and justifies the conversion project of an old “Instalation for the treatment of cod liver oil and respective administrative services” into an exhibition space for the Berardo Collection, located in Ginjal.

Its privileged location, both in its topography and geography, in relation to the center of Almada, the river Tejo and the Lisbon metropolitan area boost the desire and viability of the revitalization of the entire zone, from which it is already a reflexion in the EEE (of Almaraz/Ginjal from which detail plans were developed). EUROSPAN 6 in 2000 and the Triennial of Architecture in 2007.

Testimony of the coexistence of distinct moments of history, united in face of necessity, or desire, of making a rebirth of the old using the new as a bridge to answer new programmatic bases.

The project is developed in a sense of respect and adequacy of the new program to the pre-existence and of the new project to the urban surroundings, fostering the dynamic, flexibility and reversibility, evermore appreciated and desired in the architectural context, result of a society in permanent change from which it is necessary to give answer according to sustainable ideals of social responsibility, weaving, correcting the weaknesses of the territory and enhancing its potential, thereby defending the collective memory.

The recovery and reintegration contributes to the urban requalification and patrimonial safeguard. Throughout the development there is a parallelism that is established with identical cases, justifying the adopted methodological and conceptual options.

Keywords: intervention, integration, reconversion, collapsible, urban renewal.

AGRADECIMENTOS

DEDICO AOS MEUS PAIS PELA OPORTUNIDADE PROPORCIONADA E POR TODO O SEU APOIO INCONDICIONAL E ININTERRUPTO AO LONGO DE TODA A MINHA VIDA.

LISTA DE ABREVIATURAS

AAIRL	Associação de Arqueologia Industrial da Região de Lisboa
APAI	Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial
APPI	Associação Portuguesa para o Património Industrial
ARU	Área de Reabilitação Urbana
CBA	Council for British Archaeology
CCDR-LVT	Comissão de Coordenação de Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo
CMA	Câmara Municipal de Almada
CMP	Câmara Municipal de Porto
CRCB	Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau
DGEMN	Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais
DOCOMOMO	International Working Party for Documentation and Conservation of Buildings, Sites and Neighborhoods of the Modern Movement
EDEC	Esquema de Desenvolvimento do Espaço Comunitário
EEE	Estudo de Enquadramento Estratégico
ICCROM	International Center for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property
ICOMOS	International Council of Monuments and Sites
IGAPHE	Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado
IGESPAR	Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico
IGM	Instituto Geológico e Mineiro
IHRU	Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana
INH	Instituto Nacional de Habitação
IPA	Instituto Português de Arqueologia
IPM	Instituto Português de Museus
IPPAR	Instituto Português do Património Arquitetónico
MST	Metro Sul do Tejo
PDMA	Plano Diretor Municipal de Almada
PP	Plano de Pormenor
PUAN	Plano de Urbanização de Almada Nascente
QREN	Quadro de Referência Estratégico Nacional
RCHME	Royal Commission on Historical Monuments of England
SIPA	Sistema de Informação para o Património Arqueológico
TICCIH	The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage
UE	Unidade Estratégica
UNESCO	United Nations Education, Scientific and Cultural Organization

ÍNDICE DE TABELAS

Tab. 1	Tabela de usos previstos pelo PP para a UE da Quinta do Almaraz	24
Tab. 2	Tabela de Usos Previstos pelo PP para a UE da Quinta do Almaraz	24
Tab. 3	Tabela de Usos previstos pelo PP para a UE do Ginjal	25
Tab. 4	Tabela síntese de Debilidades e Potencialidades, informação extraída do PP	26
Tab. 5	Tabela de elementos estratégicos – Polos de atração, informação extraída do PP	27
Tab. 6	Tabela de Geomorfologia do Terreno, informação extraída do PP	28
Tab. 7	Tabela de condições climatéricas e ambientais, informação extraída de PP	29
Tab. 8	Tabela de condições sociais, informação extraída do PP	29
Tab. 9	Tabela com principais potencialidades e debilidades referente à UE Cais do Ginjal, informação extraída do PP	30
Tab. 10	Tabela descritiva do novo programa a cumprir com especificação de área e funções por piso e por volume	40

Fig. 1	I Pré-existência; 2 3 Intervenção L.B. Alberti Fotografia/ Planta, projeto de Leon Battista Alberti sobre a Igreja de São Francisco de Rimini	5
Fig. 2	1, CCB 2, Almada 3, Antiga Fábrica de Óleo de Fígado de Bacalhau 4, Lisboa	21
Fig. 3	Fragata no Tejo frente ao Ginjal, Arquivo Sociedade Comercial Theotónio Pereira Vista Parcial dos Edifícios do Grémio no Ginjal, Arquivo Centro de Arqueologia de Almada, in GONÇALVES, Elisabete (coord.) Memórias do Ginjal, Centro de Arqueologia de Almada, 2ª Ed	21
Fig. 4	Planos em desenvolvimento ou previstos para a envolvente 1,2,3,4 Plano de Pormenor Almaraz e Ginjal (1,4 UE Cais do Ginjal; UE Almada Velha e Castelo; 3 UE Quinta do Almaraz); 5 Plano de Requalificação Urbana e Funcional de Cacilhas; 6 PU Frente Ribeirinha Nascente da Cidade de Almada; 4 Área de Intervenção	23
Fig. 5	Vista panorâmica de enquadramento da área de intervenção, a partir do Cais do Ginjal, fotografia do autor	32
Fig. 6	Axonometria da pré-existência (corpo principal) com indicação de funções e áreas úteis por piso	34
Fig. 7	Pré-existência (serviços administrativos) com indicação de funções e áreas úteis por piso	35
Fig. 8	Edifício com depósitos de Betão	36
Fig. 9	Recolha de imagens do local de intervenção, i1 alvenaria de tijolo furado, i2 elemento metálico para encerramento parcial de vão, i3 caixilharia do tipo 'Gracifer', i4 estrutura de betão armado pilar - viga, fotografia do autor	36
Fig. 10	Diagrama de implantação do conjunto edificado	37
Fig. 11	Imagem tridimensional representativa da pré-existência e sua volumetria	38
Fig. 12	Pré-existência com indicação das áreas a demolir	38
Fig. 13	Relação entre o Ginjal (área de intervenção) e Lisboa, (1) CCB, (2) Novo Pólo Expositivo	39
Fig. 14	Imagem representativa do novo projeto com indicação dos conjuntos	40
Fig. 15	Esquema de pré-existência (negro) com novos volumes a (vermelho) i1 Planta; i2 Axonometria explodida; i3 Axonometria; i4 Alçado Norte; i5 Alçado sul	45

INTRODUÇÃO

[OBJETO]

O presente relatório, descreve e fundamenta o processo do projeto de reconversão da antiga "Instalação para Tratamento de Óleo de Fígado de Bacalhau, e respetivos Serviços Administrativos" em Pólo Museológico e Criativo .

A fábrica, bem como a sua envolvente industrial, são exemplo do vasto legado arquitetónico proveniente da revolução industrial, período histórico responsável por uma das maiores alterações sociais de sempre. Desativadas, por terem atingido o seu limite de exploração, constituem hoje um importante recurso para reformulação e revitalização da zona Norte da cidade de Almada.

[ENQUADRAMENTO]

A cidade é palco de exibição para os espetáculos do homem num universo mutável onde tudo acontece e se esgota, numa sucessão de diferentes sociabilidades, necessidades e ambições onde impera o desejo de criar um sistema ordenado de processos segundo ideais de harmonia no desenvolvimento de ações e utilização de recursos. A crescente complexidade do sistema antrópico e o acentuado desenvolvimento económico do último século, têm provocado acentuados desequilíbrios nos sistemas ambientais e territoriais alterando significativamente as estruturas sociais, económicas, políticas e tecnológicas.

Mutações que revolucionaram o processo civilizacional e conduziram ao fenómeno da globalização, alterando significativamente a dimensão temporal e espacial.

A celeridade com que sucedem os acontecimentos, acarreta a todo o momento dados imprevistos ao contexto arquitetónico convertendo rapidamente decisões de projeto ideais em conceções obsoletas e desadequadas, criando instabilidade e incerteza face à mudança e desaproveitando recursos (naturais, financeiros e energéticos).

A concorrência entre territórios e a democratização das sociedades, diversificação dos atores sociais e respetivos interesses e formas de atuação, ampliam a complexidade das disfunções territoriais e exigem o aperfeiçoamento dos diagnósticos e dos mecanismos de intervenção, por forma a conferir-lhes operacionalidade efetiva.

Também o tempo e o seu decurso sobre as formas construídas contribuem para a alteração das suas estruturas. De forma espontânea ou incontrolável, pela permanente exposição aos fatores naturais climatéricos ou por catástrofe. Ou intencionalmente – resultado da vontade do Homem, ações regeneradoras, destrutivas, substitutivas, de adaptação ou composição com novas formas.

[JUSTIFICAÇÃO]

O fenómeno da irrefreável mutabilidade urbana, potencia o aparecimento de espaços intersticiais, abandonados ou marginalizados. Estes espaços, frequentemente negligenciados, são muitas vezes oportunidades para a reabilitação urbana, social

e funcional das cidades, quando intervencionados e devidamente integrados em planos urbanísticos. Urge, com isto, alertar e consciencializar os principais responsáveis pela organização e desenho das cidades no sentido de promover a consciência de que o território é, como outros, um recurso limitado que aprez rentabilizar.

Reutilizar, para integrar, segundo programas ajustados, converter espaços obsoletos reinserindo-os na rotina da cidade contemporânea. Modelo de ação que tem a pretensão de preservar a memória social e construir a história da cidade, manter a narrativa de um passado que se conecta ao futuro. Teoria que justifica a importância do conceito de palimpsesto de Calvino para leitura e redefinição das cidades por permitir, pela adição de camadas, a reutilização do seu suporte e preservação do seu conteúdo.

Portugal não está imune ao permanente processo de mutação das cidades, apesar da crescente, mas lenta, consciencialização de que é importante atuar sobre este tipo de estruturas, os nossos territórios são cada vez mais pontuados por exemplos do património edificado entregue à obsolescência. A arqueologia industrial, concretamente, testemunha tal negligência ao ser inclusivamente afastada dos planos de reabilitação urbana.

[OBJETIVOS]

Compreender que o dinamismo da condição cultural e económica se repercute na vida das cidades, transformando a ideia estável do espaço arquitetónico e colocando em risco o valor do edifício. A funcionalidade, de entre os elementos que definem a arquitetura, tende a ser a mais efémera, transitória, quando comparada com a vida da sua estrutura e a mais larga escala com o da cidade comprometendo o ideal funcionamento do sítio. Sem um propósito, e consequentemente sem o homem, o horizonte do edifício tenderá à obsolescência.

Procuram-se, assim, identificar as potencialidades do antigo, contornar as suas debilidades e promover propósitos, onde o novo e o velho se associam numa convivência de crescimento estimulante, permitindo que se continue a escrever a história do lugar.

Confirmando a consciência da efemeridade funcional, construtivamente, o projeto de reconversão vai de encontro à reversibilidade, pelo recurso a materiais "leves" interligados por técnicas desmontáveis que permitam a máxima remoção das adições sem riscos para a pré-existência. Sem que exista uma margem temporal pré-definida, as opções tomadas não podem todavia comprometer o bom funcionamento, a qualidade ou a durabilidade física do edifício.

Finalmente fundamentam-se as opções tomadas antecipando-se as possíveis consequências para a estrutura em questão e para a sua envolvente.

[METODOLOGIA | DELIMITAÇÃO]

A amplitude da temática da intervenção no património e a quantidade de questões que levanta, confirmou-se demasiado extensa para a diminuta dimensão do relatório, revelando-se apenas possível expor as principais teorias e metodologias mentoras e

influências para o desenlace do projeto de execução, no que refere à intervenção no património industrial adaptando-o para novos usos enfatizando-se os de carácter museológico. O desejo de desenvolver um projeto que inclua a componente de reversibilidade, associado a um programa antagónico, que objetiva transportar, através do tempo, um conjunto de imagens da história do homem, implicou uma recolha de exemplos de mérito (sem limitação à nacionalidade) que, aparentemente desconexos se associam para fundamentar e viabilizar o projeto proposto.

[ORGANIZAÇÃO]

Os temas e conceitos seguem-se segundo a lógica de projeto, no sentido decrescente da escala, abordando inicialmente questões da envolvente física, o objeto arquitetónico e o homem – onde se discorre acerca de problemáticas da intervenção na cidade, contexto histórico, condicionantes, potencialidades e necessidades.

As diferentes fases indispensáveis à concretização do projeto constituem ao longo do desenvolvimento um pequeno capítulo, tornando-se, dessa forma, mais fácil a organização do mesmo. Em cada capítulo é elaborada uma pequena introdução ao conteúdo apresentado, como forma não só de memória descritiva do projeto, mas como justificação ao facto de introduzir tal abordagem.

III INTERVENÇÃO

| DEFINIÇÃO |

No âmbito arquitetónico intervir é renovar esperanças, lutar contra a degradação. Atuar premeditadamente sobre um contexto ou estrutura, intencionando com isso prolongar a sua vida útil. A total compreensão do objeto, desde a sua origem às causas do seu abandono, das condições físicas às implicações no contexto social, para, conscientemente, permite o seu entendimento para definir estratégias e métodos de atuação. reestruturação ou revitalização funcional; a sua recuperação ou reabilitação arquitetónica; finalmente a sua reapropriação social e cultural, oscilando entre simples conservação e transformações mais profundas.

Por se tratar de uma temática demasiado abrangente verificou-se necessário limitar a área de estudo, considerando-se excluídas as intervenções que refletem meras ações de restauro monumental ou os processos de renovação urbana (renewal, renovation...). Atribui-se relevância a projetos que evitam demolições generalizadas sempre que existam alternativas para devolver-lhe as condições necessárias à sua utilização.

| CONTEXTO |

A evolução dos conceitos e processos de intervenção na cidade e a teorização das intervenções na arquitetura registam-se, essencialmente, desde o renascimento. O reconhecimento da antiguidade clássica como modelo, e com isto a consciência de que existe passado e presente diferentes entre si, despoleta relações de respeito pela pré-existência e portanto a necessidade de a considerar ao intervir. Consciência embrionária que mitifica a antiguidade, apesar das problemáticas de *conformitas* que levanta, permite que o objeto construído seja mais do que mera fonte de material disponível para novas construções, de que são exemplo as arquiteturas Grega, Romana ou Medieval.

Este tipo de considerações sugere a intenção de encarar a realidade construída como instrumento do projeto, cujas avaliações do lugar e das suas condicionantes (positivas ou negativas) permitem estabelecer estratégias de ação, de aproximação ou distanciamento, sobre a pré-existência, constituindo-se veículo para o desenvolvimento de uma unidade entre o espaço e a cidade.



Fig. 1- Referência do início do renascimento, projeto de Leon Battista Alberti sobre a Igreja de São Francisco em Rimini para passar a ser um Templo Malatestiano. 1| Pré-existência; 2 | 3 Intervenção L.B.Alberti Fotografia/ Planta

1 | 2 <http://masarteau.blogspot.pt/2011/02/alberti-iglesia-de-san-francisco-de.html> 3| <http://otraorillahistoria.foroactivo.net/t2252p60-arquitectura-y-urbanismo-del-quattrocento-en-italia>

Viollet-le-Duc, seguindo o hegelianismo da cultura positivista do século XIX, oferece-nos uma visão em que a intervenção se resume ao restauro. Situação em que o arquiteto assume uma postura de neutralidade absoluta relativamente ao edifício existente para que este se manifeste por si segundo uma lógica própria. Deste modo Viollet le Duc acreditava ser o método justo para retirar o máximo partido do edifício existente mantendo a sua lógica própria. Tipo de conceção que introduz uma cultura positiva e a compreensão de que o edifício possui em si mesmo uma lógica sendo conveniente, por isso, deixá-lo falar sem impor um discurso diferente, (postura hoje considerada diametralmente oposta à que deve ser a do arquiteto).

Por outro lado John Ruskin e Camille Sitte defendem posturas de integração física e social de cada área no conjunto urbano privilegiando sequências de espaços públicos e sítios mais ou menos heterogêneos mas sempre testemunhos de memórias coletivas - sem abolir operações cirúrgicas mais ou menos profundas sobre os tecidos herdados com a consequente marca formal de quem os recria hoje.

Camillo Boito, primeiro real especialista neste tipo de questões, nos finais do século XIX, sintetiza as teorias de Viollet-le-Duc e Ruskin definindo com estas o código para o restauro, onde sugere que se dê preferência a operações mais simples em detrimento das mais complexas, evitando a todo o custo as reformulações estruturais; que se conserve unicamente a matriz principal do edifício, ponto onde se distancia das teorias de Viollet-le-Duc; devendo a nova intervenção ser absolutamente neutra e distinta na materialidade ou textura permitindo visualizar-se como intervenção à posteriori.

Estes princípios que adquirem destaque na Carta de Atenas (1931), documento onde se reflete acerca da problemática dos edifícios históricos no que refere à defesa do restauro e da conservação ambiental, alertando para o facto de que edifício não deve ser um elemento isolado, mas parte de um todo. Defende a preservação/conservação do ambiente, questão defendida inicialmente pelo urbanismo historicista de Camillo Sitte, e apoiada por Giovanni Giovanni, personalidade determinante na elaboração desta Carta. Por outro lado, a segunda Carta de Atenas, publicada em 1943 por Le Corbusier, postulava a substituição pura e simples das estruturas físicas existentes como condição apriorística da adaptação das cidades herdadas às necessidades da vida moderna.

A questão da envolvente volta a ter destaque na Carta de Veneza da conservação de 1964 onde se integram alterações significativas. O 'restauro' de Viollet-Le-Duc desaparece. Enaltece-se o conceito de conservação do 'ambiente', que implica manter e conservar os ambientes na sua totalidade, não modificando quer as grandes arquiteturas quer as consideradas menores, entendidas aqui tão necessárias quanto outras para o contexto global. Aqui o edifício 'monumento' não pode ser isolado, as áreas devem ser conservadas quase na sua totalidade. Por outro lado, relativamente à primeira, esta Carta refere a hipótese de reutilização como política a adotar, consequência da ideia de conservação para evitar a degradação.

O Movimento Moderno ignorou em larga medida a arquitetura histórica. Insensível ao seu discurso, a vanguarda arquitetónica do século XX apresenta-se absolutamente impermeável a estas questões. pouco se disse ou fez relativamente a estas problemáticas, o que acabou por atribuir maior significância à atitude de 'conservação', política de respeito para com o património arquitetónico levada a cabo por toda a Europa.

Esta conceção conservativa da arquitetura histórica dá origem a mecanismos de atuação limite que impedem os processos de degradação de absoluta conservação, como o que ocorreu no centro histórico de Bolonha, de eliminar todo o esqueleto dos edifícios existentes mantendo-se o princípio do ambiente através da permanência das fachadas, sem quaisquer tipo de respeito ao património existente. Situação de manipulação e de desordem à margem do real critério arquitetónico.

De então a esta parte inúmeras abordagens às formas de integração de edifícios da História na cidade atual tem sido postas em prática sob a tentativa de repensar a relação com os edifícios históricos, passar de uma atitude evasiva e cada vez mais distante, própria da proteção-conservação, para uma atitude de intervenção projetual. Reconsiderar formas especificamente arquitetónicas de enfrentar os edifícios históricos ao incorporá-los em projetos de futuro respeitando padrões de congruência.

Quaisquer novas orientações no tema da intervenção devem-se formular-se sob coordenadas dos problemas de intervenção na arquitetura histórica, quer do momento clássico quer do positivismo, segundo o ensinamento de que a arquitetura do passado se inicia num diálogo com a arquitetura do presente e não deve entender-se com posturas defensivas, preservativas, e do 'positivismo pós hegeliano': perceber que o edifício tem capacidade para se expressar e que os problemas de intervenção na arquitetura histórica, não são abstratos, nem podem ser formulados definitivamente, sem que se encarem como problemas concretos sobre as estruturas concretas.

[TIPOS DE INTERVENÇÃO]

A temática da intervenção é tão vasta quanto o número de exemplos que dela são testemunhos onde se integram ações radicais, a substituição integral, ou parcial - as remodelações ou restauro, seja pela adaptação e composição com novas formas, onde fachadas modernas ocultam velhas estruturas e vice versa, seja por ação regeneradora ou destrutiva, de uma preocupação de preservação. Pode ser superficial ou profundo. Pode ser duradouro ou fugaz, Pode ser temporária ou permanente. Pode melhorar ou piorar, Pode aumentar ou reduzir, expandir ou contrair, e por aí fora. Inquestionável é o facto de que se modifica. Por vezes anula ou altera a verdadeira identidade do edifício ao introduzir novos sistemas de proporções e conotações. Luta contra teatralização, congelamento no tempo, o peso da memória não deve ser inibidor para a vivência do presente.

A intervenção sobre estruturas pré-existentes com o intuito de dar resposta às necessidades da vida moderna deve fazer-se de acordo com o contexto do presente. A adaptação apropriada às suas finalidades comporta benefícios para as estruturas quando orientados por uma escolha conscientemente dos materiais e técnicas construtivas.

Se integrar é tornar inteiro ou completar, tornar (-se) parte de um conjunto ou de um grupo, como refere qualquer definição básica do termo, tal noção transposta para o contexto arquitetónico, deve aplicar-se sempre que atuando sobre determinada contexto estejamos a contribuir para complementar ou melhorar um conjunto de limites superiores, Limites estes tão abrangentes quanto o necessário para que tal condição se verifique.

*"Atualmente os arquitetos estão convencidos de que a arquitetura não pode ser concebida como unidade isolada, têm de ser incorporada em planos urbanísticos mais vastos. Não existem fronteiras entre a arquitetura e o planeamento urbano, tal como não existem fronteiras entre a cidade e a região. A correlação é necessária."*¹

*"O projeto não começa nem acaba com o espaço que o arquiteto envolveu, mas a partir da delicada modelação do terreno, estende-se mais além dos contornos ondulados e da vegetação da área circundante prolongando-se até às distantes colinas."*²

*"A continuidade espacial a que Fernando Távora se refere, é motivo para que não possa ser organizado segundo uma visão parcial, possuindo todas as elementos que com ele interagem uma importância profunda na sua organização"*³

Uma prévia análise interpretativa abrangente do lugar em que se integra, desde registos científicos ao testemunho popular, permitem-nos um envolvimento fundado e coerente com as necessidades e expectativas que podem estar dissimuladamente depositadas na nossa área de intervenção, influenciam o desenvolvimento do projeto contribuindo direta ou indiretamente para a resolução ou valorização de questões sociais e sociológicas.

¹ Sert Léger, Giedion,(1943), RODRIGUES, José Manuel (coord), 2010, "Teoria e Critica de Arquitectura – Século XX", Ed. Caleidoscópico, Casal de Cambra.p.306

² Kahn, (1944), RODRIGUES, José Manuel (coord), 2010, "Teoria e Critica de Arquitectura – Século XX", Ed. Caleidoscópico, Casal de Cambra, p.318

³ Távora, (1962), RODRIGUES, José Manuel (coord), 2010, "Teoria e Critica de Arquitectura – Século XX", Ed. Caleidoscópico, Casal de Cambra .p.483

[LUGAR]

[definição]

A evolução repentina das cidades, tem nas últimas décadas sido pretexto de reflexão acerca da importância do lugar, contexto ou envolvente, para valorização do espaço arquitetónico. Questão inicialmente levantada pelo urbanismo historicista de Camillo Sitte, 1900 e intensificada pela carta de Atenas de 1931.

Assumindo que o 'alguns fenómenos formam um ambiente para outros', o conceito de lugar arquitetónico define-se pelo edifício como epicentro do lugar e pelas diferentes relações que este estabelece com a envolvente ou com o contexto, pode dizer-se que *é a maior superfície de terra com que o arquiteto é capaz de lidar como obra de arte unificada*, como refere Peter Collins⁴.

Não faz sentido imaginar um acontecimento sem referência a uma localização, lugar é a totalidade constituída de coisas concretas que possuem substância material, forma, textura e cor, juntas, essas coisas determinam uma 'qualidade ambiental' que é a essência do lugar. Questão defendida por Norberg-Schulz⁵ e reforçada por Bautimer *ao definir lugar como o somatório das dimensões simbólicas, económicas, culturais, políticas e biológicas, que adquirem identidade e significado através da intenção humana e a relação antropológica entre os fatores correspondentes*⁶ que como refere Tainha (2000:86) não pode ser tratado como mero espaço residual, mas como complemento do conjunto edificado.

"Entre os Lugares, estou interessado naqueles que têm a curiosa propriedade de estar em relação com todos os outros lugares, de tal forma que parecem suspeitar, neutralizar, ou inverter o conjunto de relações que o designam, refletem ou espelham."

(Foucault, 1984:47)

"Assentando num duplo sentido, por constituir circunstância e circunstante: um lugar é condicionado na sua organização pelo que já existe mas, uma vez organizado e construído passa a condicionar organização futuras ou retomando as palavras de Távora, ele é condicionado na sua elaboração e condicionante na sua existência."

(Távora, 1996: 21-22)

⁴ COLLINS, (1965) *Changing Ideals in Modern Architecture, 1750-1950.*, Londres: Faber and Faber, p. 289

⁵ SCHULZ, (1976), NESBITT, Kate (Org.) 2006, "Uma nova agenda para a arquitetura", Cosac Naify, São Paulo, p.444

⁶ Apud Bautimer, CHAVES, Mário, 2010, *Cidades Flexiexiencialistas*, Universidade Lusíada Editora, Lisboa, p41

A cidade durável e dinâmica, comporta em si uma capacidade intrínseca de dar resposta de forma flexível e adaptada às mais variadas mutações que surgem no decorrer do tempo sobre as formas construídas do espaço, no entanto, tal mutabilidade impede que se estabeleçam entre os lugares e a sua envolvente física relações estáveis ou permanentes. Cidades, ambientes e edifícios alteram-se permanentemente maioritariamente por direções imprevisíveis, afastando-se das expectativas sobre estes delineadas.

Atualmente, reflexo de novas dinâmicas e da alteração do estilo de vida, a questão da mutabilidade do lugar tem vindo a adquirir cada vez maior importância, pelas ruturas a nível formal e temporal provocadas pelo permanente crescimento. Os limites são permanentemente extrapolados perdendo a sua definição ao transformarem-se em *aglomerados extensivos, fragmentados ou dispersos* (Portas 2003).

Mais cedo ou mais tarde, o tempo constitui fator determinante na continuidade da arquitetura. A necessidade intrínseca de dar respostas funcionais, implica uma dinâmica de transformações, adaptações e evoluções para dar resposta às exigências dos processos de urbanidade contemporâneos ou no limite o seu abandono definitivo, tal como sugere Távora (1996:21-22),

Partindo do princípio que a arquitetura trabalha com materiais inertes, a sua envolvente, certamente se modifica (como sabemos, até a paisagem natural se transforma), está sempre em mutação; no caso dos lugares, a envolvente construída também se altera – são construídos novos edifícios, uns são acrescentados, outros são demolidos, os acessos modificam-se, etc. A própria arquitetura não se modifica muitas vezes em relação à sua forma, mas envelhece, a cor altera-se, os materiais desgastam-se.

Na conferência do Rio de Janeiro em 1992, as cidades, lugar de diversidade e justaposição, são chamadas a encontrar um novo paradigma territorial de compactação, desafio à coesão territorial para um desenvolvimento sustentável, onde se destaca o património natural e edificado, cujas funções permanentemente obsoletas carecem de atualização para que possam continuar vivenciadas.

Os espaços vazios em si, constituem frequentemente áreas de oportunidade no planeamento urbano quando alvos de requalificação segundo planos de gestão 'integrada e transversal', e políticas de desenvolvimento sustentável do ordenamento do território. Encarados como 'vazios estratégicos' comportam possibilidades de um vir a ser, espaços em 'tensão', lugares de oportunidade de reinvenção de paradigmas de espaço público constatação, comparação, cruzamento de experiências, dentro e fora de fronteiras, reflexão sobre as cidades.

Desenhar o futuro a partir de centros de memória, considerar crítica e reflexivamente, as oportunidades e condicionantes materiais de um lugar como suporte, sem comprometer as escolhas das futuras gerações, através de uma atuação criativa política e técnica sobre alternativas criadoras de riqueza durável. (Portas, 2007)⁷

Para além das suas características físicas, o lugar arquitetónico é igualmente as leituras que fazemos dele ao longo do tempo, superando o seu significado literal. Qualquer lugar proporciona uma pluralidade de leituras que surgem na continuidade umas das outras, o que implica que o lugar arquitetónico seja uma *obra em aberto*.⁸

A razão pela qual se entende o lugar como uma entidade em aberto deve-se ao fato de este, por um lado, estar exposto a quem o quiser usar (existe perante qualquer lugar uma infinidade de interpretes de diferentes épocas, cada um com o seu modo de ver e de pensar) e por outro lado, porque as obras e os lugares e os significados que se constroem acerca deles são sempre o resultado de inúmeras interpretações anteriores à nossa e que vão alterando o significado do próprio lugar.

A memória do lugar, importante no imaginário coletivo, deve fazer encarar estes lugares com visões mais do que meramente pragmáticas, o seu valor não decorre apenas da sua disponibilidade como território para transformação física ou infraestrutural.

Projetar o futuro sobre registos de memória, constitui extrema importância no imaginário coletivo, refletindo criticamente acerca das suas oportunidades e condicionantes materiais, e segundo visões criativas, mais do que meramente pragmáticas, oferecer diferentes alternativas para um contexto coeso.

| PATRIMÓNIO INDUSTRIAL |

| contexto |

O conceito de *Progresso* na arquitetura intensifica-se com as ideias progressistas nos fins do século XVIII, acompanhado por uma perda na confiança da tradição renascentista e das teorias idealistas que a suportavam. O desenvolvimento de novos materiais e técnicas construtivas permitiam novas soluções, novos padrões, novas formas e simultaneamente novos problemas.

⁷ MOLINA, Diego, *Vazios Urbanos*, Caleidoscópico Editora, 2007, p.142

⁸ Para Umberto Eco, o conceito de obra aberta resulta da relação de fruição entre o fruidor (interprete) e a obra, originário das experiências musicais de Luciano Bério 'estas novas obras musicais consistem (...), não numa mensagem acabada e definitiva, não numa forma organizada univocamente, mas numa possibilidade de várias organizações confiadas à iniciativa do intérprete, e apresentam-se portanto, não como obras acabadas que pedem para ser revividas e compreendidas dentro de uma direção estrutural dada, mas como obras 'abertas', que se são levadas a cabo pelo intérprete no mesmo momento em que as frui esteticamente" (Eco, 1986:67). Obra como "proposta de um 'campo' de possibilidades interpretativas..." (Eco, 1986:173)

A atividade industrial está associada às atividades de produção mecânica massificada que se desenvolveram a partir do final do século XVIII, com a primeira revolução tecnológica. Origina no contexto urbano uma organização social específica, existindo um modo de vida industrial com horários, migrações diárias e concentração de pessoas (Derruau, 1977:29).

O desenvolvimento industrial foi responsável pela transformação radical do território urbano e rural, através da exploração de matérias-primas, do recurso a fontes energéticas e da construção de edificado e de redes de circulação. Existe uma paisagem criada pela produção e pela economia, que sofre uma transformação paralela ao desenvolvimento técnico, possuindo um importante valor cultural e histórico como reflexo da evolução humana. (Custódio, 2005).

Segundo Folgado (2001), a paisagem industrial, pelas suas características e inovações, passa por três etapas de evolução: a pré-industrialização, a manufatura e a industrialização. Diferenciando-se pelos materiais e sistemas construtivos, as fontes energéticas, a organização funcional do espaço interno, as dimensões e a volumetria dos edifícios. Sendo tal conhecimento importante para o entendimento da sua evolução e expressão na paisagem ao longo do tempo.

| industrialização em Portugal |

Portugal recebe a industrialização a partir de meados do século XIX, tardia e menos profunda face ao resto da Europa, não sendo fator impeditivo à existência de vestígios obsoletos desta atividade. Afastados da história do património e da arquitetura nacionais, muitas vezes pela aliciante localização para investimentos público-privados, acabam demolidos sem o registo prévio das suas características como salvaguarda de um património único e insubstituível. Cabe ao arquiteto a responsabilidade de contrariar essa tendência.

| desindustrialização |

As acentuadas transformações das formas de produção e reprodução verificadas desde meados do século XX, têm conduzido ao declínio da economia industrial dando lugar a uma economia de serviços e afetando diretamente a estrutura dos sistemas urbanos e territoriais. Questões como os modelos de ocupação, o tecido produtivo, a estruturação social, o planeamento das infraestruturas, a gestão dos recursos energéticos, a noção de identidade e de memória coletiva, o valor das propriedades são nítida e profundamente alteradas.

A produção de bens de consumo industrializados, antes concentrada nos principais centros dos países do primeiro mundo, movem-se agora para os chamados países emergentes, como resposta ao crescente custo do solo, ao congestionamento das

estruturas viárias, ao custo da mão-de-obra ou outros fatores de ordem económica, libertando de funções amplas superfícies de território e estruturas construídas para este fim.

Conjuntos de uso particular que pela diversidade formal, escala das suas edificações, áreas de implantação, máquinas e documentos constituem património de riqueza inegável, motivo pelo se deve evitar a extinção destas paisagens.

A morosa consciencialização de que estes testemunhos são de extrema importância tem levado ao seu abandono definitivo, à lenta degradação e à ruína das suas estruturas, refletindo-se nas nossas cidades através das ruturas que provocam no tecido urbano e do surgimento de problemáticas de ordem social.

Segundo vários autores (Mendes 2000, Custódio 2005 e Folgado 2004) a sociedade pós-industrial deveria ser capaz de reconhecer nos vestígios das atividades industriais, que pereceram e vão sendo suplantados, um valor a salvaguardar. Estruturas que constituem fonte de conhecimento da sociedade e da sua evolução, revelando materiais, texturas, espaços, técnicas de produção e modos de vida de um passado ainda muito presente.

Zonas industriais em declínio, como maior ou menor esforço podem converter-se na base para salvaguarda e valorização do património e das cidades desde que desenvolvidas a partir de operações integradas, com entidades de gestão próprias e capacitadas para dar resposta aos desafios que se coloquem, segundo programas que proponham a substituição e conversão das áreas industriais em atividades industriais *limpas*, com atividades de produção não poluentes para a revitalização destas regiões degradadas.

A década de 80 do século XX testemunha, segundo Ferreira (1998), a crescente consciencialização da degradação das áreas antigas da cidade e dos vazios causados pela expansão desmedida dos antigos espaços industriais, encontrando-se nos projetos de reabilitação a solução possível para estas questões. Os desmesurados edifícios obsoletos emergem como novos lugares repletos de significado, com novas funções, habitacionais, culturais, económicas, adequando-se às necessidades da sociedade contemporânea, processo que tende a afetar toda a envolvente, revalorizada com o crescimento do sector terciário.

“Como são exemplo Londres com o antigo porto – London Docklands, que sofreu importantes alterações desde o início da década de 1980 para se transformar num mais importante centro empresarial da Europa; e Barcelona, a partir dos finais dos anos 1990, é alvo deste tipo de estratégia sobre o decadente distrito industrial da cidade com o Programa 22@BCN.”⁹

⁹ ROWE, Peter, Conversation com Peter Rowe. QUADERNS. ISSN1133-8857. Nº230 (2001), p.30

Arqueologia industrial, enquanto área de estudo do processo de industrialização, tem um papel fundamental na preservação da mesma, pela multidisciplinaridade e multiplicidade de escalas de análise, inventário e divulgação do património, abrangendo áreas de investigação do domínio da história, adaptando-se ideias e métodos de uma arqueologia que compreende os aspetos da sociedade industrial.

Devido à sua escala e localização, o património industrial é frequentemente ameaçado de destruição, tornando-se premente o apelo a novas formas de tutela, gestão e manejo destes espaços, onde políticas de ordenação urbana enfatizem a recuperação de áreas industriais obsoletas (como é visível nos traços gerais definidos pelos planos para o concelho de Almada, onde se prevê algum cuidado e desejo de preservação destas estruturas, apesar de se sentir em determinados pontos um enorme reflexo de interesse e especulação imobiliária e de terrenos) criando condições favoráveis para a recentralização de funções urbanas modernas, aumentando consideravelmente o atrativo destes lugares.

Folgado (2002:16) refere que o património industrial "(...) encerra uma das áreas patrimoniais mais difíceis, mais abrangentes, mais atípicas, mais desconsideradas ainda pela maioria dos intervenientes e dos estudiosos do património ou mesmo pelas políticas patrimoniais ou de resgate".

Os materiais e sistemas de construção foram evoluindo a par da própria indústria e mostraram-se pioneiros no âmbito da engenharia e da arquitetura.

Dentro dos conceitos pós-industriais, os materiais e as peças tendem a ser substituíveis, intercambiáveis e permutáveis. Partindo deste conhecimento compreende-se a extrema importância que representam as relações que se estabelecem entre os diferentes elementos. O detalhe, quando consciente, torna a arquitetura de melhor construção, mais rica, mais flexível e com capacidade de resposta à vida social urbana contemporânea – cada vez mais complexa.

|3| RECONVERSÃO | REQUALIFICAÇÃO

A evolução e desenvolvimento da sociedade, é contínuo e inevitável. Preservar exemplares arquitetônicos é importante, entre outros fatores, como forma de escrever linhas ininterruptas de história, cidade e memória social, criando condições para que sejam apreciados e vivenciados no futuro.

| MATRIZ DE ANÁLISE DE EDIFÍCIOS INDUSTRIAIS RECONVERTIDOS |

O estudo e salvaguarda das paisagens industriais tem-se constituído um assunto cada vez mais frequente entre investigadores e organismos internacionais nas últimas décadas. Interesse que reflete o reconhecimento da sua importância para compreensão das diferentes realidades e processos históricos, bem como a necessidade de se adotarem medidas para preservar e valorizar alguns dos seus aspetos mais significativos.

O património industrial pode desempenhar um papel importante na regeneração económica das regiões deprimidas e ou em declínio quer pela área de implantação, pela escala dos edifícios ou pela flexibilidade espacial que estas estruturas apresentam. A sua reutilização tende a proporcionar um equilíbrio psicológico para as comunidades confrontadas com a perda subita de empregos duradouros.¹⁰

Alguns contextos foram já pretexto para o debate dos princípios da preservação e da forma como agir com registos industriais:

No ano de 2003 na XII Conferência Internacional do TICCHI em Nizhny Tagil, na Rússia, os delegados o Comité aprovaram a Carta para o Património Industrial. Esta Carta segue princípios importantes Cartas anteriores, como a Carta de Veneza (1964) e a Carta de Burra (1994), assim como a recomendação R20(1990) do Conselho da Europa. ¹¹

A Carta de Nizhny¹² coloca a importância da requalificação dos edifícios industriais: v. adaptar e continuar a utilizar edifícios industriais evita o desperdício de energia e contribui para o desenvolvimento económico sustentado.

Publicações como “Recomendação para a salvaguarda da Beleza e do Carácter das Paisagens e Sítios” em 1962 e a promulgação da “Conservação do Património da Humanidade” em 1972 e 1992 (primeiro instrumento legal internacional para o reconhecimento

¹⁰ Apud. CORDEIRO J., HUDSON, K. Arqueologia Industrial, 2004.

¹¹ CORDEIRO, J., Arqueologia Industrial: Um Mundo a Descobrir, Um Mundo a Defender, Campinas: Unicamp, 2004)

¹² CARTA DE NIZHNY TAGIL SOBRE O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL The International Committee for the conservation of the Industrial Heritage (TICCIH); Julho 2003

e proteção das paisagens culturais) pela UNESCO, ou a aprovação do “EDEC – Esquema de Desenvolvimento do Espaço Comunitário” em 1999, pelo Conselho informal dos Ministros responsáveis pelo ordenamento do território (Parlamento Europeu) a fim de assegurar um desenvolvimento espacial equilibrado e sustentável do território da união Europeia – e, finalmente, a aprovação pelo Conselho da Europa, em 2000, da “Convenção Europeia da Paisagem” -, tendo em vista o estímulo dos poderes públicos na adoção de políticas e medidas para proteger, gerir e planificar as paisagens europeias.

Também a UNESCO, a partir de 1995, iniciou a inscrição das paisagens culturais na Lista do Património da Humanidade. Com a classificação de Sintra, em Portugal. No que respeita, especificamente, às paisagens industriais, a UNESCO iniciou o seu processo de classificação em 2000, com a “Paisagem Industrial de Blaenavon”, no sul do País de Gales, Reino Unido. A área em redor de Blaenavon – a maior produtora mundial de ferro e carvão no século XIX, onde se conservam os elementos essenciais do processo de extração, de carvão e ferro.

A classificação destas duas paisagens industriais como Património da Humanidade constituiu-se ponto de chegada de um longo processo de estudo, preservação e valorização do património industrial da Grã-Bretanha vem desenvolvendo há mais de um século. A realização do trabalho de inventário constitui, de facto uma medida indispensável, não só para o estudo e seleção dos vestígios que importa preservar, mas também para a gestão desse mesmo património, pelo que ainda hoje se coloca como uma tarefa prioritária na definição de qualquer projeto de investigação na área do património industrial.

A Grã-Bretanha foi o primeiro país a encarar a necessidade de se proceder ao inventário do património industrial, numa Conferência organizada pelo Council for British Archaeology (CBA) em 1959. Quatro anos mais tarde, o CBA deu início a um programa de inventário sistemático do património industrial, através da criação do “Industrial Monuments Survey”, e apresentou a primeira versão da sua ficha de registo. O enorme volume de informação resultante deste trabalho (cerca de 30000 fichas num período de dois anos) levou à constituição, em 1965, do *National Record of Industrial Monuments*, o qual, a partir de 1979, passou para a responsabilidade da *Royal Commission on Historical Monuments of England* (RCHME), tendo o inventário do património industrial sido integrado na atividade regular desta instituição (FALCONER,1987).

| UM ELEMENTO-CHAVE PARA A SALVAGUARDA DE PAISAGENS INDUSTRIAIS: QUE ESTRATÉGIA ADOPTAR?|

Não é possível defender que devem manter-se todos os edifícios testemunhos de qualquer época histórica, tal postura levaria a que se transformassem em meras arqueologias vazias de significado, como acredita Hudson (1973), é necessário criar espaço para a evolução. Do mesmo modo que não é possível definir para este tipo de edifícios uma política de intervenção ideal ou científica como também não o foi para outros testemunhos históricos.

“Suponhamos que o título da minha dissertação de hoje não é ‘preservar monumentos industriais(...)’, mas sim “Preservar monumentos religiosos(...). Deveríamos pensar de forma diferente? Estará a palavra ‘industrial’ a condicionar o nosso pensamento, ou estaremos realmente preocupados com o destino de todos os monumentos, independentemente do que tenha sido a sua função original? (...) Porque devemos afinal preservar alguma coisa? Por que não demolir ou abandonar tudo sempre que esteja desatualizados?”¹³

(Hudson, 1989:37)

A reconversão de áreas industriais, como outras, requiere um planeamento com propósito segundo um projeto sectorial integrado, considerando, no entanto, a cidade e/ou a metrópole como um todo. A delimitação da área de intervenção está diretamente relacionada com uma avaliação das lacunas da metrópole e os efeitos locais consequência das ações planeadas. As zonas adjacentes às áreas a renovar deverão ser objeto de estudo especial incluídos na área de intervenção. Nestas áreas, investimentos relativamente pequenos podem promover a demografia e o crescimento dos postos de trabalho.

Um dos principais elementos a considerar para obter um projeto integrado de reconversão de áreas industriais obsoletas é estabelecer os critérios de valorização flexíveis o suficiente para que ao longo do tempo possa ser alvo de ajustes, incorporando simultaneamente a maior área possível dentro dos recursos disponíveis em toda a cidade.

A salvaguarda das paisagens industriais, e do património pela preservação de uma parcela do passado histórico pode desempenhar um papel significativo na regeneração económica de cidades e regiões deprimidas ou em declínio.

Para implementar o processo de salvaguarda devem considerar-se as suas diferentes dificuldades, desde pressões imobiliárias já inerentes às zonas urbanas ao abandono progressivo a que está votado o património industrial que se encontra nas zonas rurais. Não sendo já novidade, uma das soluções cada vez mais adotadas e que representa inúmeros casos de sucesso baseia-se na sua reutilização.

Como refere a Carta de Nizhny Tagil para o Património Industrial, “[...] a continuidade que esta reutilização implica pode proporcionar um equilíbrio psicológico às comunidades que se viram confrontadas com a perda súbita de uma fonte de trabalho de muitos anos.” (TICCIH, 2003)

¹³ Tradução de: “Suppose the title of my talk today were not ‘Preserving industrial monuments (...)’, but ‘Preserving religious monuments (...)’. Should we be thinking differently? Is the word ‘industrial’ conditioning our thinking, or are we really worried about the fate of all monuments, whatever their original use may have been? (...) Why should we preserve anything at all? Why not pull down or throw away everything as soon as it is out-of-date?” (Hudson, 1989:37)

A conservação não se justifica por si só, paralelamente ou como complemento é necessário garantir o equilíbrio do ambiente/ envolvente, preservar a identidade local como garantia da qualidade de vida das populações. A paisagem cada vez mais se define como elemento central do ordenamento do território e, conseqüentemente, do desenvolvimento local e regional.

Deve ter-se em conta um programa que permita manter competitividade do ponto de vista comercial, industrial e de emprego, para o qual é necessário diversificar as atividades e ter em conta os sectores industriais de ponta que estão a surgir em todo o mundo, oferecer diversidade de edifícios com espaços amplos, carácter atrativo pela localização, e envolvente, forte relação entre as indústrias de conhecimento, desenvolvimento – aposta – nas tecnologias de informação.

Alguns pontos chave para contribuir para preservação e salvaguarda do património:

- Estabelecer estratégias combinadas

- Estabelecer escalas razoáveis de desenvolvimento de arquitetura e urbanismo

- Análise da situação atual em confronto com possíveis situações futuras

- Privilegiar programas mistos, o mais diversificados possível permite uma maior evolução no tempo da estrutura urbana – população heterogénea

- Construção de espaços flexíveis, facilmente convertíveis ex. de um programa comercial num residencial

- Solucionar os problemas urbanos existentes, implica reduzir a complexidade do traçado urbano.

- Questões sobre o que deve conservar-se e o que deve manter-se são determinantes, assim como a relação com o desenho do traçado são fundamentais para esta transformação.

Deve conservar-se uma grande parte dos elementos existentes, evitando afetar a racionalidade dos sistemas de transportes ou conduzir a um nível caótico de legibilidade dentro da cidade. Parece assim necessário preservar algumas fábricas e estruturas existentes, sendo elas marcas não só de uma época histórica de um período da arquitetura, mas como marco de memória.



Fig. 2- Legenda: 1. CCB | 2. Almada | 3. Antiga Fábrica de Óleo de Figado de Bacalhau | 4. Lisboa

Num contexto de antigos usos industriais portuários ao longo da margem Sul do rio Tejo, atualmente abandonado e degradado, o objeto de intervenção localiza-se no Cais do Ginjal – a norte de Almada, numa plataforma de terreno a cerca de 2/3 da encosta que distancia o rio Tejo da Reserva Arqueológica de Almaraz.

O sopé da encosta, a Norte, delineada por uma corrente de antigos armazéns industriais obsoletos, onde até finais dos anos 70 laboraram empresas de reparação naval, de conserva de peixe, armazéns de isco, vinho ou azeite ou fábricas de gelo e pelo rio que delimita Almada e Lisboa. A Sul, no cume da encosta, situa-se a reserva arqueológica do Almaraz, um dos mais importantes patrimónios arqueológico portugueses, no que se refere à ocupação fenícia. Território em declive, cresce de Nascente para Poente, sentido pelo qual se chega ao edifício.

Localização privilegiada pela sua situação no território, a sua visibilidade a partir de Lisboa Centro – Praça do Comércio, podendo ainda adquirir um maior impacto quando trabalhada. Proximidade com o Rio – oportunidade de criação de ligação fluvial, mantendo antigas dependências do rio, já que este funcionava como linha de transporte de mercadorias.

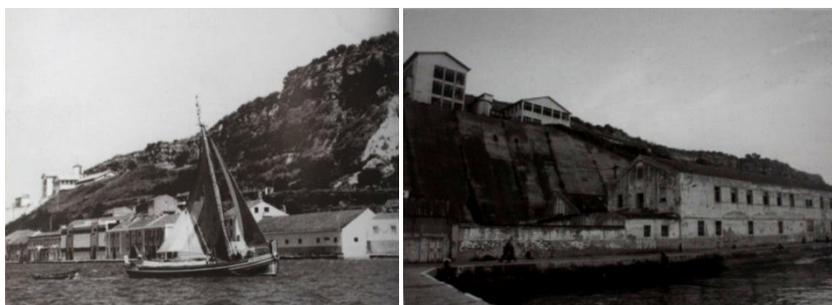


Fig. 3- Fragata no tejo frente ao Ginjal Arquivo Sociedade Comercial Theotónio Pereira
Vista Parcial dos Edifícios do Grémio no Ginjal, Arquivo Centro de Arqueologia de Almada,
in GONÇALVES, Elisabete (coord.), Memórias do Ginjal, Centro de Arqueologia de Almada, 2ªEd

Para elaboração do presente projeto verificou-se necessário o entendimento da envolvente em que se insere, com as suas condicionantes, debilidades e oportunidades. Para tal, foi necessário recorrer a organismos do poder local, desde a Câmara Municipal de Almada, Junta de Freguesia, Museu da Cidade, onde foi possível o acesso a documentos imprescindíveis na compilação dos dados necessários ao desenvolvimento deste Capítulo.

Tornou-se importante o conhecimento dos principais planos em desenvolvimento ou previstos para a envolvente. De entre os quais adquirem principal relevância os termos de referência do Plano de Pormenor do Almaraz/ Ginjal definidos em conformidade com o EEE (Estudo de Enquadramento Estratégico do Almaraz/ Ginjal) aprovado pela Câmara Municipal a 19 de Março de 2008, e desenvolvido com a equipa projetista vencedora do concurso EUROPAN de 2000.

O plano de pormenor surge com o desejo de ver esta área divulgada e interpretada pela riqueza e diversidade que apresenta. Os níveis de degradação e erosão, de que vem sendo alvo, reforçam a necessidade de salvaguarda e o incentivo a que melhores práticas se incrementem para que a longo prazo se acrescentem novos valores culturais e científicos para o local.

Meritórios de referência são também, neste contexto, o Estudo de Acessibilidades no domínio das mobilidades como complemento do MST (Metro Sul do Tejo), ou a aprovação parcial da Candidatura ao QREN – Parcerias para Regeneração Urbana – Frentes Ribeirinhas Polis XXI – Revitalização de Almada Velha – Ginjal com propostas no domínio da museologia e animação cultural, ou o Plano de Valorização Turística do Concelho de Almada.¹⁴

A área delimitada pelo EEE da Quinta do Almaraz/ Ginjal carece indubitavelmente de uma ação de requalificação e revitalização como o próprio estudo define. Levantando questões como a necessidade de promoção educacional, cultural, patrimonial e turística. Prevendo para tal o incremento de centros de educação e investigação científica associado ao património cultural local e com isto incentivar um turismo sustentável. A par com estas questões que devem ser solucionados problemas de acessibilidade e estacionamento, bem com ligações pedonais entre a Quinta de Almaraz e o Cais do Ginjal, contribuindo-se desse modo para a redução das barreiras físicas que os distancia.

¹⁴ Informação extraída do Plano de Pormenor da quinta do Almaraz e Ginjal. Plano de Valorização Turística do concelho de Almada contém propostas para esta área, território de características ímpares, pela sua localização e paisagem, como ponto simbólico de entrada e de saída de Almada, ponto de confluência e central na amarração da cidade velha (Cacilhas, Ginjal), com a cidade ‘contemporânea’ (AV. 25 de Abril) e com a futura expansão da cidade de Almada (PUAN). A aprovação da candidatura ao QREN – Parcerias para a Regeneração Urbana – Frente Ribeirinhas Polis XXI – Revitalização Almada Velha – Ginjal (cultural, lazer, turismo), com propostas também no domínio da museologia e da animação cultural.

O Plano de Pormenor do Almaraz e ginjal divide-se em três unidades de Estudo, A Unidade de Estudo da quinta do Almaraz, A Unidade de Estudo de Almada Velha e Castelo e por fim a Unidade de Estudo do Cais do Ginjal onde se enquadra a área de intervenção.

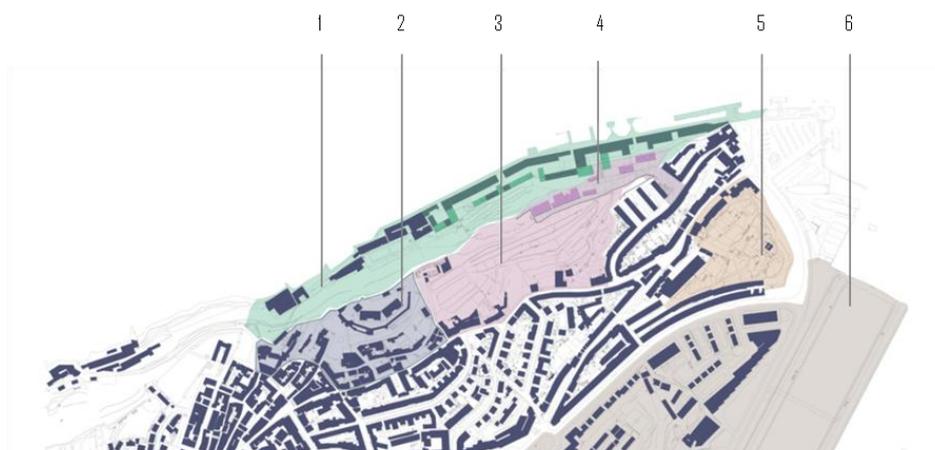


Fig.4- Planos em desenvolvimento ou previstos para a envolvente 1,2,3,4 Plano de Pormenor Almaraz e Ginjal (1,4 UE Cais do Ginjal; 2 UE Almada Velha e Castelo; 3 UE Quinta do Almaraz); 5 Plano Requalificação Urbana e Funcional de Cacilhas; 6 PU Frente Ribeirinha Nascente da Cidade de Almada; 4 Área de intervenção.

Desenvolvido e aprovado pela Câmara Municipal de Almada o EEE, visão estratégica para uma intervenção global na Quinta do Almaraz, Cais do Ginjal e Almada Velha (Castelo), propõe a revitalização de uma extensa área de antigos usos industriais - portuários abandonada e degradada que se estende ao longo do rio Tejo, estabelecendo uma visão integrada com o território, orientando intervenções de reabilitação urbana a partir de um modelo de intervenção sustentável com instrumentos e soluções concretas, criando condições para a revitalização urbana e melhoria da qualidade de vida com pensamento nas gerações futuras. O Plano de Pormenor da Quinta do Almaraz, apoiado nestes princípios, avalia os sistemas socioculturais, económicos e ambientais e estabelece propostas equilibradas que compatibilizem as condicionantes em presença, considerando o tipo de intervenção que a área exige e as devidas adaptações à legislação em vigor .

A diversidade de usos previstos pelo EEE atribuem relevância a programas de ordem cultural como Usos Motor, num cenário equilibrado e multifuncional de usos compatíveis e complementares estabelecendo dependências e interdependências entre territórios e entre estes e a cidade consolidada. O misto de usos proposto é indispensável para a sustentabilidade deste território e deve ter um reflexo claro na arquitetura que lhe dá suporte, sustentados por um desenho urbano baseado num Micro-urbanismo mantendo presentes usos e indicadores do PDMA em vigor.

Em contornos gerais a proposta do PP propõe:

UE Quinta do Almaraz

Para a Quinta do Almaraz está prevista a requalificação e revitalização de toda a quinta, a criação de um centro interpretativo como meio para acrescentar valor cultural patrimonial e turístico, a criação de espaços exteriores que permitam a observação dos trabalhos de arqueologia que estão em execução, tirando partido das potencialidades do lugar arqueológicos, deslocar o museu arqueológico que se encontra atualmente no Olho-de-boi para este espaço. Prevê-se a resolução dos problemas de acessibilidade e estacionamento com a proposta de um silo automóvel a Nascente da quinta.

Esta unidade de estudo inclui ainda a correção do alçado tardoz dos edifícios da Carvalho Ferreirinha e a resolução do desnível acentuado criando logradouros mais generosos, a criação de ligações pedonais entre a Quinta do Almaraz e o Ginjal e entre Almada Velha e Cacilhas assim como um novo acesso viário ao Castelo.

Inclui ainda o impulsionamento da habitação jovem, a criação de comércio local, equipamentos e serviços de apoio à população, jardim público e espaço para desenvolvimento de hortas urbanas

UE Quinta do Almaraz							
Uso Motor – Centro de Interpretação							
Equipamento - Sede Agrupamento 501 Escuteiros de Cacilhas	Habitação para Jovens	Silo Automóvel	Centro de Dia Quinta dos Ingleses	Comércio e Serviços	Espaço Público Praças	Espaço Público Verde Quinta dos Ingleses	Espaço Público Verde – Sítio Arqueológico

Tab 1- Tabela de usos Previstos pelo PP para a EU da Quinta do Almaraz

UE Quinta do Castelo

Para o Castelo privilegiam-se programas hoteleiros de qualidade, pela localização privilegiada, beneficiando de um conjunto de vistas panorâmicas privilegiadas e de uma centralidade invejável. Para uma intervenção cirurgica preconiza-se uma análise em pormenor de cada um dos quarteirões, a preservação dos elementos arquitectónicos de valor patrimonial/ ambiental fazendo pequenas intervenções contemporâneas pontuais respeitando a arquitectura pre-existente, estabelecendo regras de compensações ou incentivos para cada um dos proprietários.

UE Castelo			
Uso Motor – Hotelaria			
Habitação Apartamentos Turísticos	Habitação	Comércio e Restauração	Turismo e Artesanato

Tab 2-Tabela de Usos previstos pelo PP para a UE do Castelo

UE Quinta do Almaraz

Para o Ginjal, delimitação que abriga a área de implantação da antiga Fábrica de Óleo de Fígado de Bacalhau para onde se prevê a criação de um equipamento cultural, com objetivo de trazer para este espaço uma atividade económica 'forte', já que reúne características físicas ideais para a criação de Industrias Criativas permitindo deste modo a (re)vitalização e a (re)utilização do património industrial edificado adaptando-se às características do lugar e às necessidades sociais.

Relativamente ao cais do Ginjal propriamente dito prevê-se a manutenção do seu carácter, mantendo as características do vazio presente nas fachadas como forma de assegurar a memória histórica e respeitar a lógica construtiva preservando a escala. Evitar intervenções unitárias e favorecendo a multiplicidade de intervenções de marcada qualidade arquitetónica.

No Cais do Ginjal pretende-se a manutenção da 1ª linha de fachada (edifícios de 3pisos) preservando com isso o carácter do ginjal. A capacidade construtiva de maior expressão localiza-se na 2ª linha de fachada (edifícios com mais de 3 pisos).

UE Cais do Ginjal									
Uso Motor – Industria Criativa									
Habitação	Habitação Apartamentos Turísticos	Hotelaria	Comércio Serviços	Silo Automóvel	Equipamento – Centro de Estudos da Arriba	Equipamento Casa da Juventude	Equipamento Centro Paroquial	Espaço Público Mercado das Artes	Ponto de Informação Turística

Tab 3- Tabela de Usos previstos pelo PP para a UE do Ginjal

[diagnóstico]

Para melhor compreensão da visão defendida pelo PP segue-se um conjunto de informação referente aos aspectos mais relevantes do diagnóstico efectuado a esta área de grandes contrastes, entre o conjunto complexo de problemas e debilidades de natureza sócio-urbanística e uma grande riqueza espacial e potencialidades muito fortes e únicas de desenvolvimento urbano.

	Potencialidades	Debilidades
Rede Viária de proximidade	<p>A2 – eixo de elevado fluxo, garante as ligações Norte/Sul, com especial destaque para ligação a Lisboa</p> <p>IC20 –permite as ligações transversais à Costa atlântica e à A2, alvo de melhorias ao nível das capacidades</p> <p>EN10 –permite ligações Norte Sul</p> <p>Av. 23 de Julho / António José Gomes/ Aliança Povo MFA – eixo Nascente que permite a continuidade da EN 10 até ao terminal de Cacilhas</p> <p>Av. Bento Gonçalves/ D. Nuno Álvares Pereira / D. Afonso Henriques/ 25 de Abril – eixo central de Almada principal acessibilidade à cidade.</p> <p>Garantida a ligação a várias instituições que poderão ter grande interdependência com actividades e desenvolver no local.</p>	<p>Fracos acessos e ausência de determinadas ligações viárias locais</p>
Interface Fluvial	<p>O terminal fluvial de Cacilhas oferece ligações a Lisboa. Boa alternativa face ao forte congestionamento rodoviário nos acessos à Ponte 25 de Abril, especialmente em horas de ponta.</p>	<p>Infraestruturas e equipamentos do terminal fluvial de Cacilhas antigas e degradadas</p>
Transportes Públicos Rodoviários	<p>A rede viária na Envolvente imediata à área em estudo não apresenta condições para circulação de autocarros, no entanto as paragens mais próximas não se encontram muito distantes</p>	
Metro Sul do Tejo	<p>Metro Sul do Tejo permite bons acessos para Almada e para esta zona da Cidade</p>	
Estacionamento		<p>Dificuldade de estacionamento, as barreiras topográficas e alguma falta de articulação na promoção tem limitado a sua projecção</p> <p>Estacionamento privativo no interior do lotes é no geral inexistente</p> <p>Utilização abusiva das ruas, e dos passeios com implicações na circulação de peões e de veículos.</p>
Percursos Cicláveis	<p>Rede organizada de percursos cicláveis com possibilidade de ligação e requalificação dessa mesma Rede à Cidade</p>	

Tab. 4- Tabela Síntese de Debilidades e Potencialidades, informação extraída do PP

	POTENCIALIDADE	DEBILIDADE
Rio Tejo	Elemento natural de grande importância para toda esta área, funcionando muitas vezes como alavanca para a instalação de diversas actividades que dependem directa ou indirectamente dele	
	Elemento paisagístico valioso com uma deslumbrante relação visual com o plano de água e a percepção única de Lisboa	
Almada	Sendo o principal pólo dinamizador de toda esta zona da margem Sul, com uma dimensão cultural, de lazer e actividades, bens e serviços que são gerados pelo respectivo pólo;	Degradação do edificado
Actividade Cultural	Actividade cultural com grande peso em Almada, potenciando e associativismo e a participação da população no que diz respeito ao interesse pelo desenvolvimento e 'crescimento' da sua cidade	
Quinta do Almaraz – Pólo Arqueológico	Património arqueológico de altíssimo valor	A quinta parece uma ilha onde não é fácil chegar. Estado expectante das instalações da estação arqueológica
Cais do Ginjal	Riqueza espacial única no contexto da área Metropolitana de Lisboa – identidade e a expressão urbana de excepcionalidade	Espaço Abandonado, cenário definido essencialmente pela sucessão de armazéns industriais
	Conforto bio-climático ao longo de todo o ano	Degradação do edificado
	A sua interposição como 'proa visual', no sentido nascente, provavelmente única, progressivamente deixando descobrir o Mar de Palha, avante e em estibordo, e a foz do Tejo, a bombordo	Acessibilidade actual é muito ilimitada, resultado do perfil trasnversal da via e do estacionamento desordenado junto ao interface rodo-fluvial

Tab. 5- Tabela de elementos estratégicos – Polos de atracção, informação extraída do PP

	POTENCIALIDADES	DEBILIDADES
Arriba	Excelente elemento Natural para estudo – Laboratório natural de investigação/ monitorização de processos actuais de dinâmica de vertentes	Problemas de instabilidade associados Às características geomorfológicas das formações rochosas e terrenos
Estrangulamento do Rio Tejo	Possibilidade de estabelecer ligações fluviais alternativas em transporte privado, entre Cacilhas/ Ginjal e diversos locais da frente ribeiriña de Lisboa: Belém, Alcantara, Cais do Sodré, Santa Apolónia e Parque das Nações	Força das correntes resultantes do fluxo e refluxo das marés do Oceano Atlântico e do fluxo das águas fluviais Tremendas dificuldades a que qualquer ampliação estaria sujeita Condições atmosféricas adversas no Inverno, sobretudo de nevoeiro, e vento (ondulação) condicionam as travessias.
Quinta do Almaraz	Topografia em desnível ascendente de Sul para Norte Vistas a partir do interior da quinta são surpreendentes pela sua abrangência e diversidade. Na cota mais elevada, no limite Poente, a vista abrange os 360º, com o Cristo-Rei a Poente, Lisboa a Norte, o Mar da Palha a Nascente e, a Sul, os telhados da cidade de Almada	

Tab. 6- Tabela de Geomorfologia do Terreno , informação extraída do PP

Neste contexto é necessário referir que o próprio PP, por estudos realizados, tem em conta os locais em que é necessário intervir sobre a arriba, com objectivo de proteger as zonas a edificar, propondo à partida medidas de protecção da mesma. Entre as soluções propostas encontram-se sistemas constituídos por malhas em rede de vários graus de resistência e rigidez, e sistemas de ancoragem definitivas com controlo por células de carga e levantamento topográfico permanente, indicando que na maioria dos casos serão implementadas soluções do tipo de protecção com betão projetado com pregagens e ancoragens, sendo que em algumas zonas será provavelmente aconselhável introduzir sistemas como muros de contenção do tipo Berlim.

	POTENCIALIDADES	DEBILIDADES
Ventos Forte	A Sul, está-se protegido dos ventos frios do Inverno	
Qualidade do Ar	A área de intervenção não apresenta problemas de poluição atmosférica sensíveis	
Qualidade da água	Não revela indícios de contaminação para a totalidade dos parâmetros, sendo ainda de referir que não se detectaram indícios de contaminação de origem doméstica e que os níveis de oxigénio medidos foram relativamente elevados	As condições de ensombramento, de humidade e de exposição aos ventos de Norte no Ginjal
Ruído	Níveis de ruído predominantemente inferiores a 50db em período diurno a 45db em período nocturno	

Tab. 7- Tabela de condições climáticas e ambientais, informação extraída do PP

	POTENCIALIDADES	DEBILIDADES
Residentes	Tradição de dinamismo cultural de Almada ao nível das artes plásticas e do espetáculo	Variação negativa da população residente entre 1991 e 2001 com um decréscimo demográfico mais acentuado em Cacilhas
Estrutura Etária		Almada velha é a que se apresenta como a mais envelhecida acima do padrão encontrado nas freguesias de Almada, de Cacilhas e na cidade
Educação		O perfil social da população residente na área em estudo detém em nível médio de escolarização bastante inferior ao registado no restante território da cidade
Emprego		Aumento significativo da população não-activa

Tab. 8- Tabela de condições sociais, informação extraída do PP

FORÇAS	FRAQUEZAS	OPORTUNIDADES	AMEAÇAS
Local de passagem intencional, vista privilegiada, de grande beleza e qualidade paisagística sobre Lisboa	Ambiente degradado e inseguro	Caracterizado por edifícios industriais, num 1º plano da frente ribeirinha, marcantes no espaço, pés direitos generosos, coberturas- vigamentos em madeira	Terreno desenvolvido entre a cota 0 e 80m, reduzida aptidão urbanística e restrições à ocupação e uso do solo
Sítio de características únicas ao nível da morfologia e da paisagem	Acessibilidades limitadas e difíceis	Edifícios de armazéns encerrados sobre si, 'cegos' para o rio, com amplos vãos a tardoz, melhores condições climáticas e em estreita ligação com o rio	Proximidade ao previsto complexo da Margueira com grande oferta de habitacional, comércio e serviços
Longa tradição de lugar de lazer e de passeio com Lisboa como horizonte	Efeito de 'ilha', sem ligações ou articulações com a envolvente urbana imediata	Melhores condições nas fachadas expostas a Sul, pátios e frentes mais abertas dos edifícios tardoz	
Forte identidade e de grande riqueza de património de arqueologia industrial e de memória local	Efeito barreira topográfica exercido pela arriba, que impede a relação franca entre o Ginjal e a Cidade	Reduzidas ou inexistentes pressões imobiliárias por ser uma área com acessibilidade muito condicionada e com problemas urbanísticos	
Localização geoestratégica privilegiada e de grande riqueza espacial	Edifício de uso industrial em bastante degradado	Proximidade com Lisboa a Universidade do Monte da Caparica	
Transportes públicos regulares via terrestre e fluvial para Almada e outras zonas Sul do Tejo e para o Centro de Lisboa.	Infraestruturas urbanas básicas inexistentes ou com grandes limitações		
Grande potencial turístico, de receio e lazer, condições favoráveis à vivência deste espaço através do desfrutar do rio e da paisagem da frente ribeirinha de Lisboa	Grande número de edifícios colapsados e em ruína total, sobretudo na 2ª linha da frente ribeirinha		
	Espaço urbano pouco vivenciado; espaço de não permanência		
	Frequentes condições atmosféricas desfavoráveis, temperatura, vento e humidade do ar, correntes fortes e perigosas, pala oscilações da marés		

Tab. 9- Tabela com principais potencialidades e Debilidade referente à UE Cais do Ginjal , informação extraída do PP

"Gostava de habitar espaços deteriorados, degradados... habitá-lo, mas deixá-lo quase como está e pôr só objetos que me apetecessem, quase como uma casa em que já não existe teto, as janelas já estão emparedadas, com paredes em ruínas, seja o que for... Habitar aquela casa como se ela estivesse impecável. Fascinam-me muito esses espaços, talvez tenha também um bocado a ver com o tempo, o tempo a passar, mas não fabricado. Esse sinal da passagem do tempo é uma coisa que me fascina... Quem é que viveu já ali?!... As memórias, as energias que ainda lá existem..."

(Roriz, 1998)¹⁵

¹⁵ RIBEIRO, J.M., Conversa com Olga Roriz, 15 de Setembro de 1998, in RIBEIRO, J.M., *Arquitetura e Cenografia*, Ed. XM, Coimbra, Portugal, 2003, p.40

[5] PROJETO



Fig.5- Vista panorâmica de enquadramento da área de intervenção, a partir do cais do Ginjal, fotografia do autor

[OBJETIVO]

*"O tempo de vida das cidades tende a ser mais longo do que o tempo de vida das pessoas. Assim sob condições de aceleração tecnológica como nos tempos modernos, o desenho espacial que uma geração concebe como capaz de aplicar as liberdades, a uma outra, com outros recursos, parecerá sufocante, inadequado e obsoleto. Nesse sentido, quanto maior a intervenção ou modelação estrutural do espaço coletivo, maiores os entraves para o futuro"*¹⁶

Muitas cidades convivem numa mesma cidade, como alertava Calvino.¹⁷

Encarar a arquitetura como uma produção temporal com diferentes fases evolutivas. A arquitetura esta sujeita a processos de transformação, mudanças ou distorções, definidas por uma idealização inicial, desenvolvimento gráfico, materialização das formas físicas, utilização, dissolução material (recuperação, reestruturação, abandono, ou no limite a demolição, sendo a memória o que permanece a memória. A capacidade de determinado projeto incidir sobre determinada realidade, coloca em movimento um processo de transformação que pretende e pode realmente conduzir ao o seu enriquecimento.

O processo dinâmico de modificação da realidade social parece requerer, à arquitetura uma capacidade continua de adaptação às mudanças que acontecerão a partir do fim da edificação em consequência da série de condições frequentemente impossíveis de prever na fase de projeto. O objeto arquitetónico tem de comportar em si a possibilidade de acolher mudanças que se produzirão

¹⁶ SEVCENKO, N: *O futuro da Cidade tal como vista por Kafka do alto da Torre de Babel*, Correio Braziliense, Brasília, 2 Set 1994

¹⁷ "Calvino referia-se às cidades como palimpsestos, raspando-lhes a face vamos dar em outra que se abre despojada e outra mais e mais outra que se abre despojada e outra mais e mais, até ao infinito... As cidades não são mágicas. Não são fantásticas. Não são indícios de uma evolução humana. O próprio Calvino diria: não existe linguagem sem engano. As cidades são a medida exata do Homem que temos hoje. Este homem tão afeito ao racional que consegue desconquistar-se. Raspando a face do que nos mostra o quotidiano damos em um imenso vazio desconfigurado." (MARTINS e WILLER)

O palimpsesto significa o pergaminho do qual se apagou a primeira escritura para registo de outro texto. Generalizado nos séculos VII a IX com a escassez de pergaminhos foi necessário fazer a sua reutilização. Apagando através de raspagem os conteúdos antigos, sobrepunham-se novos. A raspagem de um não conseguia eliminar completamente todos os caracteres, mantendo-se muitas vezes visíveis possibilitando a sua recuperação. Há uma escrita que se oculta sobre outra, mas que deixou traços, pegadas escondidas, que é possível descobrir.

no tempo, através de uma configuração arquitetônica que seja simultaneamente estável e flexível, com capacidade de dar resposta ativa às sucessivas adaptações que se produzam sobre o seu corpo. Dando origem a estruturas de arquitetura aberta.

Através de uma estratégia de intervenção diferenciada, sem preconceitos ideológicos relativamente à estrutura pré-existente, estabelecer uma continuidade entre ambos os elementos, dando resposta a lógicas e funcionalidades adaptadas, recorrendo a técnicas construtivas que permitam a qualquer momento remover a estrutura sem recorrer a técnicas agressivas quer para a estrutura pré-existente, quer para a envolvente Natural.

Ter presente a ideia de transitoriedade para implementar uma estratégia de projeto orientada para a reversibilidade, procura manter-se a identidade e a memória coletiva. Respeitando os usos propostos pelo Plano de Pormenor, adequando o programa à área disponível evitando que as novas adições se sobreponham ou anulem a identidade do local. Introduzindo melhoramentos à arquitetura pré-existente para que esta se torne confortável e funcional o suficiente para garantir o conforto dos utilizadores, não objetando com isso musealizar a estrutura da fábrica, mas tirar partido das suas características e potencialidades espaciais para em concordância com a nova estrutura dar resposta ao programa novo delineado.

Integrando produz-se a exaltação recíproca entre o edifício existente e a nova proposta – intervenção. A nova construção será sempre algo permanente – para um determinado momento.

[PRÉ-EXISTÊNCIA]

[corpo principal]

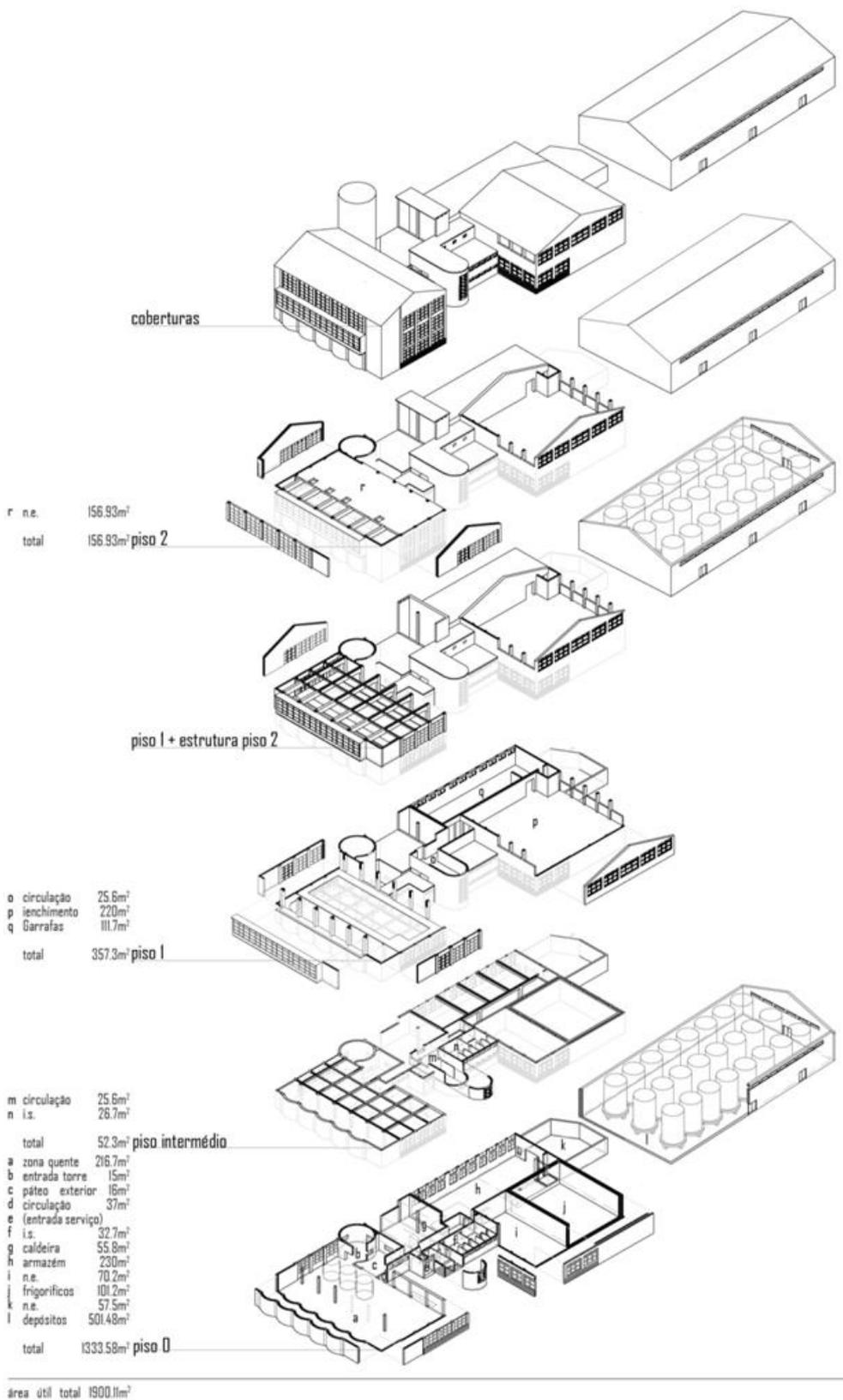


Fig. 6- Axonometria da pré-existência (corpo principal) com indicação de funções e áreas úteis por piso

Na torre encontravam-se dois reservatórios para água salgada e água potável 50m³ e 20m³, para alimentação de máquinas, serviços higiénicos e de incêndio coroada com para-raios e sinalizador elétrico, aproveitada para arrecadações, com pavimentos ao nível dos pisos do corpo principal. Em ligação com esta encontravam-se as caldeiras,

O piso térreo seria ocupado pela a câmara frigorífica, pelos depósitos de óleo, armazém e casa da máquinas frigoríficas; Em comunicação com este piso por meio de um monta cargas no piso I funcionavam as secções de lavagem e secagem de garrafas e de enchimento.

As instalações sanitárias para funcionários encontram-se numa posição central divididas em dois pisos (piso 0 e intermédio). Paralelamente a esta função encontram-se a escada de acesso com a amplitude indispensável ao escoamento do pessoal.

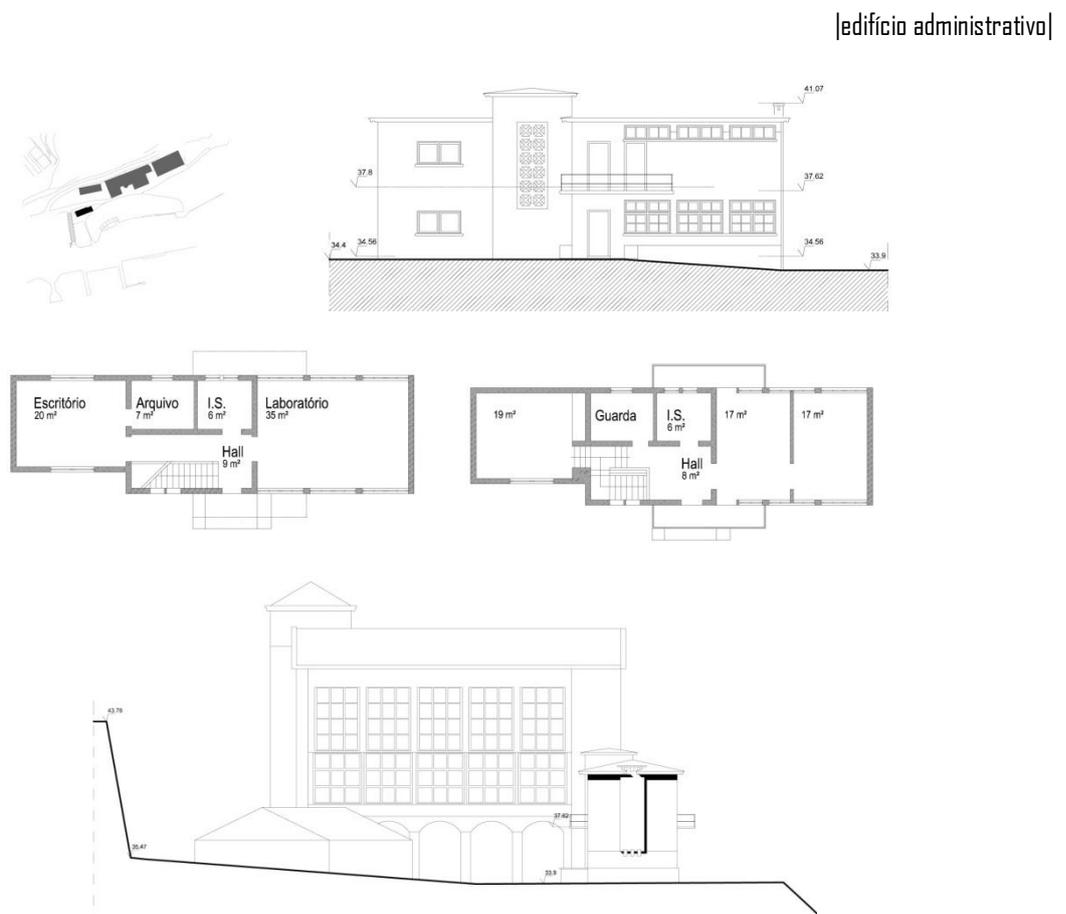


Fig. 7- Pré-existência (serviços administrativos) com indicação de funções e áreas úteis por piso

Os "serviços administrativos" compostos por escritório e um laboratório separados por vestíbulo, um pequeno arquivo e as indispensáveis instalações sanitárias no primeiro piso. No segundo um gabinete para a direção podendo funcionar como "sala de projeções", de um pequeno vestíbulo, de um quarto para o guarda e de instalações sanitárias com a respetiva distribuição de águas e de esgotos.

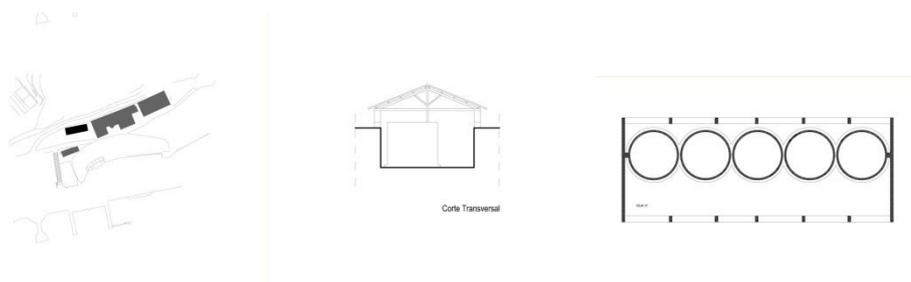


Fig. 8- Pré-existência (corpo semi-enterrado) com reservatórios cilíndricos de betão.

| materialidades e técnicas construtivas |

Tal como referenciado na Memória descritiva que acompanha o processo de projeto redigida pelo Engenheiro Coutinho, os processos construtivos aplicados, são muito semelhantes aos típicos de uma arquitetura industrial da era do betão. O conjunto edificado assenta sobre fundações de betão armado e é elevado através de pilares da mesma natureza que se apoiam sobre estes. As paredes interiores e exteriores são constituídas de alvenaria de tijolo maciço furado ou simplesmente furado utilizando como argamassa cimento e areias. O rebocos de cal adicionada à argamassa de cimento e areia dá o acabamento aos paramentos verticais.

Relativamente aos pavimentos interiores, apoiados sobre estruturas de betão armado, são constituídos por mosaicos cerâmico, hidráulico, de tacos de pinho com cola asfáltica.

Os vãos de janelas, do corpo principal, são guarnecidos com caixilharia, tipo "gracifer"¹⁸. Nas restantes instalações, foi aplicada a madeira de casquinha em todos os limpos exteriores, incluindo os vãos de portas das instalações industriais. Interiormente será empregada a madeira de pinho.



Fig. 9- Recolha de imagens do local de intervenção, respetivamente, i1 alvenaria de tijolo furado, i2 Elementos metálicos para encerramento parcial de vão, i3 caixilharia tipo 'Gracifer', i4 estrutura de betão armado pilar viga, fotografia do autor.

¹⁸ Caixilharia tipo 'gracifer' (assim descrito na memória descritiva), refere-se a uma caixilharia em betão, fazendo referência a esta marca como termo de comparação.

Como é possível constatar pelo diagrama que se segue, o conjunto edificado alvo de intervenção é constituído por 4 volumes distintos, donde o 1 servia as questões administrativas, o 2 abriga cinco cilindros de betão, o 3 corpo principal onde decorriam funções de lavagem, enchimento, processamento do produto e respetivos serviços industriais e o corpo 4 abriga um conjunto de depósitos cilíndricos de metal. Que serviam para armazenar o óleo de Fígado de Bacalhau.



Fig. 10- Diagrama de implantação de conjunto edificado

Como a maioria dos exemplos da arquitetura industrial, pelas características que apresenta o terreno e por questões de carácter funcional, os volumes encontram-se dispostos longitudinalmente afastados entre si.

A espacialmente o edificado segue características de um edifício industrial com pés direitos generosos nas naves principais e áreas amplas, os espaços que dão resposta aos serviços, por contraste, apresentam áreas mínimas quer de circulação quer de pé-direito.

Presentemente o conjunto arquitetónico reflete os sinais do abandono pela degradação das estruturas, revela problemas de infiltração por as suas coberturas se encontrarem em estado de degradação bastante avançado e não cumprirem as suas funções pelo que, a sua substituição é inevitável.

Feita a uma análise ao estado da pré-existência foi fácil perceber que todas as coberturas necessitam ser revistas, ou pela simples substituição ou pela apresentação de uma nova proposta que se sobreponha à estrutura pré-existente, como seja a adição de volumes. Alguns elementos estruturais, como é o caso de alguns pilares de suporte dos pisos superiores do volume principal (3), foram removidos.

Ao nível do encerramento de vãos, as portas são praticamente inexistentes, em relação às janelas são poucas as que ainda possuem vidros, as caixilharias de betão, estão também elas bastante danificadas, inviabilizando a sua reutilização.

No que refere aos pavimentos, apresentam alguns sulcos que resolvem questões técnicas, sendo necessário no novo projeto encontrar uma solução para que não constituam pontos de insegurança.

Pela sua antiguidade e debilidade as infra-estruturas elétricas necessitam de uma reposição integral. A pré-existência não inclui qualquer instalação para tratamento e renovação do ar, questão muito importante para a nova função que será atribuída a este conjunto edificado.

Relativamente ao edifício que respondia às questões administrativas, possui características e dimensões de espaço habitacional. A sua relação com restante conjunto torna-se bastante débil, por se tratar de um elemento com reduzido valor arquitetónico, pela sua escala reduzida e pela própria implantação, anulando-se na leitura de conjunto ou de componente de uma unidade.

Feito um olhar crítico e consciente sobre a pré-existência, considerando as debilidades anteriormente referidas, não foi difícil concluir que para fazerem cumprir novas funções neste conjunto edificado será inevitável a intervenção em todas as coberturas. Melhorando as planas, pela correção das inclinações, introdução de telas de impermeabilização, introdução de isolamento térmico, e quando se justifique de um pavimento que as torne acessíveis. Relativamente às coberturas de duas águas, pretende-se a substituição da estrutura e revestimento existente, privilegiando-se a opção por materiais leves de forma que não se tornem pesos adicionais excessivos para a estrutura existente.

Todo o Projeto pretende ser de respeito máximo pela pré-existência, evitando-se a todo o custo demolições, quer no interior, quer no exterior.

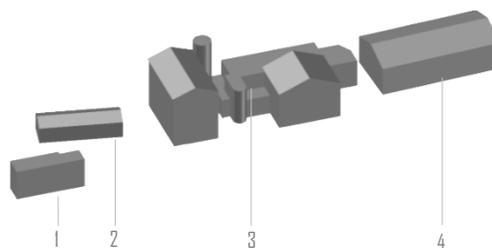


Fig. 11- imagem tridimensional representativa da volumetria da pré-existência

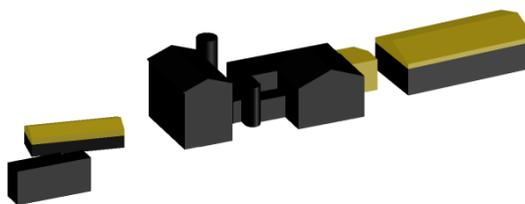


Fig. 12- Pré-existência com indicação das áreas a demolir

A único volume demolido integralmente será um pequeno elemento adoçado ao corpo principal (3), indicado na figura, por ser completamente descaracterizado arquitetonicamente e para nesse ponto resolver parte no novo programa. Relativamente às coberturas dos volumes (2) e (4), como todas as outras serão removidas, no entanto estes casos não irão manter a linguagem presente na pré-existência sendo necessário remover a empena parcialmente.

'Intervalo conceptual a montante do projeto, nele se conformam escolhas e decisões que remetem para arquétipos ou invocam experiências também elas decomponíveis em partes tipificáveis, suscetíveis de serem, ilustradas - para avaliação, comparação ou sugestivo esclarecimento - pelo recurso à História da arquitetura Recente ou longínqua na localização do referente.

A informação, primeiras ideias difusas sobre a obra a realizar, enuncia os princípios fundamentais para o estabelecimento da relação entre as partes e as suas hierarquias e funcionalidades gerais e específicas. Remetem para o conjunto de regras (regulamentos) e relações com o lugar de acolhimento. E assim, pela trama de referências que contém e suscita, nele se define o objetivo primeiro que se pretende alcançar pela inserção pública e cultural da obra, isto é, Utilitas.

(Guimarães,2004)

|novo programa|

Em concordância com as funções propostas pelo EEE e acentuados pelo Plano de Pormenor a antiga Fábrica de Óleo de Fígado de Bacalhau irá vestir-se de novo para dar lugar a um programa de índole cultural – artístico - criativo como uso motor, alavanca para o surgimento de novas funções e novas dinâmicas espaciais e sociais quer na área de intervenção quer na sua envolvente direta.

Pretende criar-se um ambiente direcionado para as artes, tendo como base um programa museológico, polo expositivo extensão de um Museu com alguma importância e valor cultural como é o caso da Coleção Berardo, atualmente aberta ao público no CCB (Centro Cultural de Belém). Esta opção foi levantada pelas relações que podem estabelecer-se entre ambos os polos (Belém e do Ginjal), pela proximidade que ambos têm com diferentes margens do rio Tejo, podem tornar-se pretexto para uma nova ligação fluvial 'turística', dando origem a uma nova dinâmica entre ambas as margens.

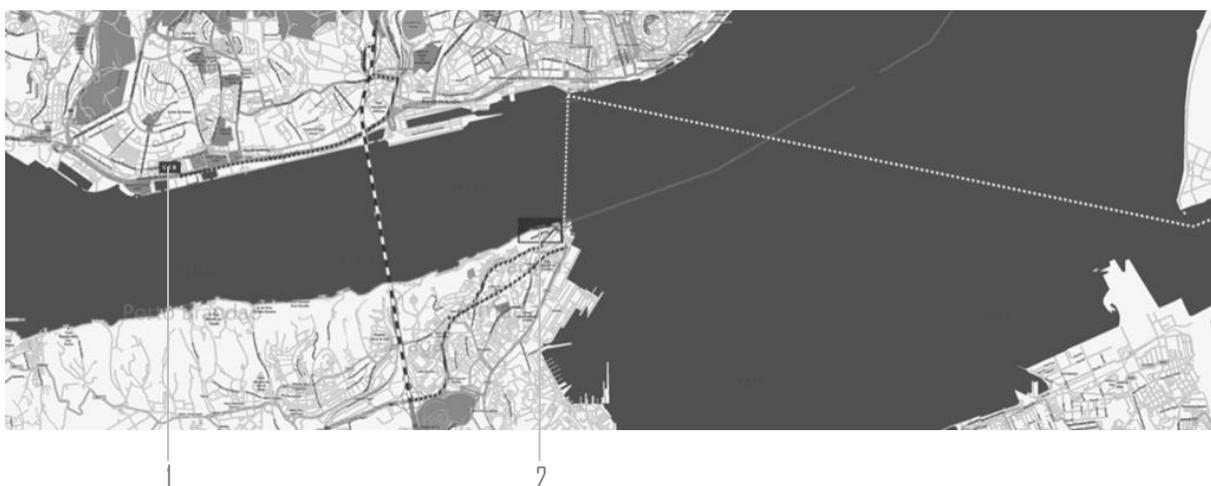


Fig. 13- Relação entre o Ginjal (área de intervenção) e Lisboa, (1)CCB, (2)Novo Pólo Expositivo

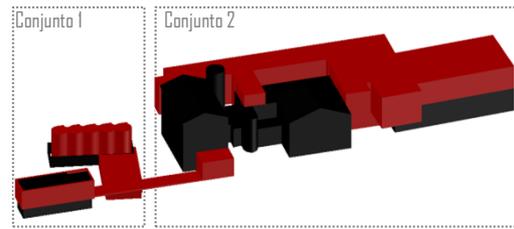


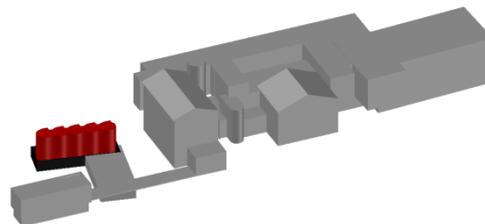
Fig. 14- Imagem representativa do novo projeto com indicação dos conjuntos

Conjunto 1

Composto por 3 volumes, dois pré-existentes e um novo, (o das residências, o da loja e o da cafeteria/ restaurante), este conjunto define, pela sua disposição no terreno, o recinto de acolhimento do museu.

A organização funcional definiu-se, de forma quase instantânea, pela escala reduzida e características dos edifícios disponíveis que assim o exigiram e porque deste modo se reúnem as funções do programa cujo horário de funcionamento e condicionamento de acessos não tem de ser restringido pelos do museu propriamente dito, deste modo cada um destes elementos pode funcionar isoladamente, como unidade independente e com horários distintos.

RESIDÊNCIAS

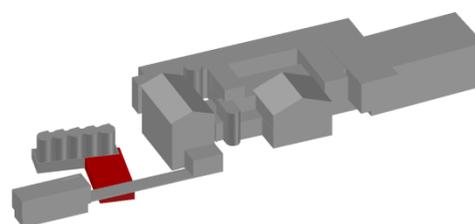


el	RESIDÊNCIAS temporárias para artistas (silos)	C.v. esc. Int.	Piso 0	Espaço de dormir + higiene	10.7 m ²
			Piso 1	Entrada+ zona de estar + refeições	9.5 m ²
					área por residência 20.2 m²

Situado a nascente do conjunto, o volume semi-enterrado de planta retangular construído em alvenaria, encerra em si cinco silos de betão armado com 2m de raio, 15cm de espessura, e 3.5m de altura. Originalmente usados como depósito para líquidos, assumem neste projeto uma nova identidade ao se converterem em colunas de aproximadamente 7,3 m de altura, cujo revestimento exterior translucido com iluminação incorporada, desenha o corredor de acesso ao museu propriamente dito. Divididos em 2 pisos, cada cilindro adquire a função de habitação mínima – para receber por curtos períodos de permanência a comunidade criativa que esteja a desenvolver projetos no museu. O acesso ao interior de cada

habitação é feito a sul, por entradas independentes através de um novo passadiço metálico ao nível do piso I. De forma resguardada oferecem a privacidade desejada a cada um dos moradores. O piso I, de chegada, alberga as funções de estar, confeção e armazenagem alimentos. Os pisos são ligados por uma escada interior que acompanha a curvatura do plano exterior. O piso 0, por ser encerrado ao exterior - com exceção de uma pequena fresta, incorpora as funções mais íntimas, como as áreas de descanso e higiene. O desenho do espaço interior, essencialmente em madeira, foi pensado no sentido de rentabilizar ao máximo a área disponível, através da introdução de elementos que se abrem e fecham de acordo com a necessidade, alçapões e portas dissimulam espaços de arrumação e oferecem maior riqueza funcional, facilitando a vivência no espaço.

CAFETARIA/ RESTAURANTE



e2
CAFETARIA .
RESTAURANTE
(Nova)

C. v. escada exterior acesso
passadiço

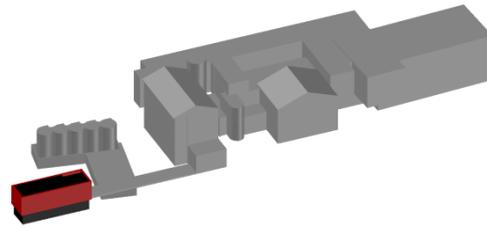
Piso 0

	Acesso de Serviços . Cargas e Descargas	32.4 m ²
	Lixos	7.2 m ²
	Arrumos	21.82 m ²
Cozinha	Limpos	19.3 m ²
	Sujos	
	Atendimento	11.8 m ²
	Espaço Funcionários	13.6 m ²
	i.s. públicos	25 m ²
	Zona de estar	102 m ²
		área 250 m²

Novo volume, parcialmente enterrado implantado numa área de terreno livre entre as residências e a loja. O novo edifício de piso único vence o desnível de terreno ente a zona de chegada e a cota de entrada no museu. A entrada para este espaço é feita por extremidades do edifício opostas entre si, sendo um dos acessos de serviço (para funcionários e cargas e descargas) junto ao edifício das residências, e a outra entrada, para o público, junto ao edifício da Loja.

Sendo parcialmente enterrado as áreas de serviço distribuem-se na parte do edifício sem vistas, cuja iluminação natural se faz através de aberturas zenitais. A zona de estar - pública projeta-se sobre a encosta parcialmente em consola num volume envidraçado em todos os seus limites, permitindo desfrutar de uma vista panorâmica sobre a cidade de Lisboa.

LOJA



e3	LOJA (antigo ed administrativo)	C. v. escadas . interior	Piso 0	circulação	8 m ²		
				Espaço comercial	64 m ²		
			i.s apoio funcionários	7.8 m ²			
							área piso0 80. m ²
			Piso 1	Administrativo	34.4 m ²		
				Armazém de stock	33 m ²		
				Circulação	10 m ²		
							área piso 1 77.5 m ²
							área 157.5 m²

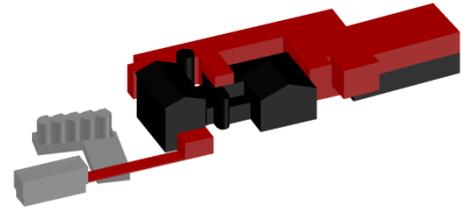
A Loja do museu vem dar vida ao edifício onde funcionavam os serviços administrativos da antiga Fábrica. Edifício que apresenta uma características de edifício habitacional, de escala e desenho arquitetónico completamente díspar relativamente ao restante conjunto. Pelas dimensões dos espaços interiores e as limitações dos acessos verticais, optou-se por colocar no piso térreo as funções de exposição e venda (loja propriamente dita) e no piso I as áreas administrativas e de arrumos. A compartimentação do espaço mante-se como no projeto original. A nova função do projeto é essencialmente resolvida com melhoramentos ao nível dos acabamentos, como os pavimentos, e a introdução de mobiliário. Pelo exterior é feita a substituição integral das coberturas e caixilharias. Para que este elemento arquitectónico passe a conviver com os outros como parte de um todo é revestido, ao nível do piso I, com fachada ventilada em U-glass com iluminação incorporada, expressão visual adotada para as novas adições no projeto do museu.

ÁREA DE IMPLANTAÇÃO DO CONJUNTO I 535 M²

Tab. 10 a- Tabela descritiva do novo programa a cumprir com especificação de áreas e funções por pisos e por volume

CONJUNTO II

MUSEU



Museu, com todas as áreas de acesso, recepção e respetivos apoios, tratamento, organização e exposição das obras de arte, vai ocupar as antigas instalações da antiga fábrica propriamente dita.

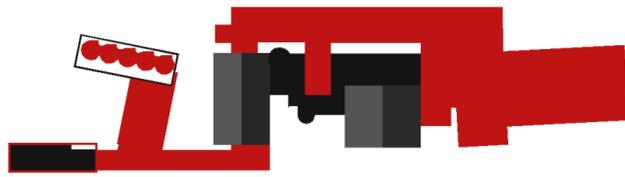
Accede-se a este edifício pela cobertura do volume da cafetaria e através de um passadiço que surge no limiar do terreno, que une ambos os conjuntos, funciona como elemento de segurança e elemento de *promenade architecturale*¹⁹ de contemplação da paisagem. As áreas da pré-existência revelaram-se diminutas para albergar um programa desta natureza, daí a necessidade de propor novas volumetrias adoçadas a este conjunto. Estas surgem no preceito de dar resposta e viabilizar o novo programa num sentido de convivência mutua. A pré-existência mantém-se o mais possível intacta, tendo em conta as condições de degradação que ao momento apresentava, essencialmente ao nível das coberturas e do encerramento de vãos cuja substituição integral se tornou inevitável. As novas volumetrias vêm solucionar questões de acessos e questões de ordem técnica, no que refere à renovação e tratamento do ar, sanitários, e ao nível dos espaços expositivos, que se tornam mais completos e mais ricos. O piso zero é ocupado por todas as funções de recepção, tratamento e acondicionamento das obras assim como todas as áreas de serviços que estas implicam, sendo os restantes pisos definidos essencialmente por áreas expositivas. O Edifício principal do conjunto que detém a maior importância, ao nível da tipologia industrial que representa, mantém-se intacto na sua forma, desempenha funções de recepção e distribuição das pessoas, incluindo áreas de bengaleiro e bilheteiras, foi adicionado meio piso em mezanino e um elemento de acesso vertical que o une aos pisos expositivos. As circulações verticais mecânicas foram incorporadas na torre, onde existia antes o reservatório de água, e num outro 'poço' que também na pré-existência desempenhava a mesma função, ambos fazem a ligação entre todos os pisos do museu. A proposta sobre as construções da pré-existência passou por limpezas e trabalhos de manutenção simples no que se refere aos paramentos verticais, pela substituição integral de coberturas e caixilharias, com o intuito de viabilizar o programa que agora se propõe e melhoramento dos pavimentos, uma vez que na pré-existência se apresentam bastante irregulares constituindo em si fator de insegurança ao tráfego de pessoas, as restantes soluções de compartimentação espacial é feita com recurso a soluções leves e totalmente amovíveis. A nova adição, volume que acompanha todo o conjunto longitudinalmente e que surge entre a arriba a sul e a pré-existência cruzando esta em 3 pontos de contacto onde se resolvem as questões de acessos verticais e passagem de tubagens e infra-estruturas técnicas, é essencialmente opaco a sul limitado pela arriba e a Norte é caracterizado por uma fachada contínua em u-glass branco translucido interrompido esporadicamente por fenestrações onde se criam pontos de fuga para a

¹⁹ *Promenade architecturale* conceito utilizado por le Corbusier para descrever um passeio arquitetural

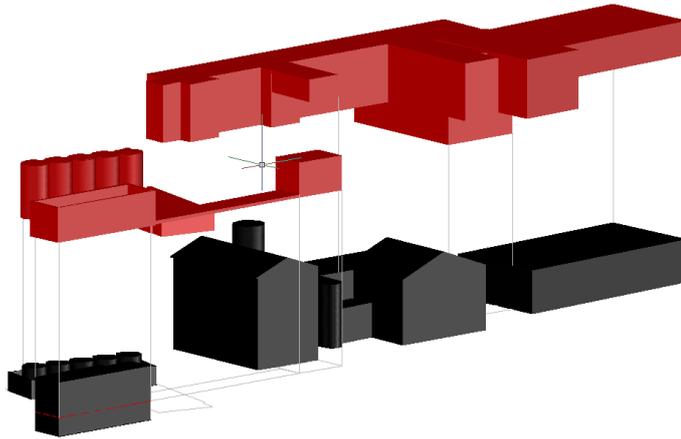
paisagem e relações visuais com partes do edificado. O completo envidraçado orientado a Norte comporta para o espaço interior uma iluminação natural indireta e constante como se pretende em espaços cuja função é essencialmente expositiva. A área expositiva propriamente dita é constituída por painéis amovíveis que se movem através de calhas existentes ao nível do pavimento e dos tetos, que quando inutilizados adóçam às paredes cegas do edifício, criando-se desse modo um sem número de opções espaciais e soluções expositivas.

MUSEU	C.V. mecânicas (3) 1 mercadorias 2 transporte pessoas	C.V. escada interior (3 núcleos)	Piso 0	Movimento e tratamento das obras de arte	Cargas e Descargas, movimento das obras						
					Caixas de transporte	490 m ²					
					Cofre reserva						
					Oficinas de reparação e restauro						
					Gabinetes de apoio (2)						
					Serviços	Instalações sanitárias funcionários	179 m ²				
						Espaço multiusos funcionários cacifos reuniões pequenas refeições estar					
						Pátio		15.6m ²			
					Espaço Museológico	Receção . Bilheteira. Bengaleiro. Info.	230 m ²				
						Espaço de transição	44 m ²				
						Galeria Expositiva . espaço silos	500 m ²				
					1460 m²						
					Piso intermédio	Apoio Espaço Museológico	Instalações sanitárias	25 m ²			
							Circulação	27 m ²			
					52 m²						
Piso 1	Espaço Expositivo	Espaço expositivo circulação	1100 m ²								
		Instalações sanitárias	50 m ²								
1150 m²											
Piso 2	Espaço Expositivo	Galerias Expositivas	1130 m ²								
		Espaço expositivo circulação									
		Pátio Exterior	114 m ²								
1244 m²											
ÁREA DE IMPLANTAÇÃO CONJUNTO 2 2220 m²											

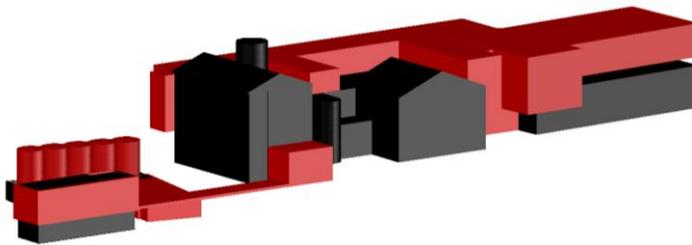
Tab. 10 b - Tabela descritiva do novo programa a cumprir com especificação de áreas e funções por pisos e por volume.



i1



i2



i3



i4



i5

Fig. 15 – Esquema de pré-existência (negro) com novos volumes a (vermelho) |i1| Planta; |i2|Axonometria explodida; |i3| Axonometria; |i4| Alçado Norte; |i5|Alçado sul

'De origem ocidental, o museu afirmou-se como uma criação cultural urbana cuja função e importância é desde sempre interrogada, paralelamente à sua progressiva afirmação de lugar de cultura, de conhecimento, de ilusão e metáfora do mundo de ressonância e de poder.

As suas inserções urbanas, as formas e suportes físicos e arquitetónicos que permitiram a espacialização das suas materializações foram um tanto ou quanto as razões da sua existência, objeto de progressiva descoberta, empiricamente detetada nas primeiras escolhas dos espaços para guardar e expor, evoluídas pela formulação dos desejos programáticos, enumerando as características e qualidades dos novos espaços a criar.

(...) O museu oferece-se como um campo de representação onde é possível constatar, analisar e refletir sobre questões que atravessam verticalmente a sociedade contemporânea, ... como programa aberto à realização de experiências de forte expressividade e ensaio arquitetónico.²⁰

As cidades, onde se concentra a maioria da população Europeia, adquirem cada vez mais um crescente protagonismo e afirmação, pelas as actividades económicas, investigação e inovação, tornam-se cada vez mais competitivas internacionalmente, com cidades de diferentes países.

Atendendo ao impacto e relevância que acarretam este tipo de projetos para a cidade contemporânea, esta postura competitiva das cidades, faz muitas vezes com que encontrem na arquitetura um meio para a sua divulgação e marketing, promovendo objetos arquitetónicos como incentivos ao turismo e pretexto para a sua dinamização.

O museu de certa forma banalizado, converteu-se numa das tipologias adotadas para responder a este tipo de necessidades. Construindo-se projetos museológicos megalómanos, que pelas avultadas necessidades de manutenção, tendem a converter-se, especialmente em períodos de carência económica – como os que ora atravessamos, em pesados fardos para as economias locais, já que parte deles são de gestão pública. Os meios económicos necessários para que tais construções se justifiquem e mantenham, não sendo devidamente ponderadas, pode ser fator determinante para que se convertam nos chamados 'elefantes brancos'. Que pela ausência de usuários, ou pelo incapacidade de dar resposta a novas dinâmicas acabam inviabilizados ou abandonados.

O olhar atento sobre a história da arquitetura no geral e sobre a arquitetura industrial, deixa-nos alerta para um sem número de exemplos construídos que pelos mais variadíssimos motivos, perderam as suas funções iniciais e são deixados à mercê dos

²⁰ p. 18

agentes naturais, independentemente do seu significado ou valor patrimonial, são testemunhos dos hábitos humanos que se convertem em lixo urbano.

Pelas suas características dimensionais pode constatar-se rapidamente que a área edificada disponível na pré-existência, e pela escala dos espaços que apresenta confrontada com programas museológicos, pode constatar-se a necessidade de criar mais área de forma a fazer cumprir um programa equilibrado. Questão que pretende fazer-se de forma ponderada e consciente evitando densificar demasiado a área em intervenção.

As novas adições surgem para dar resposta a necessidades funcionais e a questões de ordem técnica como o tratamento e renovação do ar e outras infraestruturas técnicas aliviando desse modo o 'peso' exercido sobre a estrutura existente.

| REVERSÍVEL | TRANSITÓRIO |

"Constatar o Absurdo na Vida pode não ser o fim, mas apenas o começo."

Albert Camus, (1998:136)

|noções|

Arquitetura transitória caracteriza-se pela condição de impermanência como afirma (Paz,2008), num sentido mais lato e pela incerteza que caracteriza a durabilidade da arquitetura bem como de todos os objetos que compõem a vida do homem pelos mais diversos fatores que condicionam a sua viabilidade, a larga escala toda a arquitetura é transitória, se esta ideia se assumir demasiado imprecisa poderemos cingir-nos unicamente ao caráter funcional.

No sentido lato poderemos encontrar efemeridade e mobilidade em tudo. Quanto menor o tempo de permanência de uma construção no espaço, maior a sua sensação de efemeridade. Habitualmente recorre-se à arquitetura efémera, quando se pretende melhorar a performance de um lugar para um fim igualmente temporário, isto é quando à partida se estima um período de tempo para a sua permanência.

O que define os contornos de uma arquitetura efémera é a noção de temporário – durabilidade real, tornando-se apenas efémera quando se desfaz de um dado lugar, eliminando assim a possível ideia de que a esta nomenclatura se possa referir diretamente à tecnologia construtiva. É a desconstrução da arquitetura que a torna efémera. Um objeto constitui-se assim temporário quando demolido ou esgotado pela funcionalidade que acarreta.

A multifuncionalidade de um dado lugar confere-lhe uma permanente necessidade de adaptação para dar resposta a cada performance. Os sistemas de construção rígida (que não permitem desmontagem) implicam processos agressivos de demolição revelando incongruência entre a duração potencial e a duração real.

É dissociável do espaço, a par com o construído e fixo que servem e moldam a diversidade humana, garantindo o conforto dentro dos recursos que lhes são acessíveis, forma de incrementar a eficiência espacial, para dar resposta às necessidades funcionais temporárias. A construção transitória, reforça a condição e durabilidade da arquitetura permanente prolonga a sua vida e permite, que perdurem.

"A arquitetura efêmera por desenvolver-se em contextos tão distintos não pode por isso confundir-se com algo exótico e distante, ou como algum tipo de elixir ou panaceia (remédio para todos os males). É como outras abordagens uma possibilidade para solucionar questões relacionadas com o espaço construído." (Paz,2008)

O espaço arquitetónico deve encarar-se como situação em constante mudança, na medida em que só existe se vivenciado. O sentido de espaço define-se pelo sentimento que provoca ao ser vivenciado sendo tão plástico e imaterial como o próprio tempo, altera-se com os indivíduos, povos, épocas, ou os pontos de vistas.

O sentido da arquitetura não deveria questionar-se no sentido de persistência, da permanência, pela sua imortalidade perante o tempo, ou pela sua transitoriedade, questão que também Sola-Morales (1995:124) refere "*Os lugares da arquitetura atual não podem ser permanências produzidas pelas forças da firmitas vitruviana. São irrelevantes os efeitos de duração de estabilidade, do desafio da passagem do tempo. É reacionária a ideia de lugar como cultivo e entretenimento do essencial, profundo, de um genius loci difícil de acreditar em uma época de agnosticismo. Mas essas desilusões não têm porque levar ao niilismo de ma arquitetura da negação*"

| evolução |

À velocidade de desenvolvimento das nossas cidades de hoje não é possível almejar, que após o abandono, todos os edifícios se desintegram na totalidade, pelos materiais, e técnicas aplicadas o processo de degradação será muito lento provocando pontos de rutura, momentos de insegurança nas cidades.

Nos primórdios da civilização as construções desfaziam-se, sem a injeção contínua de esforço. Não por ser uma opção, mas uma limitação dos meios que o homem tinha a seu dispor. O surgimento da arquitetura como disciplina, como a conhecemos, representa um desejo de escapar a este ciclo e ansiar a eternidade.

Principalmente desde a revolução industrial que o homem tem ensaiado diferentes materiais. Muitos, como o vidro ou o metal são completamente incomuns na natureza na extensão em que são utilizados. Para além destes entraram em frequente uso a família dos polímeros, sobre os quais não existe forma de degradação biológica, nem os processos mecânicos habituais são conhecidos para estas. estão fora do lugar ou em quantidades desproporcionais ao normal, que constitui a poluição.

Noções como a transitoriedade da matéria da arquitetura voltaram a surgir no século XX, por duas vias, opostas: numa, a arquitetura era objeto produzido, mercadoria, e portanto sujeita à mesma dinâmica de obsolescência dos produtos, real ou induzida. A ansia do novo e do melhor, somado à necessidade da cadeia produtiva de continuar ad infinitum a produzir o mesmo material com mudanças incrementais, criou a ideia do descartável. Na outra em que matéria se assume como objeto, tem um ciclo próprio, e o meio ambiente é o seu 'usuário' final. Não existe pretensão à eternidade e a transformação da matéria advém da degradação.

As construções perecíveis, de facto, deixam de ser precárias e passam a ser modelos de construção sustentáveis, a construção perecível é uma opção aberta entre outras. A tecnologia deixa de ser sinónimo de uso intensivo de energia e de conhecimento científico de última geração, tecnologia de futuro, mas sim o uso eficaz do conhecimento acumulado para o seu contexto preciso, independentemente da sua proveniência.

| desafios dos ambientes transitórios |

Falar da problemática do abandono do edificado é ter presente os processos de mutação e degradação permanente e acelerada como condição inerente às coisas do mundo físico, é ser suficientemente sensível para aceitar que se uma função já se esgotou ali e nada garante que não possa vir a acontecer o mesmo com qualquer outra.

No propósito de dar resposta a um projeto singular, para um lugar específico, tendo em conta os diferentes fatores e condicionantes que a pré-existência comporta e aquelas que são as novas aspirações, defendendo neste contexto que um projeto de integração deverá ser o mais possível reversível, optando por estruturas leves e temporárias com técnicas de construção que permitam a desmontagem, dando aos materiais a possibilidade de reutilização.

A fácil alteração da forma que se pretende, não tem de significar a excessiva e acelerada degradação da nova proposta. A médio ou longo prazo de acordo com a vontade de atualização (refresh) do homem ou da sua sociedade – questão que ultrapassa as intenções do projetista, a nova estrutura permite ser alterada, sem que seja necessário recorrer a técnicas de destruição maciça ou agressivas, permitindo-se o aperfeiçoamento, reformulação, a adaptação do espaço, ou no seu limite a total remoção da nova estrutura. Ainda assim a arquitetura é feita para durar, a obsolescência previsível e o descarte programado das edificações, não se enquadram na estratégia de transitoriedade apontada.

Como intenção base pretende-se evitar que as novas adições venham a constituir no futuro, material obsoleto, que o processo de degradação natural venha a constituir fator nocivo para a sua envolvente. Pretende-se uma solução que responda a todas as questões que levanta a arquitetura recorrendo a técnicas construtivas que permitam a sua remoção do local sem ter de recorrer a técnicas agressivas quer para a estrutura pré-existente, quer para a envolvente natural. Por outro lado, neste caso em concreto, poderiam colocar em causa a estabilidade da arriba.

Constrói-se e conserva-se para que perdure e se mantenha a edificação. Os princípios da arquitetura perecível são opostos. As mutações num edifício, na função e na forma, fazem com que perdure no tempo, mesmo que com técnicas de fácil montagem e desmontagem. Tornar perene o edifício através de construções e funções transitórias.

| desmontagem - pré-fabricação |

"A lógica da fragmentação das componentes da edificação, é a construção de unidades menores que irão compor uma unidade maior, um dos princípios da construção pré-fabricação. Construção de montagem mais rápida por eliminar a fase de construção in situ." (Paz,2008)

Tipo de estrutura que não implica obrigatoriamente destruição das peças a destruição das peças para a sua desmontagem. Um edifício para poder ser remontado implica um trabalho de projeto de pormenor muito mais rigoroso, já que é necessário que as diferentes peças tenham uniões não sólidas, cujo desmantelamento não deformem as peças (diferença entre o parafuso e o prego).

Interessa para este estudo a possibilidade de desmontagem, e a possibilidade de transporte, no entanto a remontagem, não tão importante, neste contexto, já que se pretende desenvolver um projeto integrado com a envolvente e o conjunto edificado pré-existente, vontade da qual surge uma forma que não será possível remontar em qualquer outro sítio, no entanto a possibilidade de desmontagem e o transporte das diferentes partes torna-se importante ao se pensar que a permanência de tal estrutura não é obrigatória, embora não possua qualquer prazo de validade definido.

Quando me refiro a arquitetura transitória, nada tem a ver com arquitetura portátil, já que neste contexto não se prende à deslocação de um lado para o outro.

As peças pedem especificidade, e seu crivo e essa versatilidade. Numa arquitetura desmontável, o mais comum é o oposto: que as peças sejam altamente específicas, desenhadas para cumprir exclusivamente a sua função. Trata-se de reduzir as partes componentes da arquitetura em questão, para ganhar leveza e rapidez na montagem por conta da sua simplicidade. (Jenks, 1992)²¹

²¹ Referência a propósito de uma análise da obra dos Smithsons,

A escolha de um novo uso para um edifício obsoleto, deve ir além de uma teoria cénica ideal, mas baseada em estudos detalhados do presente estado de construção, e da sua habilidade para assumir um novo uso entendido sem perder o essencial carácter histórico, estrutural ou características materiais do edifício original. Tudo isto implica que o restauro ou adaptação a um novo uso seja baseado num substancial estudo histórico e técnico do edifício, antes do início dos trabalhos conforme refere Jokilehto (1989:54).

Os referidos estudos históricos e técnicos envolvem obviamente custos adicionais. Os custos tendem a ser elevados, apesar de a pré-existência de uma infraestrutura e de equipamento urbano. O custo do processo de renovação deveria ser calculado adicionando o investimento inicial feito à pré-existência ao investimento necessário para tornar a estrutura existente adequada e moderna, ambos em relação aos edifícios e à estrutura urbana.

Ao determinar a viabilidade económica da reconversão de áreas industriais, Vermeulen (1976) compara estes custos aos necessários a uma nova construção, classificando os edifícios industriais de acordo com as suas condições físico-estruturais, razoável ou boas, pelo estado das suas estruturas e da sua cobertura. Quanto melhores condições em que se encontram, menores deverão ser os custos de intervenção. Análise deverá ser efetuada caso a caso.

O que realmente representa um custo adicional significativo é a reconversão de um edifício obsoleto versus construir um novo, de acordo com Vermeulen (1976), são os trabalhos de demolição e os trabalhos de reformulação. Por outro lado, os sistemas elétrico e hidráulico tendem a ser mais caros em edifícios reconvertidos, já que têm de ser completamente substituídos por novos sistemas, incluído as adaptações para as novas instalações.

Uma das mais importantes evoluções no campo das necessidades legislativas para regular e controlar os projetos de renovação urbana, como menciona Paiva (1990), *"(...) esses projetos devem realmente reestruturar o 'mercado'. De acordo com estas previsões deve ir ao encontro das necessidades sociais e exigências de toda estrutura urbana ou regional, também representam investimentos públicos e privados que definem as alterações na estruturas urbanas, que reflete as mudanças no valor do real estado e a acessibilidade entre as áreas."*

No entanto a qualidade da legislação em muitos países refere-se à preservação do património histórico e cultural. Lindtveit (1978) acentua a importância de criar legislação específica para a conservação e renovação do uso do património, incluindo os edifícios industriais obsoletos. As provisões legais devem permitir a renovação de áreas ou edifícios específicos, mas também garantir a preservação da memória do lugar ou do edifício. As leis não podem ser dissociadas do planeamento urbano geral e deverá incluir

a participação da população e de outros grupos sociais envolvidos em projetos de renovação urbana específicos, sem falar que também deve ter em conta os principais conflitos entre desejo de desenvolvimento ou de conservação.

Lindeveit (1978) diz que é urgente criar fundos públicos específicos para garantir a conservação a longo prazo das áreas renovadas, especialmente nos casos onde os instrumentos legais não permitem aos donos a alteração do edifício ou do seu uso. Este obstáculo deve lidar com o desagrado de adequar a conservação de um edifício histórico, se não existir nenhum tipo de financiamento público para ajudar.

CONCLUSÃO

A partir do desenvolvimento e fundamentação do processo de projeto de reconversão da antiga “Instalação para Tratamento de Óleo de Fígado de Bacalhau e respetivos Serviços Administrativos”, em Pólo Expositivo para a Coleção Berardo, localizada no Ginjal, conclui-se que é possível alterar paradigmas debilitados da cidade contemporânea convertendo-os em pontos de atração repletos de vida, dinamizadores da sua envolvente, tendo como exemplo o centro de Almada e Rio Tejo, ao definir pontos de contacto estratégicos com a margem de Lisboa e tirando partido da Coleção Berardo como pretexto para a criação de novas ligações fluviais (turísticas).

A pré-existência é encarada como fator primordial, que deve ser valorizado e reintegrado, por permitir dar continuidade à memória social e evitar ruturas abruptas na leitura da História. O tipo de relações que se estabelecem entre o edificado antigo e as novas adições reestruturam o espaço, ao introduzir um programa atual responde às necessidades da população e às evoluções culturais. Este projeto foi desenvolvido num sentido de respeito e adequação do novo programa à pré-existência e do novo projeto à envolvente urbana, fomentando-se a dinâmica, a flexibilidade e reversibilidade.

Recuperar e reintegrar são palavras de ordem deste projeto cujo intuito é salvaguardar o património e requalificar zonas urbanas que atingiram a obsolescência por as suas funções terem sido extintas.

Conclui-se ainda que não existe uma solução standardizada para todos os projetos de reconversão, mas antes uma metodologia que deverá assentar sobre uma análise fundamentada de todos os fatores em presença, desde questões relacionadas com a envolvente física- com a cidade, bem como com o objeto arquitetónico, desta forma e face à qualidade dos espaços existentes, o arquiteto deve encarar o local com uma postura consciente e de respeito para que a sua reconversão ofereça respostas às exigências do presente afastando-os o maior tempo possível do estado de obsolescência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALÇADA, Margarida.. "Inventariar, documentar, informar", (pp. 49-52) COUCEIRO, João, (coord.), *Urbanidade e património*, IGAPHE, Lisboa, 1998
- ANDRIEUX, Jean-Yves. *Le patrimoine industriel*, Presses Universitaires de France, Paris, 1992
- APAI, *I Encontro Nacional sobre o Património Indústria. Coimbra – Guimarães – Lisboa / 1986. Actas e Comunicações*, 2 volumes, APAI, Coimbra Editora, Coimbra. 1989-1990
- ÁVILA, Fernando Benavent; MORO, Julián V. Magro. " Construir sobre lo construído: El caso de la posada de Chelva" in Actas del Segundo Congreso Nacional de Historia de la Construcción. A Coruña, 22-24 Octubre 1998, eds., Bores, J. Fernández, S. Huerta, E. Rabasa, Madrid: I. Juan de Herrera, SEdHC, U. Coruña, CEHOPI, 1998
- BAEZA, Alberto Campo, "A ideia construída", Pensar Arquitectura, Ed. Caleidoscópico, Casal de Cambra, 2008
- CALVINO, Ítalo, *Seis propostas para o próximo milénio*, São Paulo, Companhia das Letras, 2005
- CAMUS, Albert, *A inteligência e a Cadafalso*. São Paulo: Record, 1998
- CANNATÀ, Michele e FERNANDES, Fátima. *Construir no tempo*, Estar Editora, Lisboa, 1999
- CANTACUZINO, Sherban. *Nuevos usos para edificios antiguos*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 1979
- CANTACUZINO, Sherban. *Re/Architecture: old buildings / new uses*, Abbeville Press Publishers, Nova Iorque, 1989
- CARRILHO DA GRAÇA, João Luís e FRANCISCO, Rui, "Museu do Oriente", (pp. 56-71) *Arquitetura Ibérica*, nº30 - Reabilitação/Rehabilitación, Caleidoscópico, Lisboa, 2008.
- CHAVES, Mário (Coord), "Cidades Flexiexistencialistas", Universidade Lusíada Editora, Lisboa. 2010
- CHAVES, Mário (Coord), " Que Futuro", Universidade Lusíada Editora, Lisboa, 2011
- CHDAY, Françoise, (1ª Edição 1982). *Alegoria do património*, Edições 70, Lisboa 2006.

CORDEIRO, José Manuel Lopes. "Portugal: relatório nacional, 1997-2002", *Boletim Informativo do TICCIH - Portugal*, TICCIH, II Série, nº1 Janeiro-Junho 2003.

CUSTÓDIO, Jorge. "A indústria portuguesa época do Movimento moderno, 1925-1965", (pp. 14-35) *A arquitetura da indústria, 1925-1965 Registo Docomomo Ibérico*, Fundação DOCOMOMO Ibérico, Barcelona 2005.

CUSTÓDIO, Jorge. "A Bem da Nação. A tecnologia do frio industrial na conservação dos armazéns frigoríficos do bacalhau do Porto e de Lisboa", (pp. 24-47) *Museu do Oriente: de armazém frigorífico a espaço museológico*, Fundação Oriente, Lisboa 2008.

CUSTÓDIO, Jorge, SANTOS, Luísa e RIBEIRO, Isabel. *Museologia e Arqueologia Industrial – Estudos e Projectos*, APAI, Lisboa 1991.

DERRUAU, Max. *Geografia Humana*, Vol. II, Editorial Presença, Lisboa 1977

DEZEN-KEMPTER, Eloisa, "Património Industrial: em busca da sobrevivência" XXIV Simpósio Nacional de História, ANPUH, São Paulo 2007.

DOMINGUES, Álvaro, "Património Industrial e Requalificação Urbana", (pp. 121-132) SAMPAIO, Maria da Luz (coord. ed.), *Reconversão e Musealização de Espaços Industriais. Actas do Colóquio de Museologia Industrial. 17 e 18 de Outubro de 2002*. Associação para o Museu da Ciência e Indústria, Porto 2003.

DUARTE, Rui Barreiros. "Os paraísos perdidos de Évum – Sobre a incomunicabilidade", *Caleidoscópio*, Casal de Cambra, 2012.

FERNANDES, José Manuel. "Panorâmica da conservação, protecção, reabilitação e requalificação em Portugal – Exemplos e temas", (pp. 63-74) COUCEIRO, João, (coord.), *Urbanidade e património*, IGAPHE, Lisboa, 1998.

FERNANDES, José Manuel. *Arquitectura e Indústria em Portugal no século XX*. SECIL, Lisboa, 2003.

FERREIRA, Vítor Matias. "Património Urbano - A memória da cidade", (pp. 91-93) COUCEIRO, João, (coord.), *Urbanidade e património*, DOCOMOMO Ibérico, Barcelona, 1998.

FIGUEIRA, Jorge, VAZ MILHEIRO, Ana. "O final da fábrica, o início da ruína", *A arquitectura da indústria, 1925-1965 Registo DOCOMOMO Ibérico*, Fundação DOCOMOMO Ibérico, Barcelona, 2005.

FOLGADO, Deolinda:

2001. "Paisagem Industrial. Utopia na salvaguarda patrimonial?", (pp. 65-89) *Margens e Confluências*, nº3 Dezembro, Escola Superior Artística do Porto, Guimarães.
2002. "Inventário do Património Industrial da Covilhã. Um caso de estudo no âmbito da salvaguarda patrimonial", (pp. 115-123) *Estudos, Património*, nº 3, IPPAR, Lisboa..
2004. " 'A Memória ao Negro' ou a salvaguarda como reduto da memória". (pp. 20-32). *Estudos, Património*, nº 6, IPPAR, Lisboa.
- 2004a. "'A Napolitana'. Programa arquitetónico ao serviço da indústria" (pp. 102-108), *Estudos, Património*, nº 6, IPPAR, Lisboa.
- 2004b. "'...para mais tarde recordar'. Edifício da Kodak e seu contexto", (pp. 79-90) *Estudos, Património* nº 7, IPPAR, Lisboa.
2005. "O lugar da indústria no território", *A arquitetura da indústria, 1925-1965 Registo Docomomo Ibérico*, Fundação DOCOMOMO Ibérico, Barcelona. 2006. "À procura de uma identidade. Da Real Fábrica de Gelo à Fábrica da Neve da Serra de Montejunto", (pp. 135-149) *Estudos, Património* nº 9, IPPAR, Lisboa.
2008. "A caixa do frio artificial. A conformação de um lugar na Lisboa dos anos 40", (pp. 48-61) *Museu do Oriente: de armazém frigorífico a espaço museológico*, Fundação Oriente, Lisboa.
- ECO, Umberto, *Obra Aberta*, Lisboa: Editora Perspectiva, 1986 [1962].
- FOLGADO, Deolinda e LACERDA, Manuel.. (pp. 185- 186) "Projeto de levantamento da Arquitetura Industrial Contemporânea em Portugal (1920-1965)", *Estudos, Património*, nº 1, IPPAR, Lisboa. 2001
- FOLGADO, Deolinda e LACERDA, Manuel, 2002. (pp. 204-206) "DOCOMOMO Ibérico e o Levantamento da arquitetura industrial contemporânea portuguesa (1929-1965)", *Estudos, Património*, nº 2, IPPAR, Lisboa.
- FOUCAULT, Michel, "Des espaces autres" in AMC, *Revue d'Architecture*, Oct.1984
- FREIRE, Francisco. "Museu do Oriente. O templo das musas". (pp. 62-67) *Museu do Oriente: de armazém frigorífico a espaço museológico*, Fundação Oriente, Lisboa, 2008.
- GUIMARÃES, Carlos, *Arquitetura e Museus em Portugal. Entre Reinterpretação e Obra Nova*, Faup publicações, 1ª Edição 2004
- GRACIA, Francisco de. *Construir en lo construido: la arquitectura como modificación*, Nerea, Madrid, 1992.

HUDSON, Keeneth. "Preserving Industrial Monuments: What is possible and what is not". (pp.35-50) AA.VV., 1989-1990. / *Encontro Nacional sobre o Património Industrial. Coimbra – Guimarães – Lisboa / 1986. Actas e Comunicações*, 2 volumes, Coimbra Editora, Coimbra, 1986.

JENKS, Charles, *Movimentos Modernos em Arquitetura*, Rio de Janeiro, Edições 70, 1992

LOPES, Flávio e CORREIA, Miguel Brito. *Património Arquitectónico e Arqueológico: Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais*, Livros Horizonte, Lisboa, 2004.

MATOS, Ana Cardoso de, RIBEIRO, Isabel Maria e SANTOS, Maria Luísa, s. d.. "Introdução à arqueologia industrial. Problemas, fontes e métodos", APAI.

MATOS, Ana Cardoso de, RIBEIRO, Isabel Maria e SANTOS, Maria Luísa. "Intervir no Património Industrial: das experiências realizadas às novas perspectivas de valorização", (pp. 21-34) SAMPAIO, Maria da Luz (coord. ed.), *Reconversão e Musealização de Espaços Industriais. Actas do Colóquio de Museologia Industrial. 17 e 18 de Outubro de 2002*. Associação para o Museu da Ciência e da Indústria, Porto, 2003.

MEROLA, Victoria Rabal. "Reflexiones sobre la rehabilitación y musealización de los espacios industriales", SAMPAIO, Maria da Luz (coord. ed.), (pp. 35-42) *Reconversão e Musealização de Espaços Industriais. Actas do Colóquio de Museologia Industrial. 17 e 18 de Outubro de 2002*. Museu da Indústria, Porto, 2003.

MOLINA, Diego, *Vazios Urbanos*, Caleidoscópio Editora, Lisboa 2007

NEGRI, Toni. "Quaderns, Fumo de fábrica", Col·legi d'Arquitectes de Catalunya, Barcelona, 2001.

NESBITT, Kate (Org.), "Uma nova agenda para a arquitetura", Cosac Naify, São Paulo 2006.

NUNES, João Paulo Avelãs. "Arqueologia industrial, património cultural, nova história regional e local" (pp. 103-110), *Vértice*, 2ª Série, nº 73 Julho-Setembro, Editorial Caminho SA, Lisboa, 1996.

PINTO COELHO, Maria João. "Intervir no património: Conceitos e opções", COUCEIRO, João, (coord.), (pp. 43-48) *Urbanidade e património*, IGAPHE, Lisboa, 1998.

PORTAS, Nuno. *Conservar Renovando ou Recuperar Revitalizando*, Museu Nacional de Machado de Castro, Coimbra.

Porto Editora, 2010. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Infopédia, Enciclopédia e Dicionários Porto Editora.
(Consultado em: <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/>), 1983

PORTAS, N., Domingues, A., Cabral, J., Políticas Urbanas: Tendências, Estratégias e Oportunidades, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2003

PRATA, Carlos e COELHO, Rodrigo. "Douro's Place", *Arquitectura Ibérica*, nº30 - Reabilitação/Rehabilitación, Caleidoscópio, Lisboa, 2008 pp. 72-85.

RIBEIRO, João Mendes. "Arquitectura e Cenografia", XM, Coimbra, 2003.

RODRIGUES, José Manuel (coord), "Teoria e Critica de Arquitectura – Século XX", Ed. Caleidoscópio, Casal de Cambra, 2010.

SAMPAIO, Maria da Luz (coord. ed.), Comissão Organizadora. "Introdução", (pp. 3-8) *Reconversão e Musealização de Espaços Industriais. Actas do Colóquio de Museologia Industrial. 17 e 18 de Outubro de 2002*. Associação para o Museu da Ciência e da Indústria, Porto, 2003.

SEVCENKO, N. *O futuro da Cidade tal como vista por Kafka do alto da Torre de Babel*, Correio Braziliense, Brasília 1994

STEWART, Brand. *How buildings learn: what happens after they're built*, Phoenix Illustrator, London. 1997.

SOLÀ-MORALES, Ignasi. *Diferencias – topografia de la arquitetura contemporánea*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1995, p. 124.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de, "Intervenciones", Editorial Gustavo, Barcelona 2006..

TAINHA, Manuel, textos do Arquitecto Manuel Tainha, Lisboa: Estar Editora, 2000

TÁVORA, Fernando, Da Organização do Espaço, Porto: FAUP Publicações 1996 [1962]

TOSTÕES, Ana, "Em direção a uma estética industrial: *Zeitwill* ou vontade de modernidade", (pp. 60-71) *A arquitetura da indústria, 1925-1965 Registo DOCCOMOMO Ibérico*, Fundação DOCCOMOMO Ibérico, Barcelona., 2005.

TOSTÕES, Ana, GARCIA BRAÑA, Celestino e LANDROVE, Susana. *A arquitetura da indústria, 1925-1965 Registo DOCCOMOMO Ibérico*, Fundação DOCCOMOMO Ibérico, Barcelona 2005.

CEAQ, 2008. *Formas e interfaces do urbano: Sentido do lugar na cidade pós-moderna.*

(Consultado em: <http://www.ceaq-sorbonne.org/nodphp?=1121&elementid=1605>)

Concelho da Europa, 1975. *Carta Europeia do Património Arquitetónico*, Estrasburgo

(<http://www.igespar.pt>)

Conferência Internacional sobre Conservação, 2000. *Carta de Cracóvia 2000 Princípios para a Conservação e o Restauro do*

CME, 2007. Plano Diretor Municipal de Almada

EEE, *Estudo de Enquadramento Estratégico e Subsequentemente Plano de Pormenor da Quinta do Almaraz*

ICOMOS, 1964. *Carta de Veneza sobre a Conservação e Restauro dos Monumentos e Sítios*, Veneza.

(Consultado em: <http://www.igespar.pt>)

ICOMOS, 1987. *Carta Internacional sobre a Salvaguarda das Cidades Históricas*, Washington D.C..

(Consultado em: <http://www.igespar.pt>)

ICOMOS Australia, 1999. *The Burra Charter, The Australia ICOMOS Charter for Places of Cultural Significance.*

(Consultado em: http://australia.icomos.org/wp-content/uploads/BURRA_CHARTER.pdf)

Património Construído, Cracóvia.

(Consultado em: <http://www.igespar.pt>)

Serviço Internacional de Museus, 1931. *Carta de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos*, Atenas.

(Consultado em: <http://www.igespar.pt>)

TICCIH, 2003. *Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial*, Nizhny Tagil.

(Consultado em: <http://www.mnactec.cat/ticcih/pdf/NTagilPortuguese.pdf>)

UNESCO, 1972. *Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural*, Paris.

(Consultado em: <http://www.igespar.pt>)

UNESCO, 1976. *Recomendação sobre a Salvaguarda dos Conjuntos Históricos e da sua função na vida contemporânea*, Nairobi.

(Consultado em: <http://www.igespar.pt>)

UNESCO, ICCROM e ICOMOS, 1994 – *Documento de Nara sobre a Autenticidade do Património Cultural*, Nara.

(Consultado em: <http://www.international.icomos.org/>)

| ENDEREÇOS NA INTERNET |

APAI, Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial

http://apai.cp.pt/p_index.html

APPI, Associação Portuguesa para o Património Industrial

<http://www.museudaindustriatextil.org/appi/apresentacao.php>

BAHIA, Tarcisio, "Ausência e presença arquitetónica na cidade contemporânea" 18.12.2011,

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.051/557>

Dicionário da Língua Portuguesa Porto Editora

<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/>

DGEMN, Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/000_A.aspx

DOCOMOMO Internacional

<http://www.docomomo.com/>

Ecomuseu do Seixal

http://www2.cm-seixal.pt/pls/decomuseu/ecom_hpage

GOOGLE EARTH, imagens de satélite catalogadas

<http://earth.google.com/intl/pt/>

ICOMOS

<http://www.international.icomos.org/home.htm>

IGESPAR, Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico

<http://www.igespar.pt/pt/>

IMC, Instituto Nacional dos Museus e da Conservação

<http://www.ipmuseus.pt/>

IRHU, Instituto da Reabilitação e da Habitação Urbana

<http://www.portaldahabitacao.pt/pt/portal/index.jsp>

MARTINS, Floriano; WILLER, C., Editorial Cidades e Memória, 10.11.2013

<http://www.revista.agulha.nom.br/ag30capa.htm>

MENDES, José Amado, "Industrialização e património industrial: desenvolvimento e cultura", 17.10.2011,

http://www.icea.pt/Actas/21_10h30m_José%20A%20Mendes.pdf

MENDES, José Amado, "Uma nova perspetiva sobre o património cultural: preservação e requalificação de instalações industriais", 03.12.2011 http://www4.crb.ucp.pt/Biblioteca/GestaoDesenv/GD9/gestaodesenvolvimento9_197.pdf

PAZ, Daniel J. Mellado, "Arquitetura efémera ou transitória – Esboços de uma Caracterização", 07.03.2012,

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.102/97>

PIRES, Amílcar de Gil, "Carácter da Arquitetura e do Lugar", 26.03.2012,

http://ciaud.fa.uta.pt/res/paper/ART_Amilcar-Pires.pdf

TICCIH, The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage

<http://www.mnactec.cat/ticcih/>

UNESCO, Portugal, Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultural

<http://www.unesco.pt/cgi-bin/home.ph>

AROCA, Ricardo, 2002. "Projecto de remodelação da Praça de Touros de Colmenar Viejo". *Cadernos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa*, Nº2 (pp. 46-50)

BAPTISTA, Luís Santiago, "Produções Efémeras – Entre a condição existencial nómada e as práticas de acção urbana", arqa – Arquitectura e Arte, Ed. Produções Efémeras; 2010, Janeiro/Fevereiro, Amadora.

CORDEIRO, José Manuel, 2011. "Algumas questões sobre o estudo e salvaguarda de paisagens industriais", *Revista Labor & Engenharia*, Nº1 (pp. 1-12)

DUARTE, Rui Barreiros, 2006. "O Residual Imaginário Industrial nas Transfigurações Urbanas", *ArtTextos*, Nº3 (pp. 17-25)

DUARTE, Rui Barreiros, 2007. "Imaginários de futuros efémeros", *ArtTextos*, nº 5 (pp. 23-35)

FROTA, José Artur, 2000. "A permanência do transitório", *ArqTexta* (pp. 13-21)

GREGOTTI, Vittorio, 1985 publicado originalmente em "Territory and Architecture". Extraído de *Architectural Design Profile* 59, nº 5,

MACDONALD, Susan, 2003. "Conserving the modern in Australia", *Docomomo*, Nº29 (pp. 69-75)

MENDES, José Amado, 1995. "A arqueologia industrial ao serviço da história local", *Revista de Guimarães*, nº 105, (pp. 203-218).

SCHIFFER, Sueli T. Ramos, 2005. "Revitalizing obsolete inner industrial area as an alternative to peripheral urban growth", *City & Time*, (pp. 37-46)

SIZA, Álvaro, 2005. "O lugar da obra", *anArchitecture de Andre a Zittel*, nº 4, (pp108-135).

GONÇALVES, Elisabete (coord.), Memórias do Ginjal, Centro de Arqueologia de Almada, 2ª Ed

GOOGLE EARTH, imagens de satélite catalogadas

<http://earth.google.com/intl/pt/>

<http://masarteun.blogspot.pt/2011/02/alberti-iglesia-de-san-francisco-de.html>

<http://otraorillahistoria.foroactivo.net/t2252p60-arquitectura-y-urbanismo-del-quattrocento-en-italia>

ESTE DOCUMENTO FOI REDIGIDO AO ABRIGO DO NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO

NÚMERO FINAL DE PALAVRAS 12873

| ANEXO 01 |

REVISÃO DO PDM EM VIGOR

ESTUDO DE ENQUADRAMENTO ESTRATÉGICO E SUBSEQUENTEMENTE PLANO DE PORMENOR DA QUINTA DO ALMARAZ

| ANEXO 02 |

PROCESSO . ESTUDOS

| ANEXO 03|

| SINTESES |

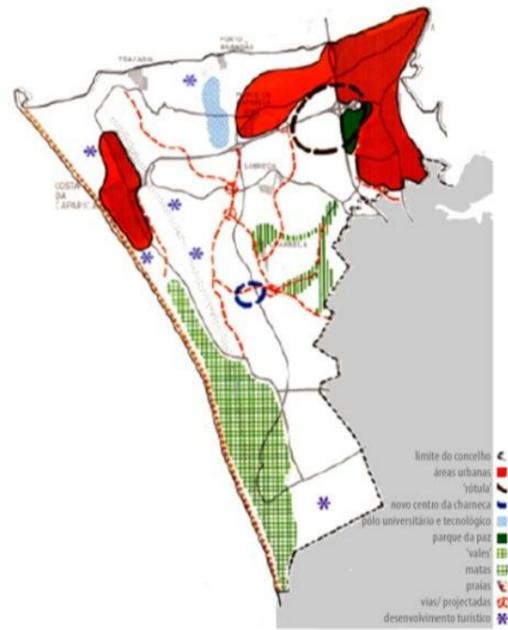
| ANEXO 04 |

DESENHOS RIGOROSOS

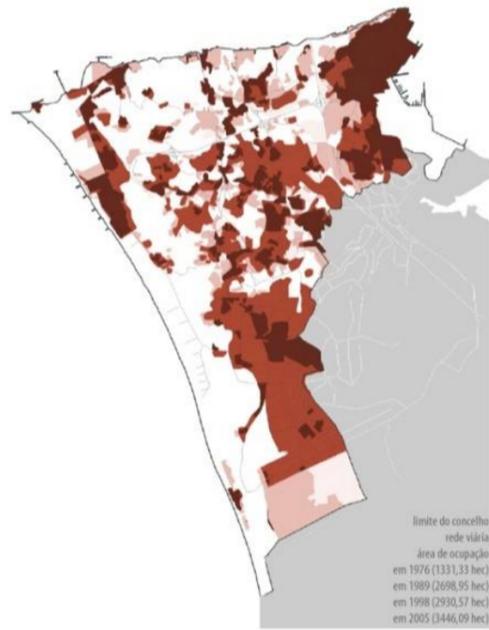
REVISÃO DO PDM **3**

ESTUDO DE ENQUADRAMENTO ESTRATÉGICO E SUBSEQUENTEMENTE PLANO DE PORMENOR DA QUINTA DO ALMARAZ **5**

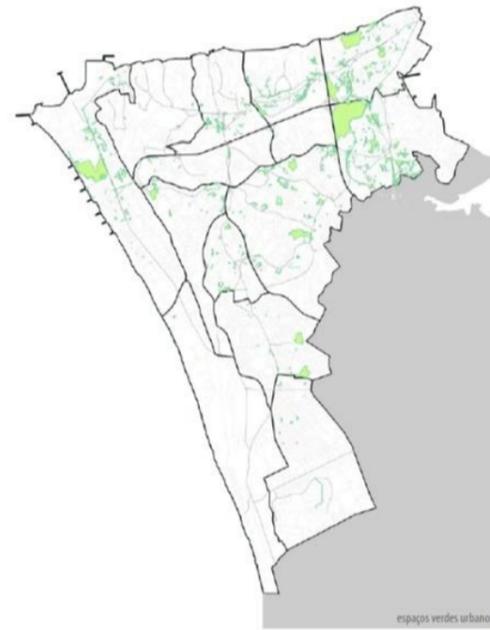
REVISÃO DO PDM



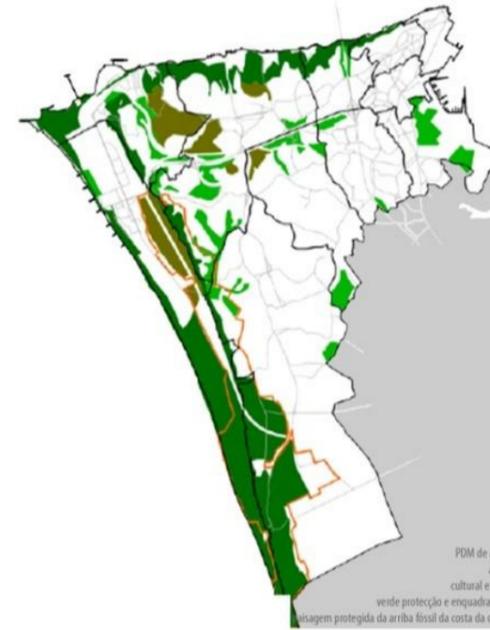
Esquema do modelo territorial do PDM-A, fonte: "Conceitos e princípios de Ordenamento do Território para o Concelho de Almada", PDM, CMA



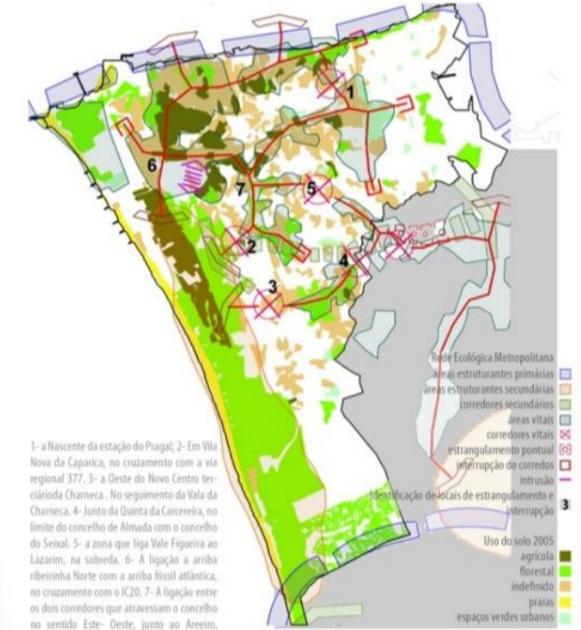
Observação da transformação do Território - 1976 a 2005. Fonte: DEP/ CMA



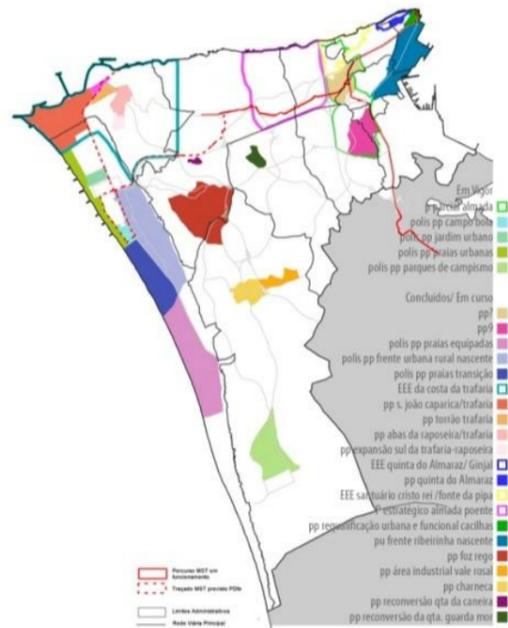
Espaços Verdes Urbanos do Concelho. Fonte: DJEV/ CMA e DEP/ CMA



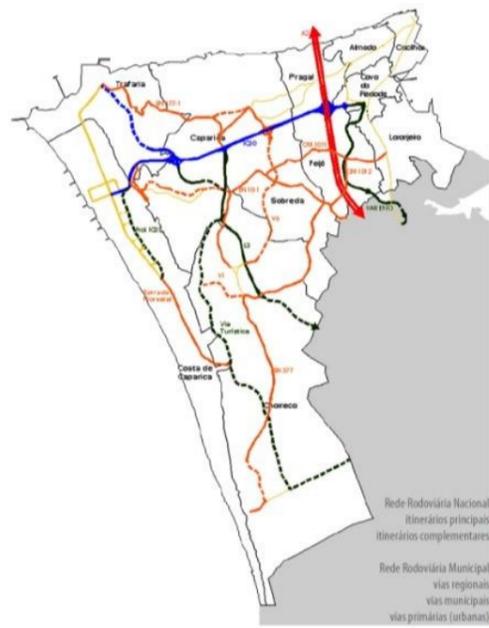
Áreas Naturais e semi-naturais não urbanas do PDM-A. Fonte: DEGAS/ CMA e DEP/ CMA



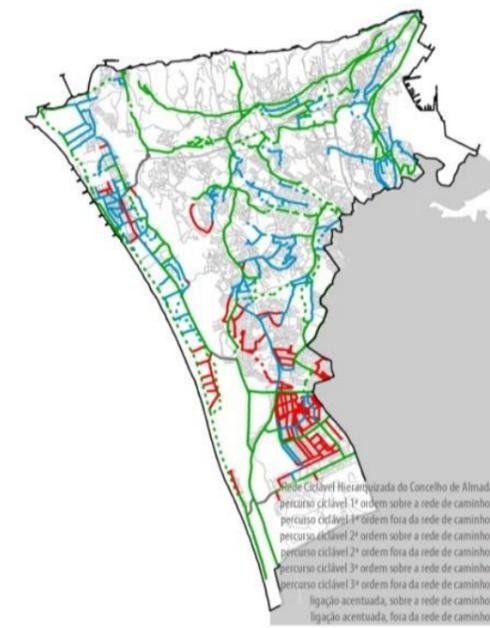
Uso do Solo de 2005 e Rede Ecológica Metropolitana com principais pontos de interrupção dos corredores ecológicos metropolitanos. Fonte: DEGAS/CMA, DEP/CMA e CDR-LVT



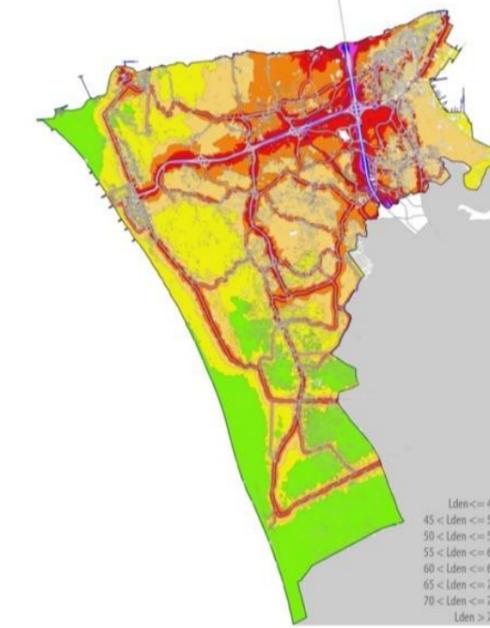
Principais Planos e Estudos Aprovados ou em curso. Fonte: DEP/ CMA



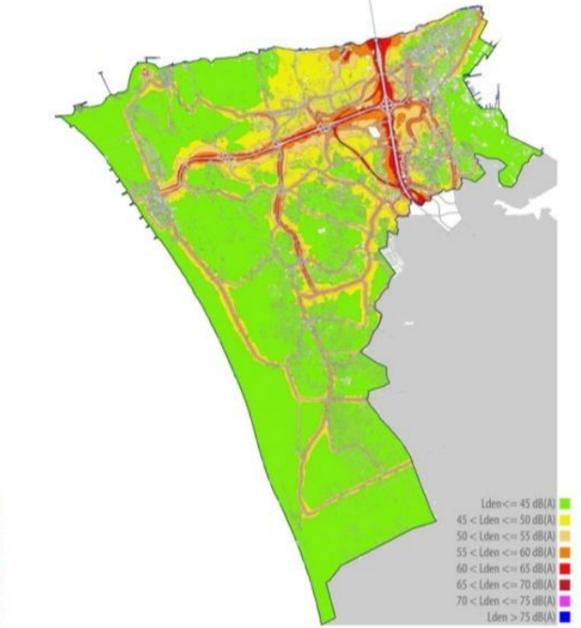
Hierarquia da Rede Viária- Vias Existentes e Propostas PDM. Fonte: DEP/CMA, Estudo Para a Caracterização e Definição da Rede Viária secundária do concelho de Almada, CESUR- CMA



Rede Ciclável hierarquizada em Almada. Fonte: DEGAS/ CMA



Carta de Ruído do Concelho de Almada para o indicador Lden (2007) - [Lden - indicador de ruído diurno - entardecer - nocturno]. Fonte: DEGAS/CMA



Carta de Ruído do Concelho de Almada para o indicador Ln (2007) - [Ln - indicador de ruído nocturno]. Fonte: DEGAS/CMA

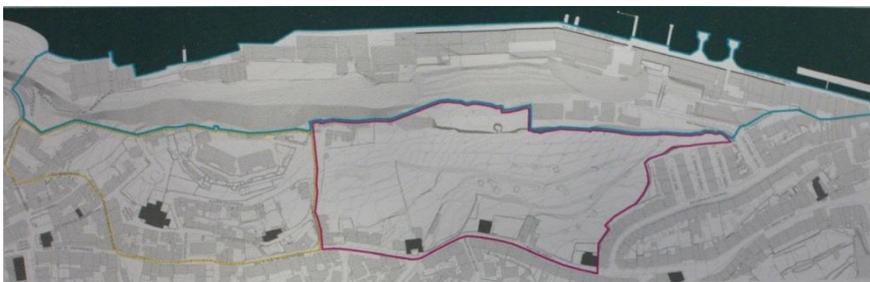
(INFORMAÇÃO EXTRAÍDA DO:)
ESTUDO DE ENQUADRAMENTO ESTRATÉGICO E SUBSEQUENTEMENTE PLANO DE PORMENOR DA QUINTA DO ALMARAZ,
CONSULTADA NA JUNTA DE FREGUESIA DE ALMADA

PLANTA DE ZONAS . MEDIDAS DE PROTECÇÃO DA ARRIBA



- Proteção ligeira (redes de proteção)
- Proteção pesada (muro ancorado pregado)
- Desmonte de Blocos instáveis ou Correções com Construção local

PLANTA DO EXISTENTE . UNIDADE DE ESTUDO



- Ue 1 - Quinta do Almaraz
- Ue 2 - Cais do Ginjal
- Ue 3 - Almada Velha Castelo

PLANTA DE ESRUTURA DE IMPLEMENTAÇÃO DA VISÃO ESTRATÉGICA



Área a ser Abrangida por Plano de Pormenor – Quinta do Almaraz

Área a ser Abrangida por Contrato de Urbanização/ Plano de Pormenor – Cais do Ginjal

Área a ser Abrangida por Estudos de Quarteirão – Almada Velha – Castelo

Quarteirão a ser Alvo de Estudo Pormenorizado



Área de reserva Ecológica do Almaraz

Quinta do Almaraz – Sítio Arqueológico em vias de Classificação

ESTUDO DE ENQUADRAMENTO ESTRATÉGICO E SUBSEQUENTEMENTE PLANO DE PORMENOR DA QUINTA DO ALMARAZ



- A . Elevador existente
- B Museu Municipal, Núcleo Medieval Moderno
- C . Paços do Concelho
- D . Cine-Teatro Incrível Almadaense
- E . Igreja do Santiago
- F . Edifício Pombalino
- G . Casa onde nasceu Romeu Correia
- H . Junta de Freguesia de Cacilhas
- I . Antigo Quartel de Bombeiros V. de Cacilhas
- J . Igreja de Cacilhas
- L . Moinho
- M . Casa da Quinta dos Ingleses
- N . Casa da Quinta do Almaraz

	Área a ser Abrangida por Plano de Pormenor – Quinta do Almaraz
	Área a ser Abrangida por Contrato de Urbanização/ Plano de Pormenor – Cais do Ginjal
	Área a ser Abrangida por Estudos de Quarteirão – Almada Velha – Castelo
	Quarteirão a ser Alvo de Estudo Pormenorizado
	Área de reserva Ecológica do Almaraz
	Quinta do Almaraz – Sítio Arqueológico em vias de Classificação
	Edificação acima do solo
	Edificação com cobertura acessível
	Demolição
	Demolição parcial sujeita a análise posterior e consequente qualificação de aspetos a manter

ESTUDO DE ENQUADRAMENTO ESTRATÉGICO E SUBSEQUENTEMENTE PLANO DE PORMENOR DA QUINTA DO ALMARAZ – CONCLUSÕES

Planta de usos



- 1 - Instalação de Equipamento Hoteleiro
 - 2 - Habitações para Jovens na Quinta do Almaraz
 - 3 - Jardim da Praia do Ginjal
 - 4 - Casa da Quinta dos Ingleses a Recuperar como Equipamento . Centro de Dia da Terceira Idade
 - 5 - Jardim da Quinta dos Ingleses
 - 6 - Casa da Quinta do Almaraz a Integrar no Centro de Interpretação
 - 7 - Centro de Interpretação do Sítio do arqueológico da Quinta do Almaraz Integrando a Casa da quinta do Almaraz
 - 8 - Quinta do Almaraz – Sítio arqueológico em Vias de Classificação
 - 9 - Silo Automóvel do almaraz com Capacidade para 500 Lugares
 - 10 - Antiga Fábrica de Óleo de Figado de Bacalahu – Equipamento – Industrias Criativas
 - 11 - Novo Edifício do Centro Paroquial
 - 12 - Silo Automóvel do Ginjal com Capacidade para 600 Lugares
 - 13 - Novo Edifício da Casa da Juventude
 - 14 - Elevador de Ligação da Cota do Ginjal à Cota Alta
-
- A . Elevador existente
 - B Museu Municipal, Núcleo Medieval Moderno
 - C . Paços do Concelho

- D . Cine-Teatro Incrível Almadaense
- E . Igreja do Santiago
- F . Edifício Pombalino
- G . Casa onde nasceu Romeu Correia
- H . Junta de Freguesia de Cacilhas
- I . Antigo Quartel de Bombeiros V. de Cacilhas
- J . Igreja de Cacilhas
- L . Moinho
- M . Casa da Quinta dos Ingleses
- N . Casa da Quinta do Almaraz

 Primeira Linha de Fachada de Salvaguarda dos Edifícios mais Relevantes

 Segunda Linha de Fachada a Manter ou a Reconstruir

 Uso Misto (Com indicação do Número de Pisos acima do Solo)

 Habitação com indicação do Número de Pisos acima do solo)

 Equipamento (com indicação do número de Pisos acima do solo)

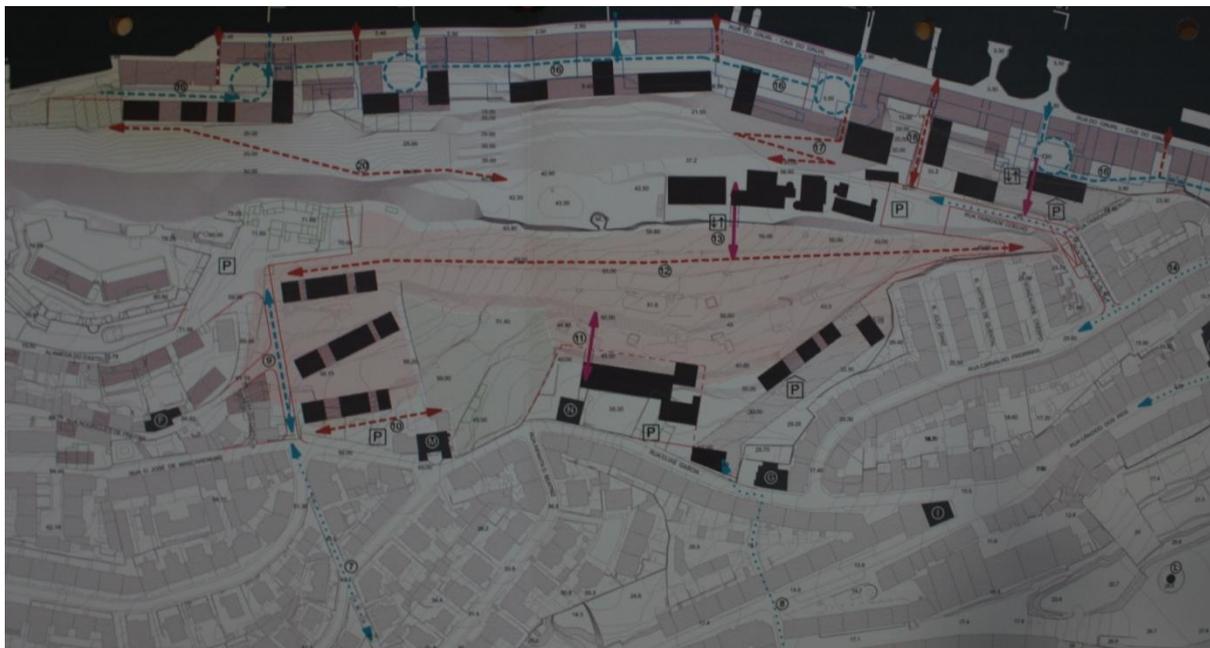
 Edificação acima do solo

 Edificação com cobertura acessível

 Demolição

 Demolição parcial sujeita a análise posterior e consequente qualificação de aspetos a manter

ESTUDO DE ENQUADRAMENTO ESTRATÉGICO E SUBSEQUENTEMENTE PLANO DE PORMENOR DA QUINTA DO ALMARAZ – CONCLUSÕES PLANTA DE MOBILIDADES



- 1 - Instalação de Equipamento Hoteleiro
- 2 - Habitações para Jovens na Quinta do Almaraz
- 3 - Jardim da Praia do Ginjal
- 4 - Casa da Quinta dos Ingleses a Recuperar como Equipamento . Centro de Dia da Terceira Idade
- 5 - Jardim da Quinta dos Ingleses
- 6 - Casa da Quinta do Almaraz a Integrar no Centro de Interpretação
- 7 - Centro de Interpretação do Sítio do arqueológico da Quinta do Almaraz Integrando a Casa da quinta do Almaraz
- 8 - Quinta do Almaraz – Sítio arqueológico em Vias de Classificação
- 9 - Silo Automóvel do almaraz com Capacidade para 500 Ligares
- 10 - Antiga Fábrica de Óleo de Figado de Bacalhau – Equipamento – Industrias Criativas
- 11 - Novo Edifício do Centro Paroquial
- 12 - Silo Automóvel do Ginjal com Capacidade para 600 Lugares
- 13 - Novo Edifício da Casa da Juventude
- 14 - Elevador de Ligação da Cota do Ginjal à Cota Alta

A . Elevador existente

B Museu Municipal, Núcleo Medieval Moderno

C . Paços do Concelho

D . Cine-Teatro Incrível Almadaense

- E . Igreja do Santiago
- F . Edifício Pombalino
- G . Casa onde nasceu Romeu Correia
- H . Junta de Freguesia de Cacilhas
- I . Antigo Quartel de Bombeiros V. de Cacilhas
- J . Igreja de Cacilhas
- L . Moinho
- M . Casa da Quinta dos Ingleses
- N . Casa da Quinta do Almaraz

-  Circulações pedonais Existentes
-  Circulações Pedonais Propostas
-  Circulações Pedonais Associadas a Edifícios Propostos
-  Circulações Automóveis existentes
-  Circulações automóveis Propostas

-  Estacionamento de Superfície de Apoio ao Equipamento Proposto
-  Silo Automóvel Proposto
-  Elevador Público Existente
-  Elevador público Proposto

-  Edificação acima do solo
-  Edificação com cobertura acessível
-  Demolição
-  Demolição parcial sujeita a análise posterior e consequente qualificação de aspetos a manter

LISTA DE CONTEÚDOS

01 | ENVOLVENTE| 3

02 | ESTACIONAMENTO| 7

03 | CHEGADA| 9

04 | RESIDÊNCIAS| 10

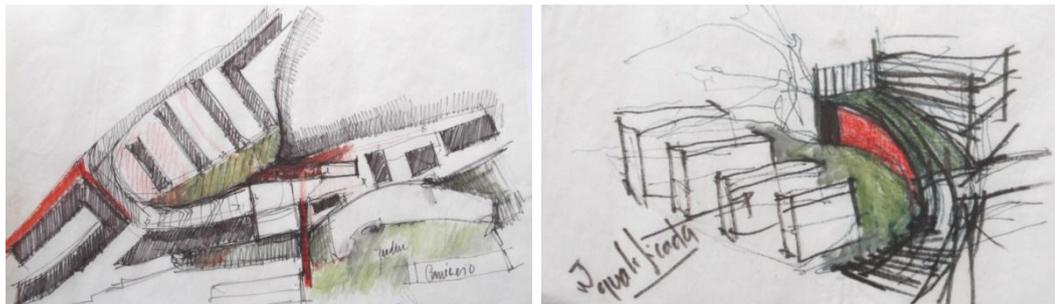
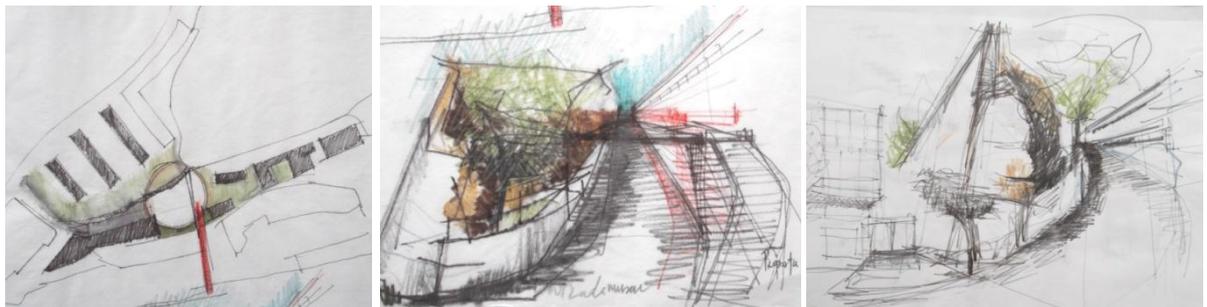
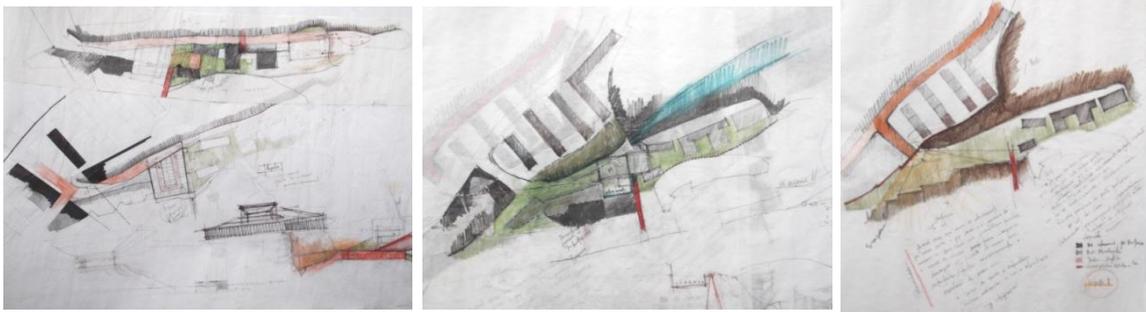
05 | CAFETARIA| RESTAURANTE| 11

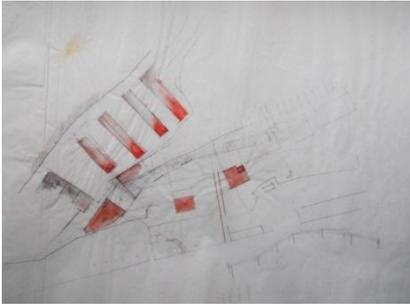
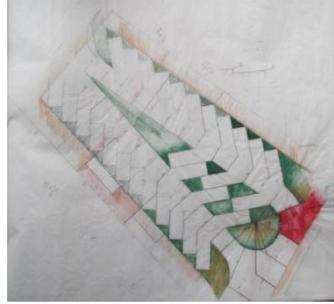
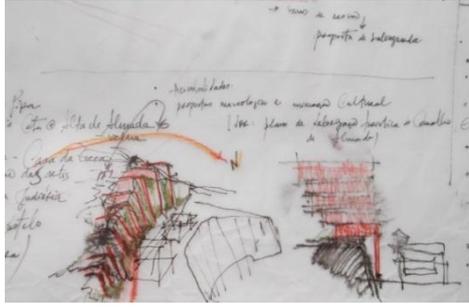
06 | LOJA| 14

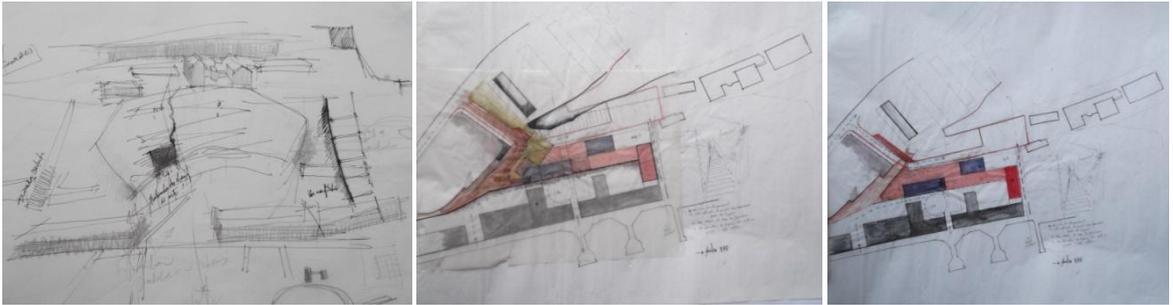
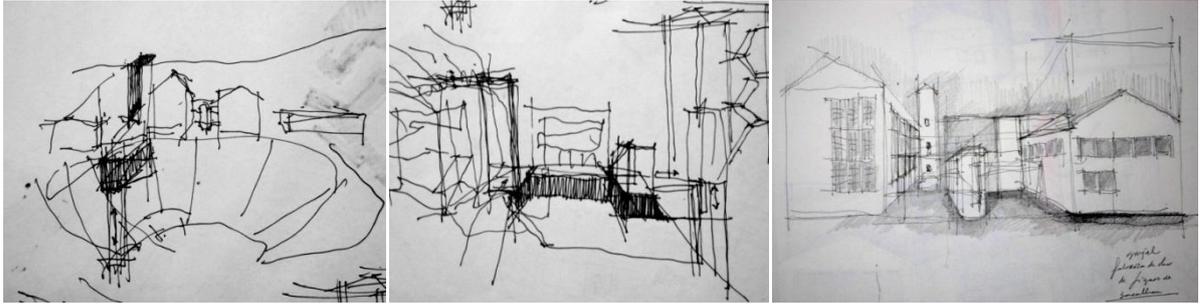
07 | MUSEU| 14

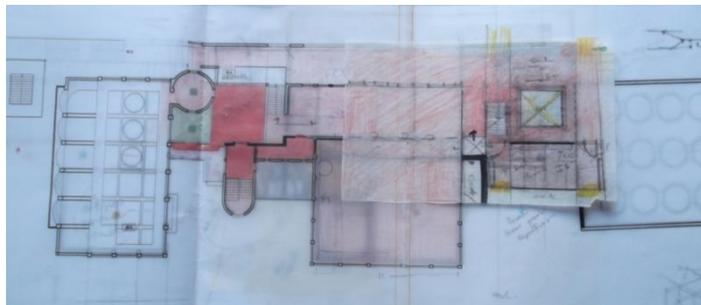
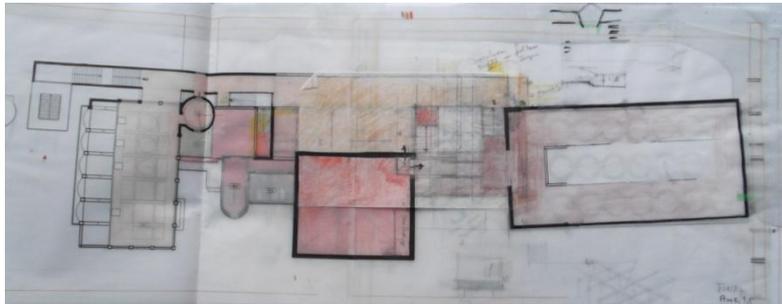
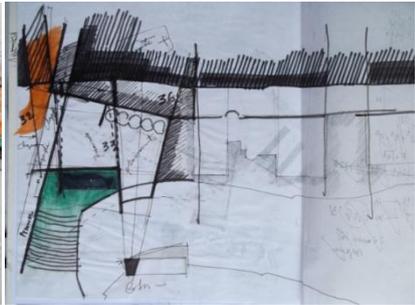
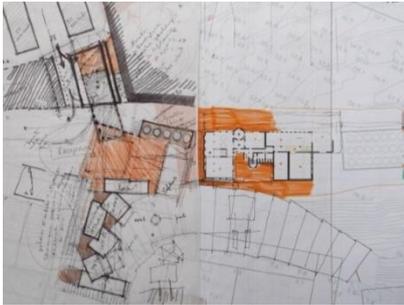
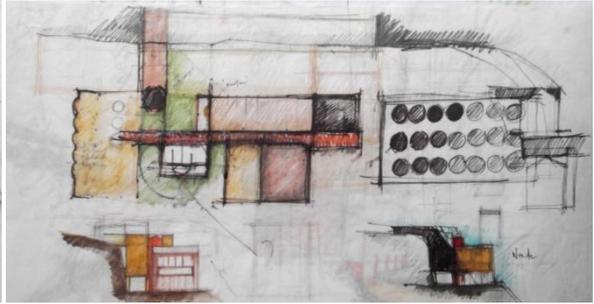
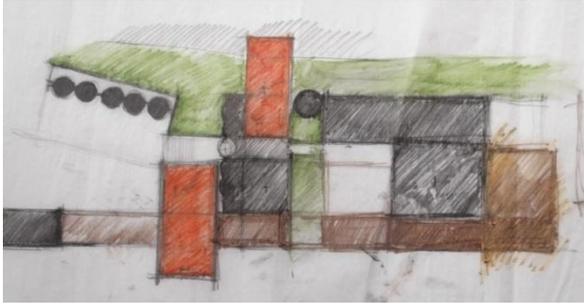
08 | MODELOS TRIDIMENSIONAIS DE PESQUISA| 22

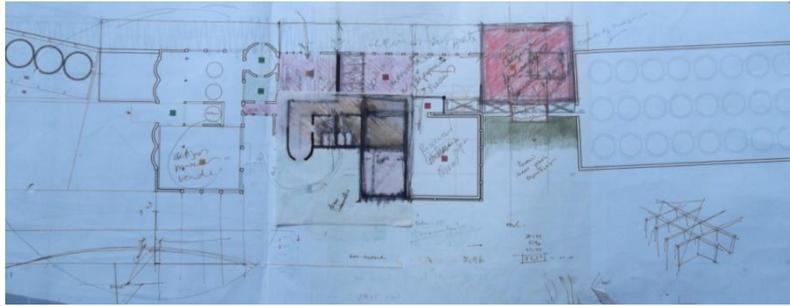
DI [ENVOLVENTE . CHEGADA]



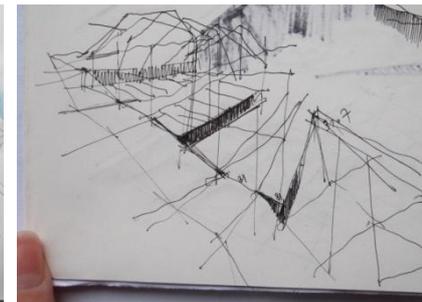
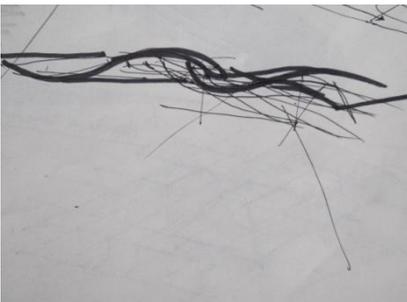
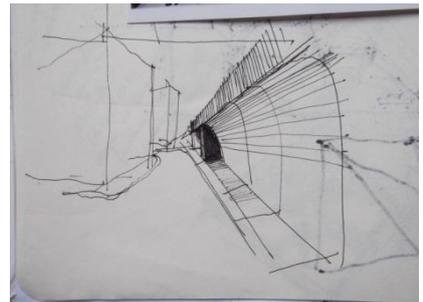
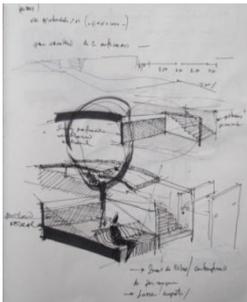
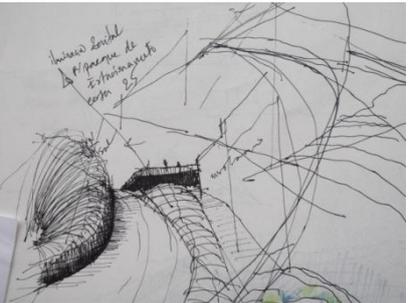
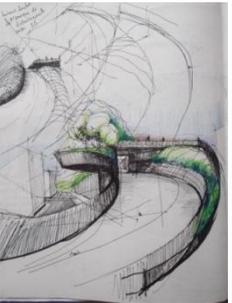
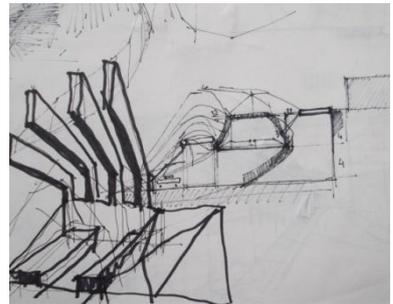
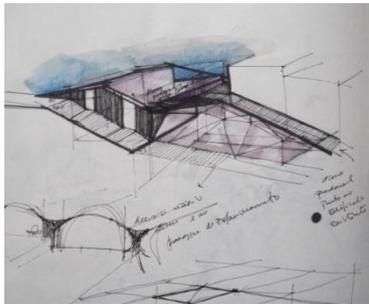
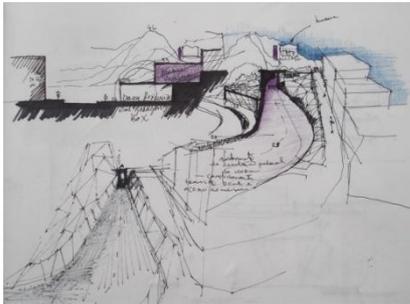


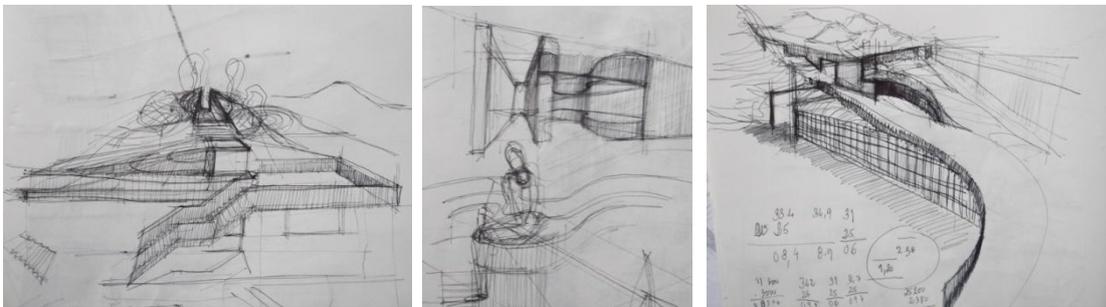
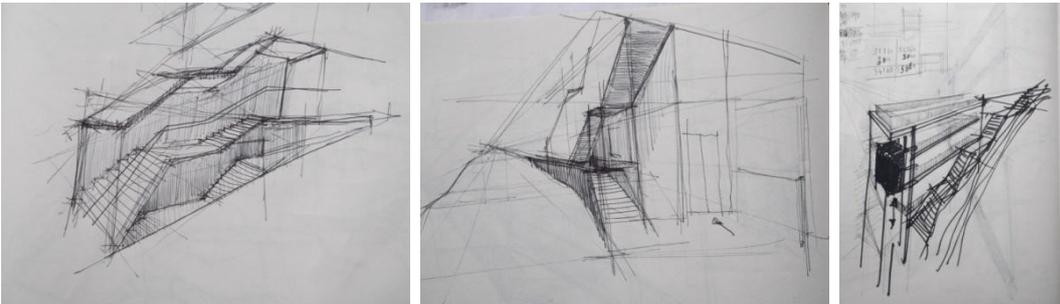
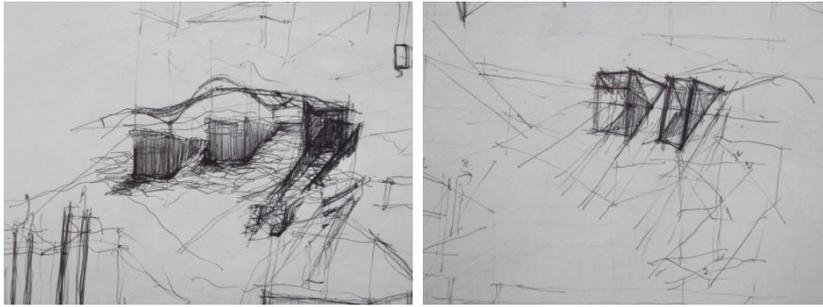
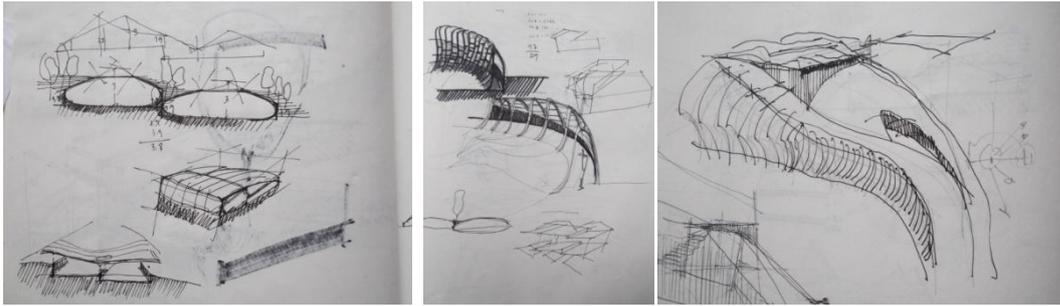




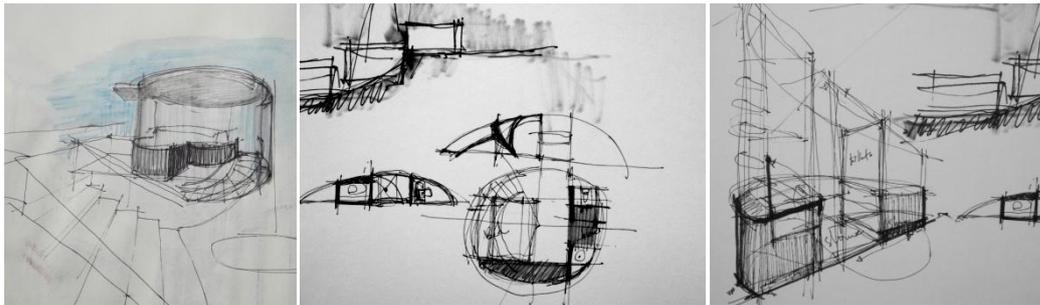
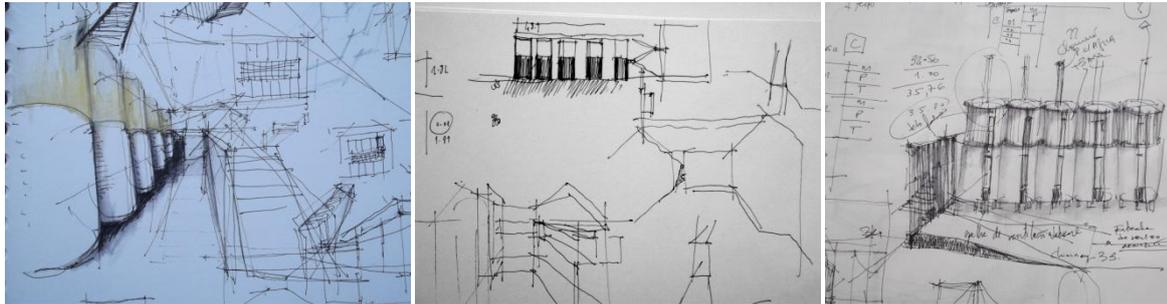
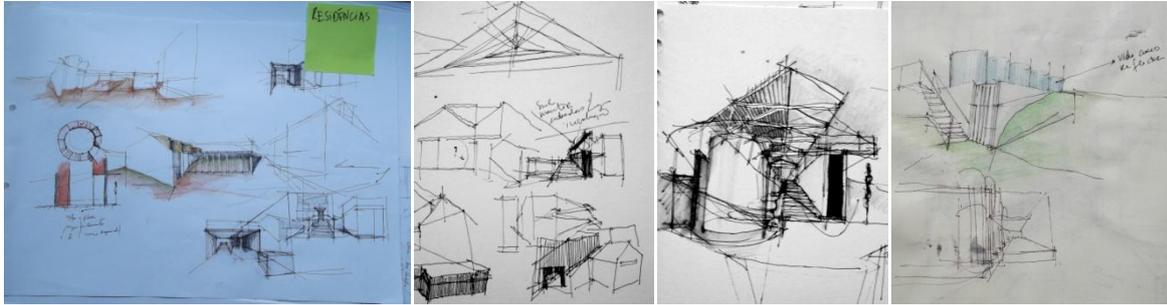


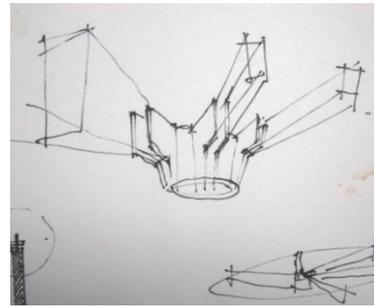
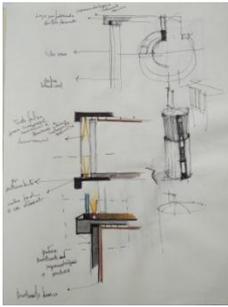
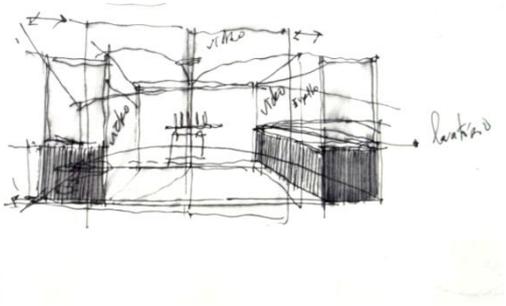
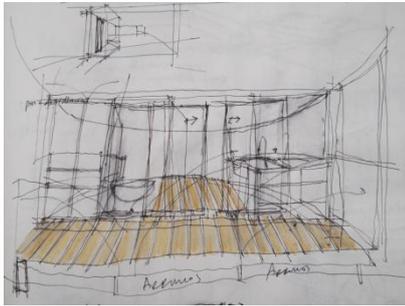
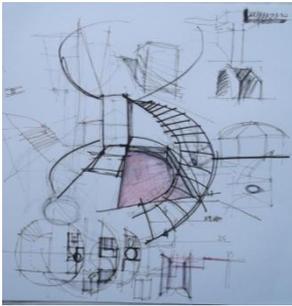
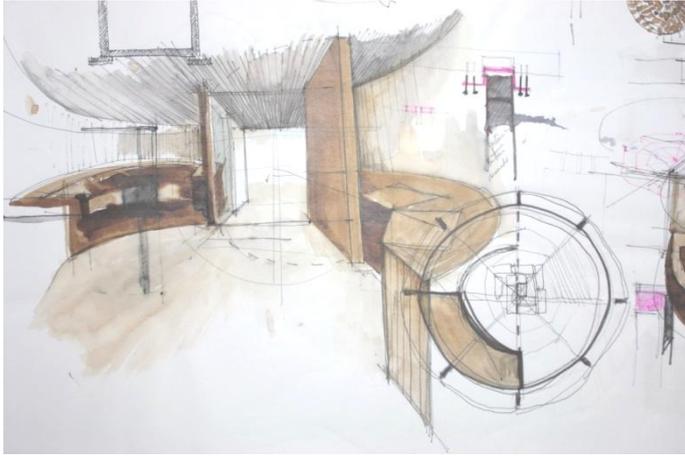
02 [ESTACIONAMENTO]





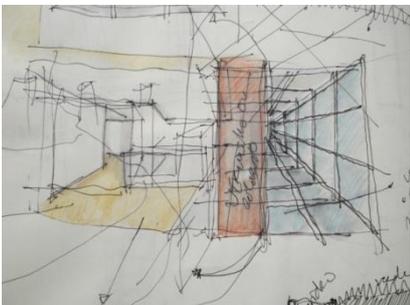
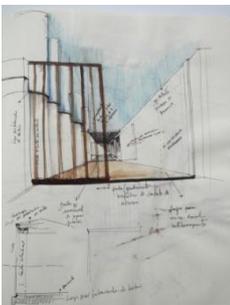
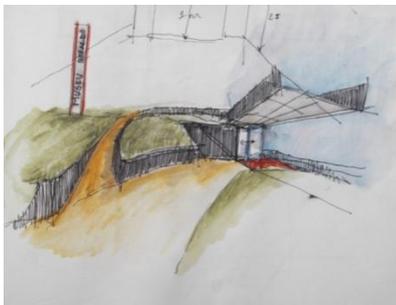
04 | RESIDÊNCIAS



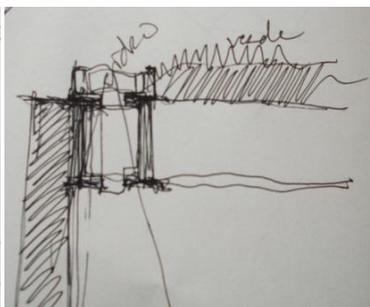
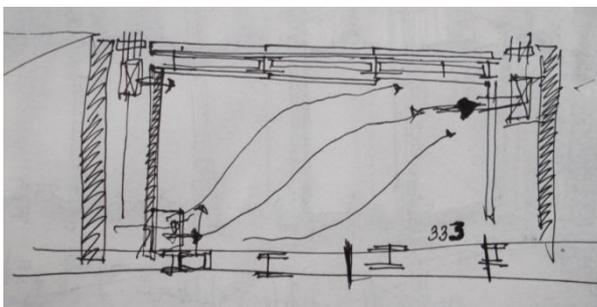
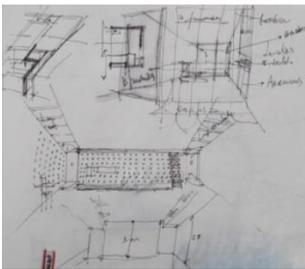
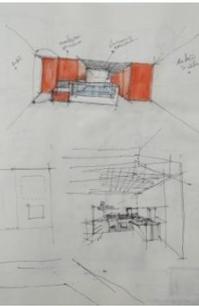
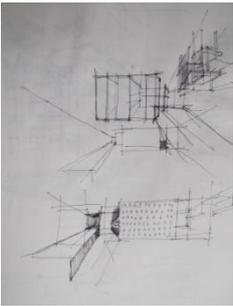
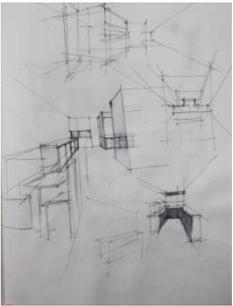
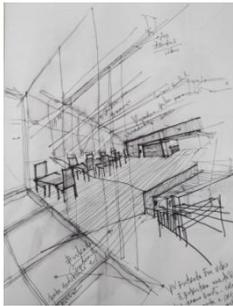
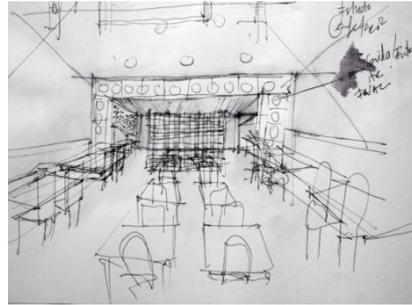
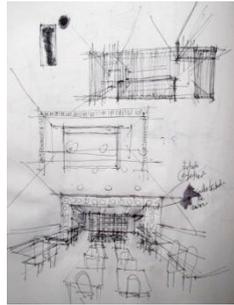
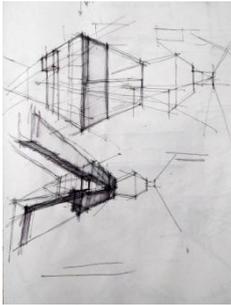
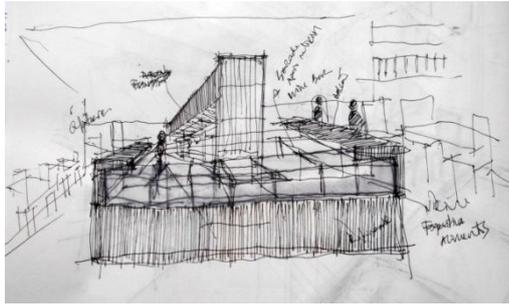
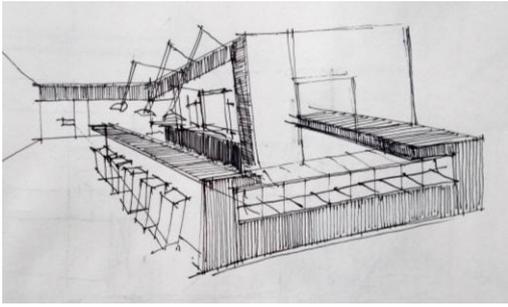


05 [CAFETARIA] RESTAURANTE

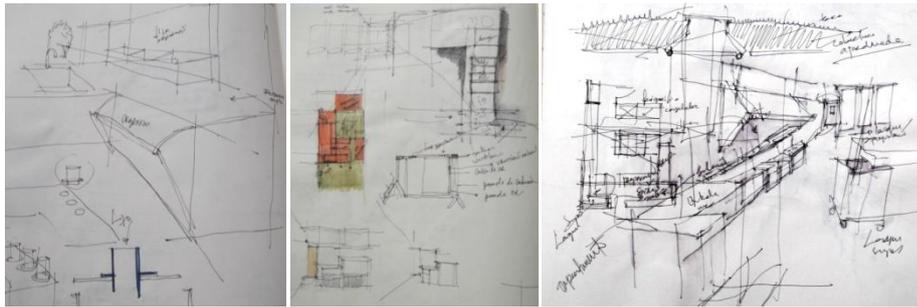
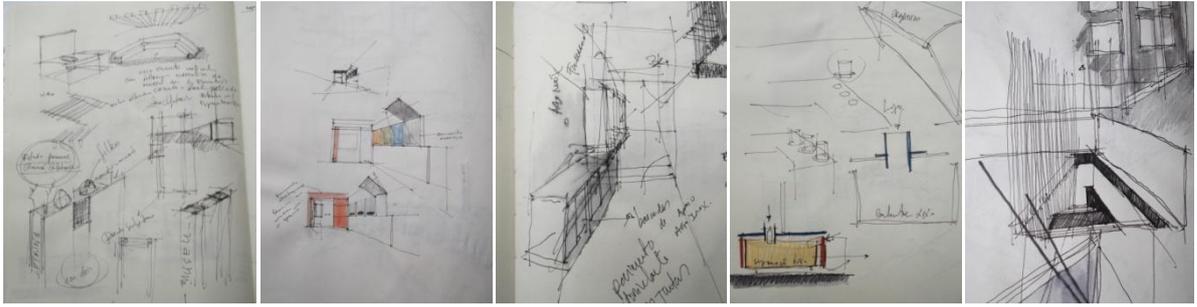
chegada . acesso de serviço . acesso público



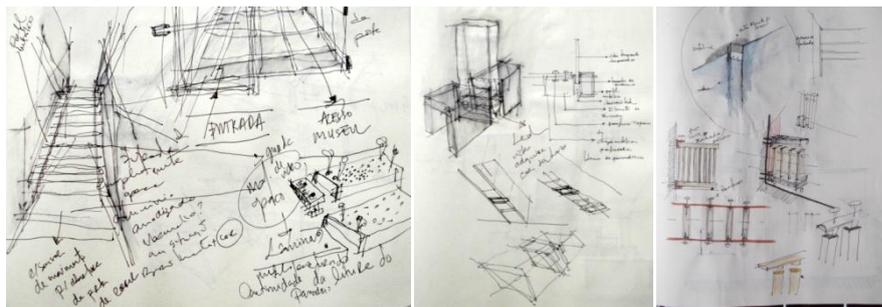
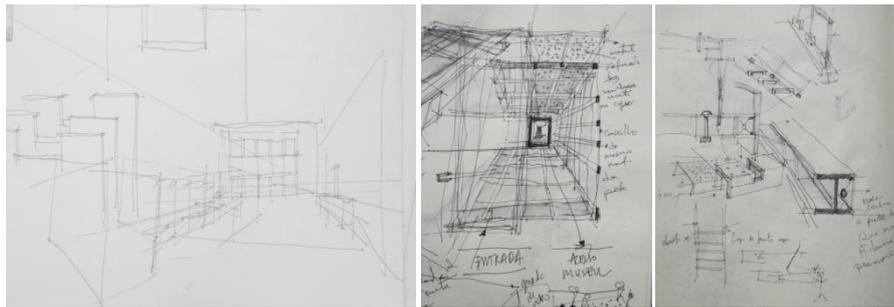
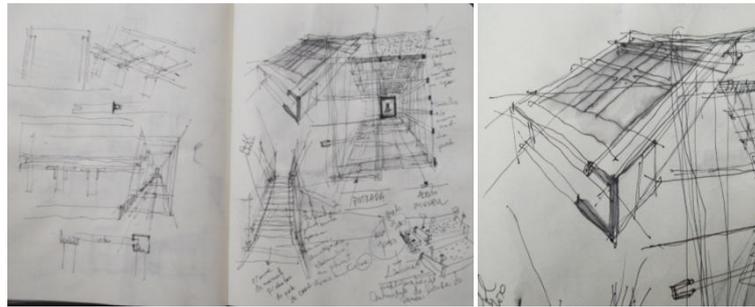
balcão de atendimento e espaço de estar público



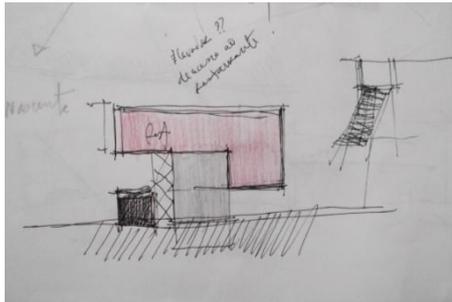
áreas técnicas . cozinha . is



estudo zona envidraçada em consola e escada de acesso ao passadiço

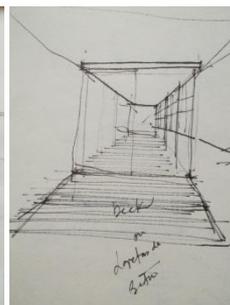
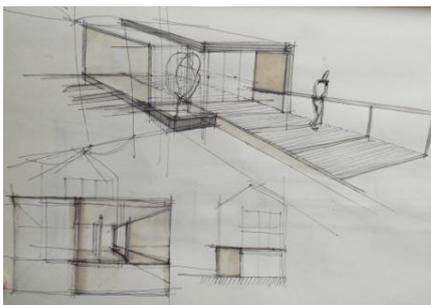
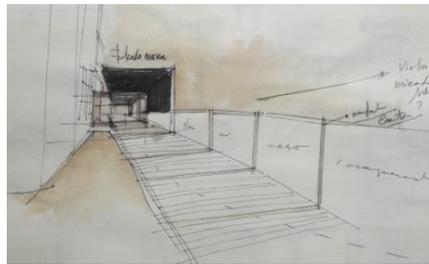
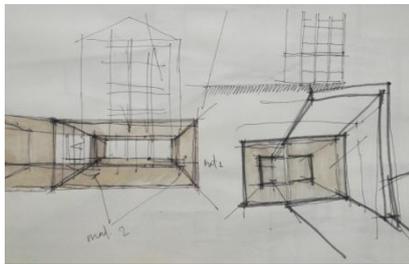


06 | LOJA

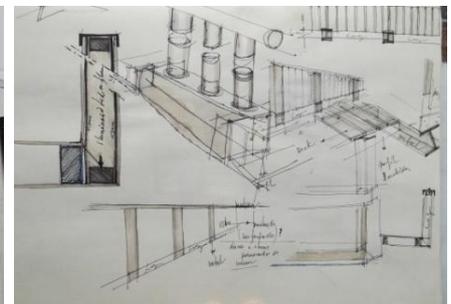
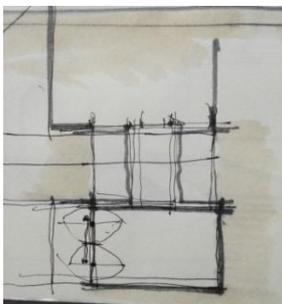
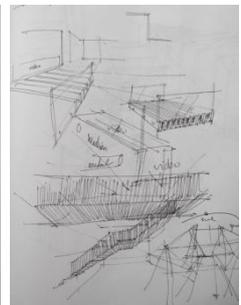
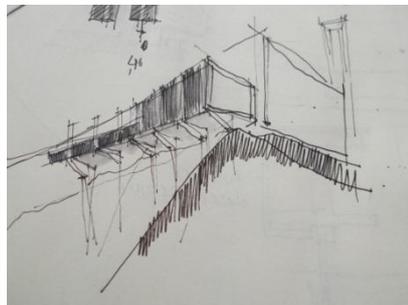
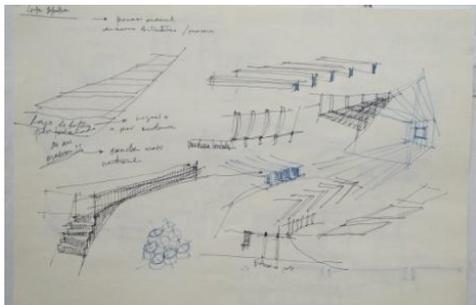
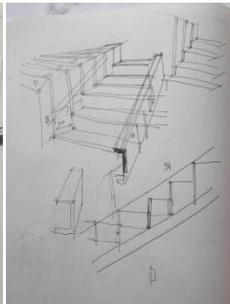
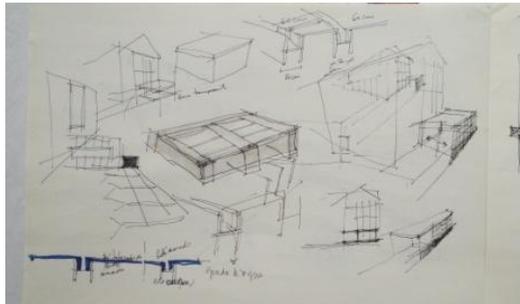
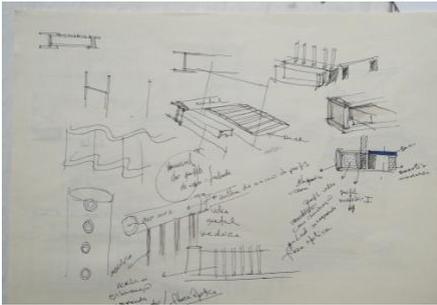
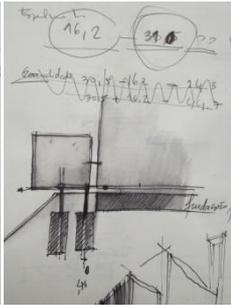
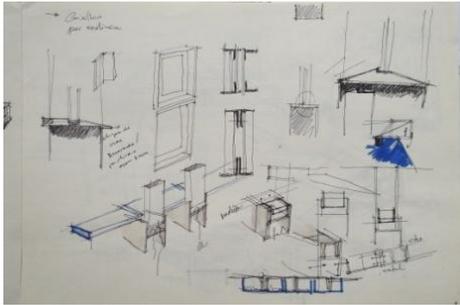
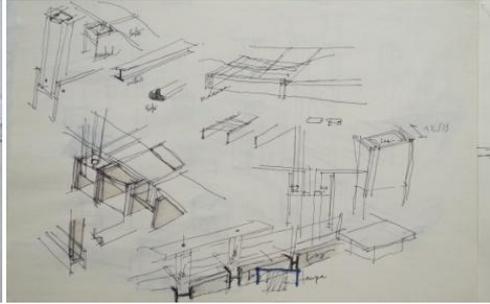
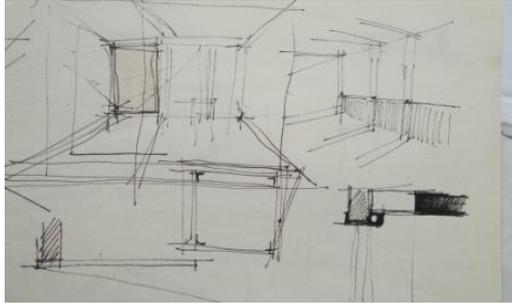


07 | MUSEU

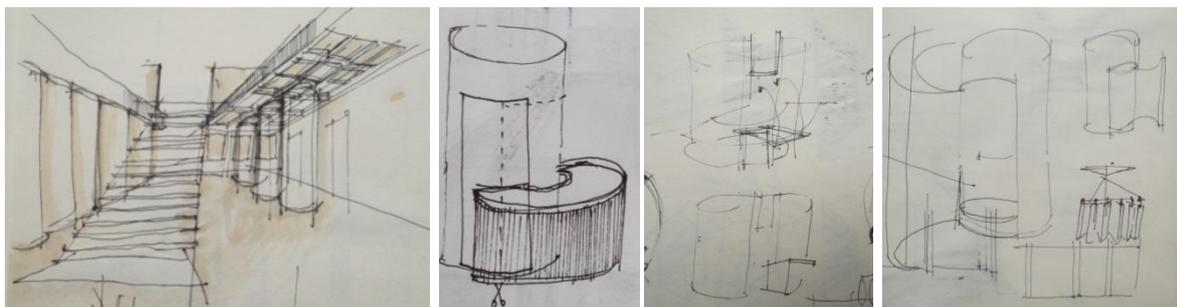
Passadiço . entrada. Recepção



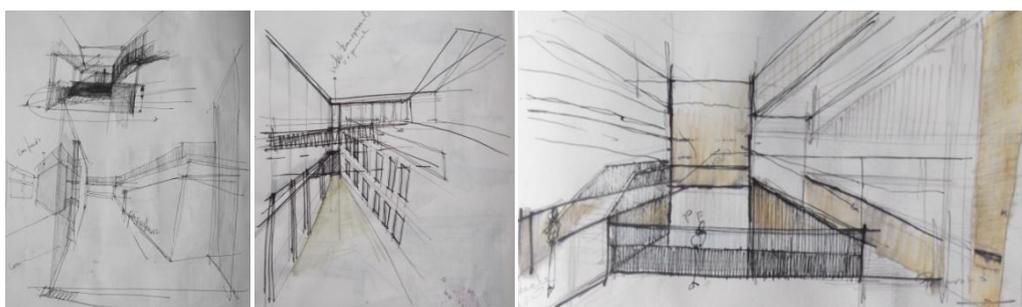
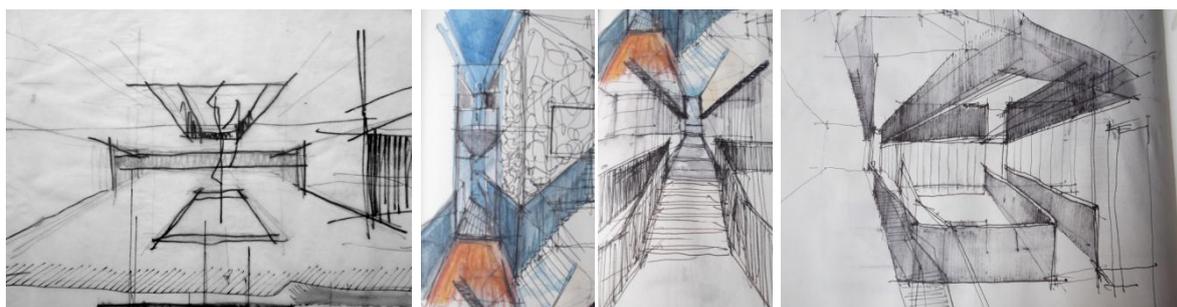
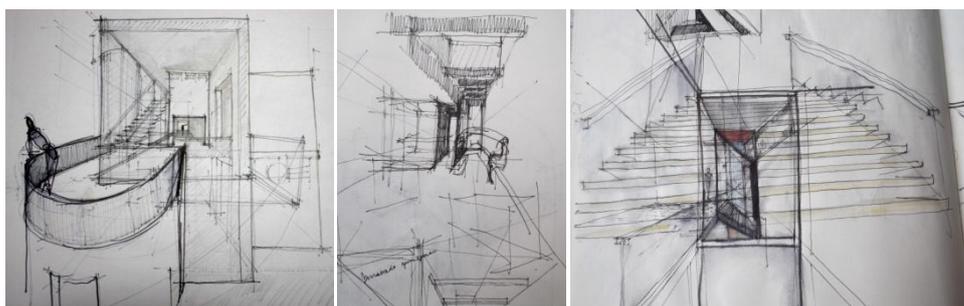
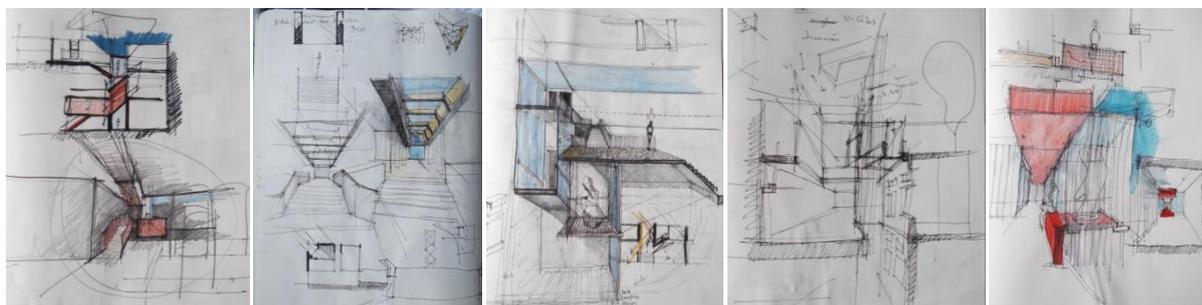
Detalhes passadiço e antecâmara de acesso ao museu

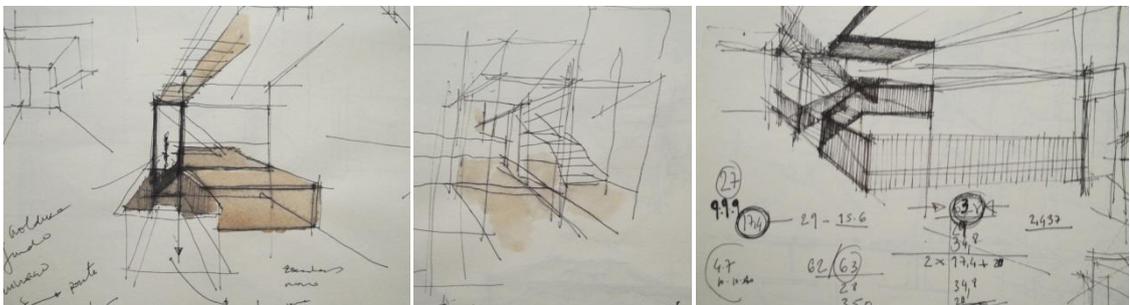
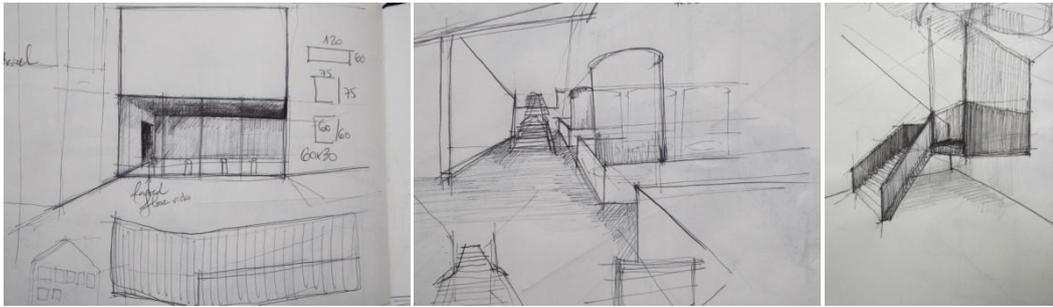
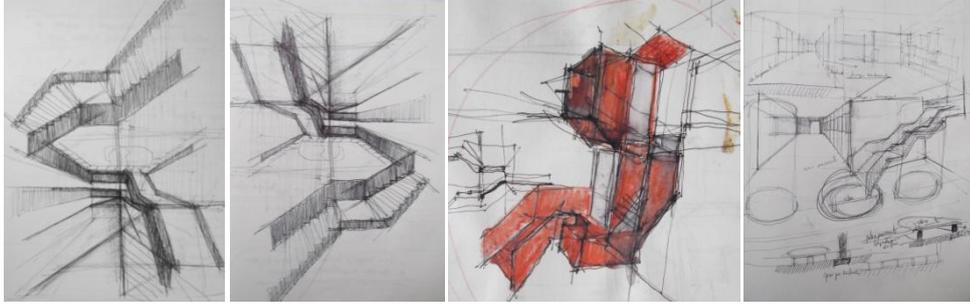
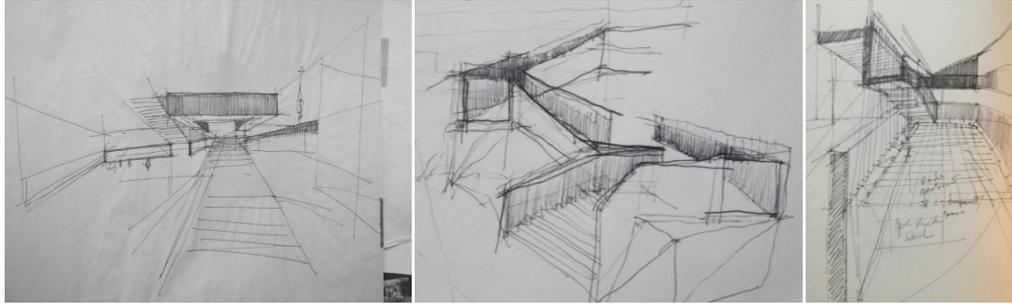


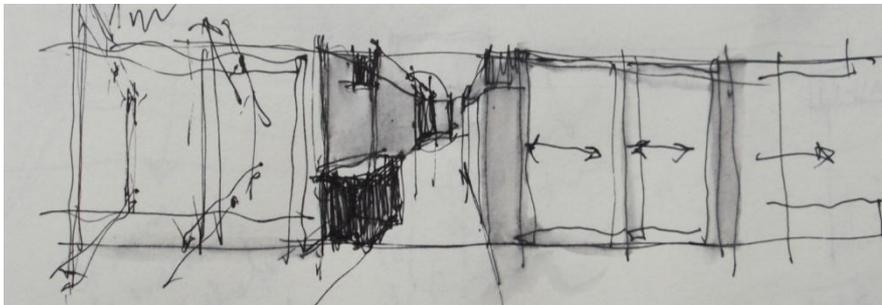
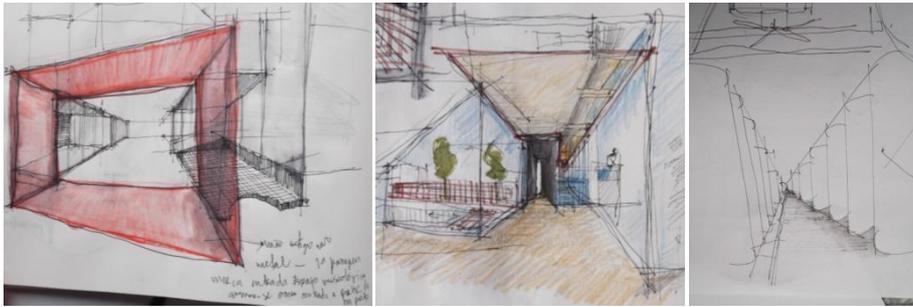
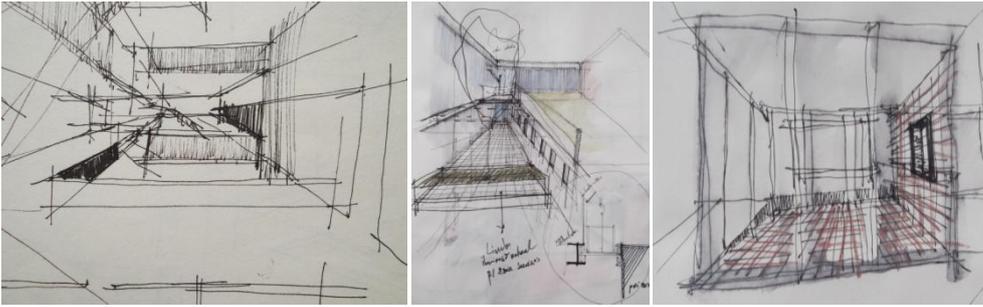
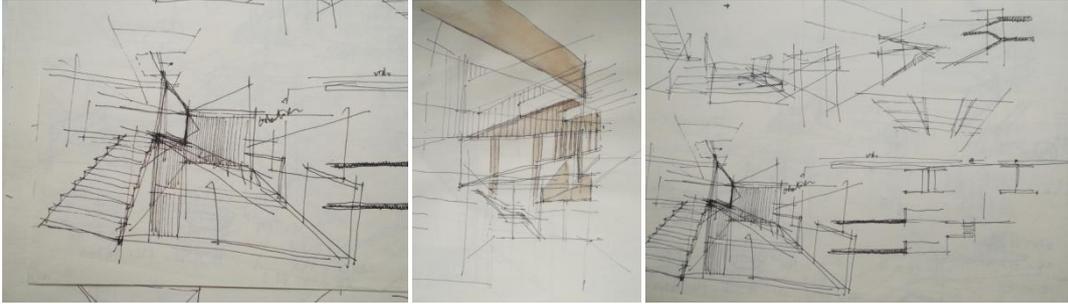
Estudo transformação silos do receção em bengaleiro e bilheteira



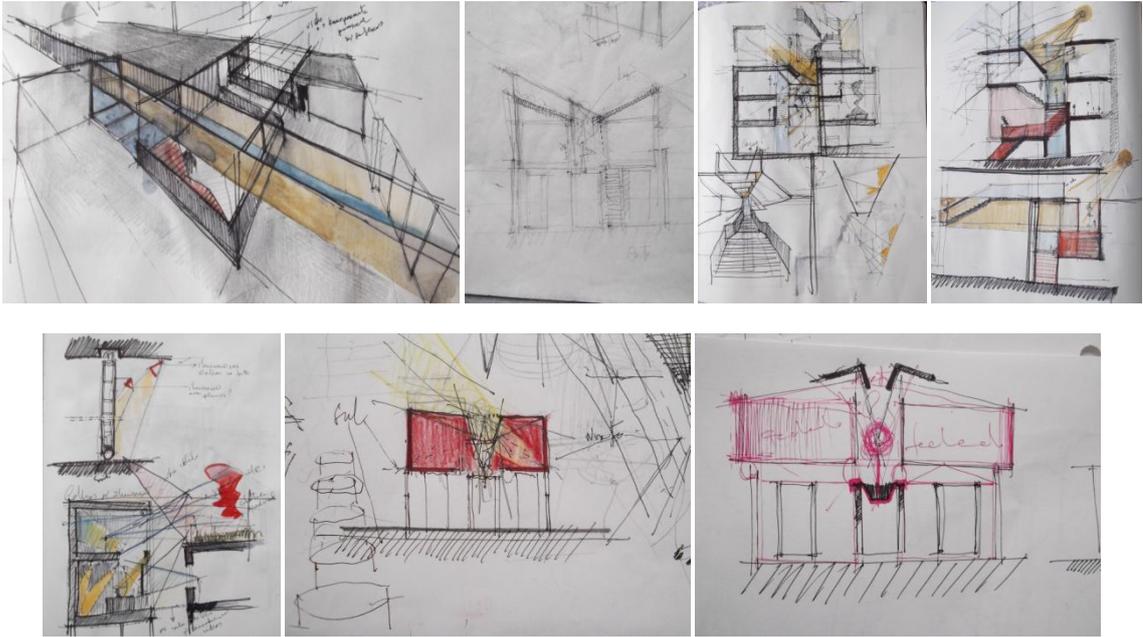
Áreas expositivas





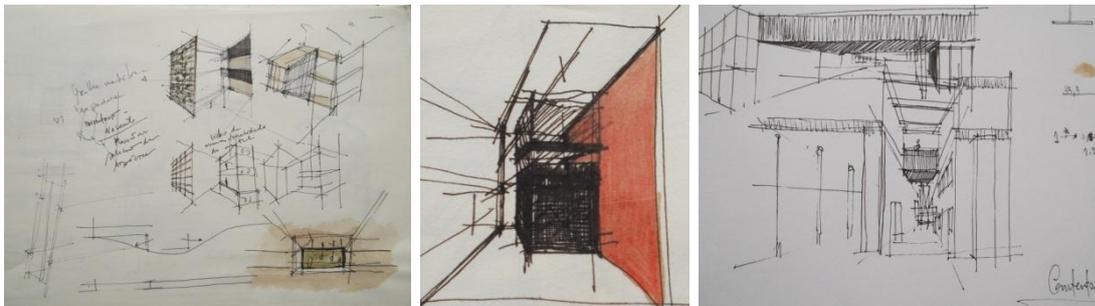
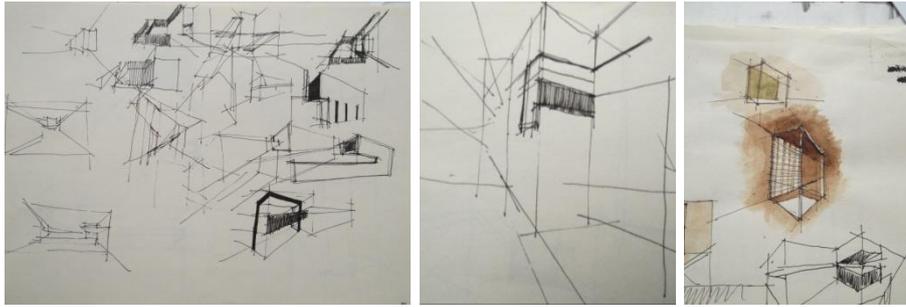
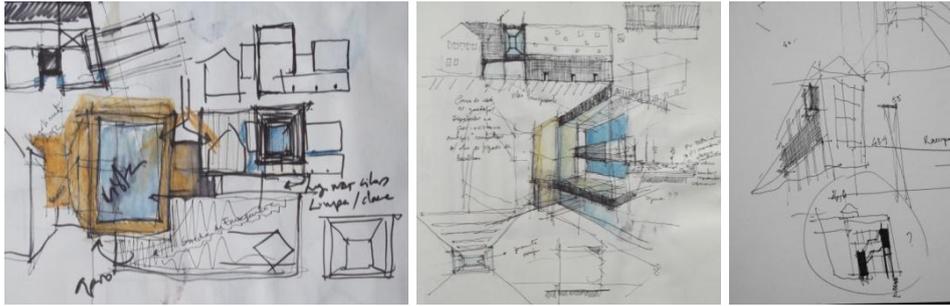


Estudios de luz

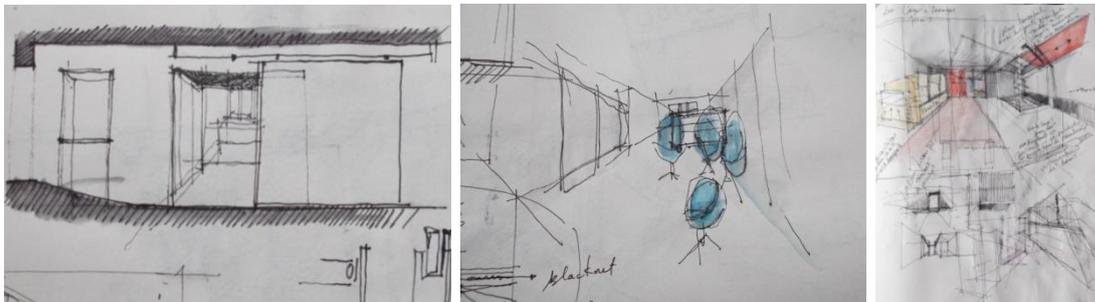


Exteriores

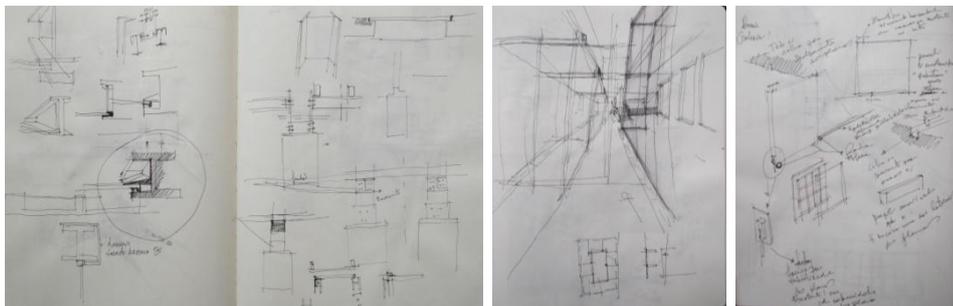
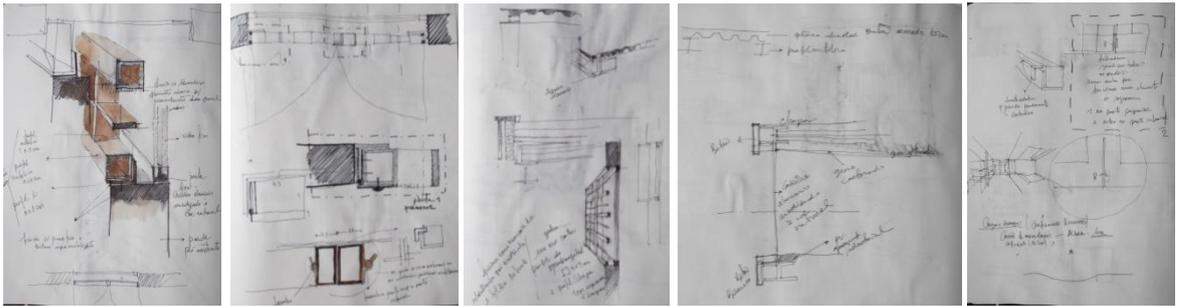
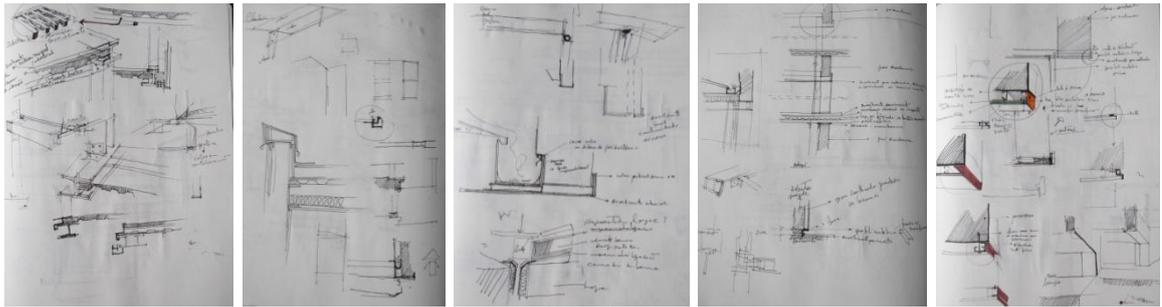
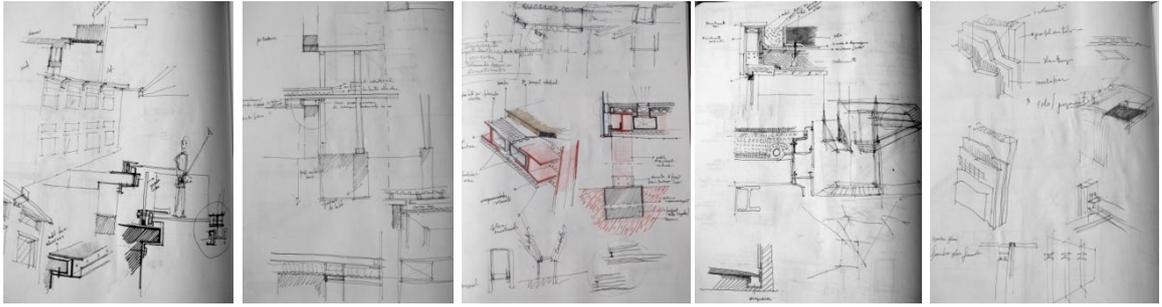




Serviços

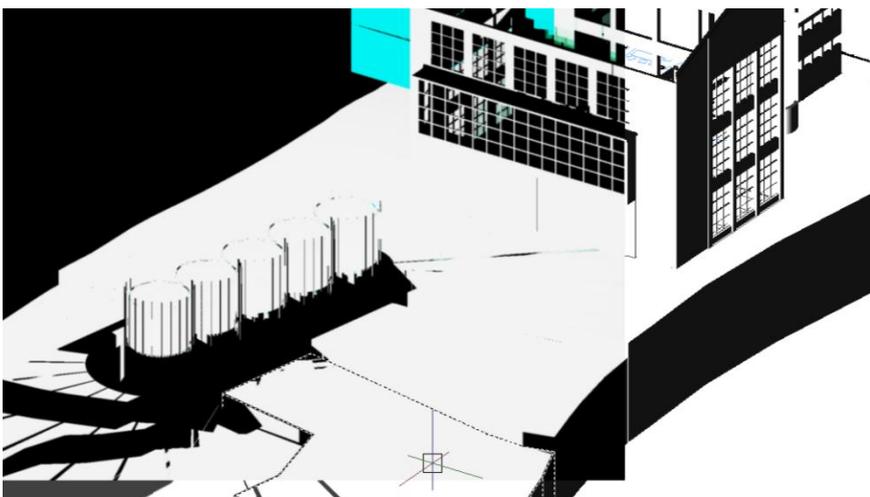
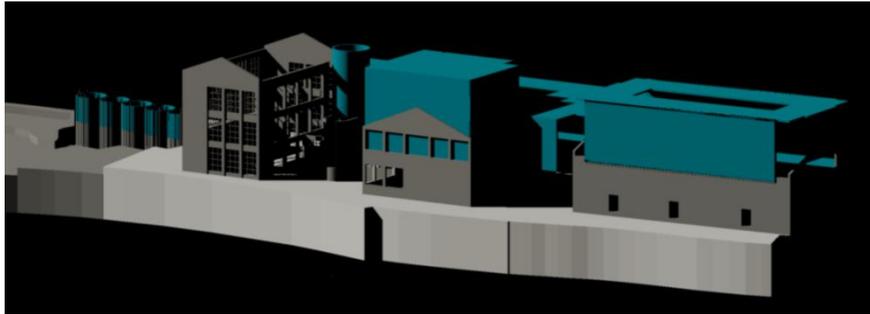


Pormenores

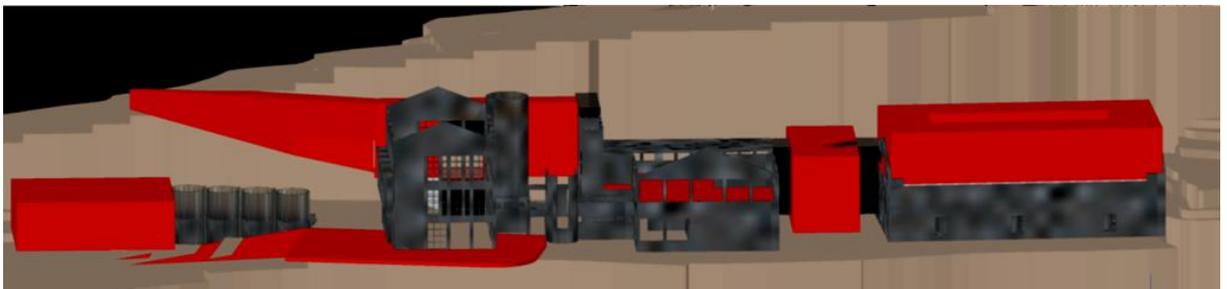
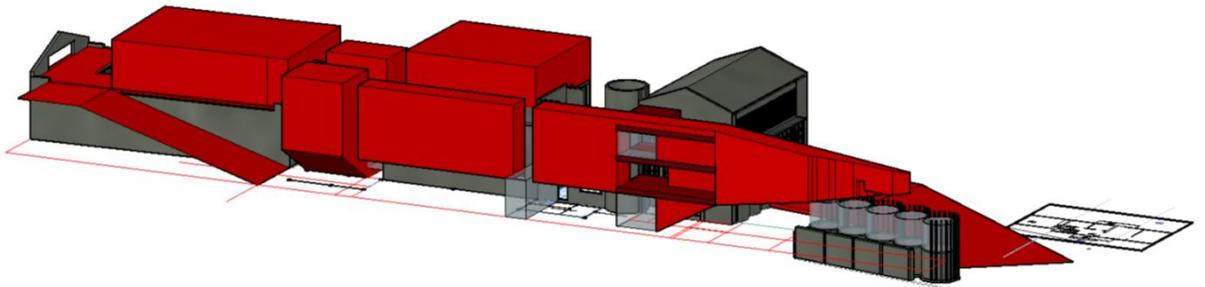
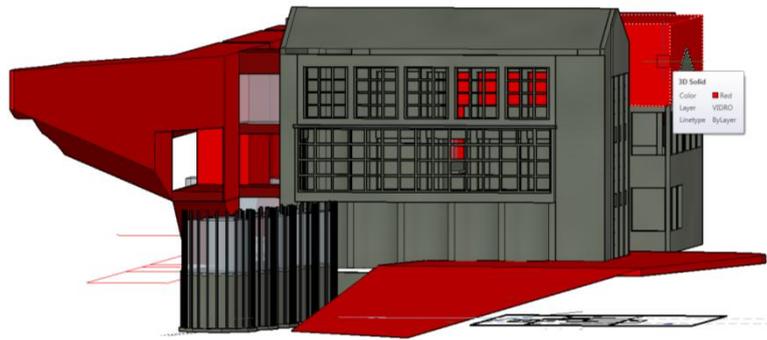


08 | MODELOS TRIDIMENSIONAIS DE PESQUISA |

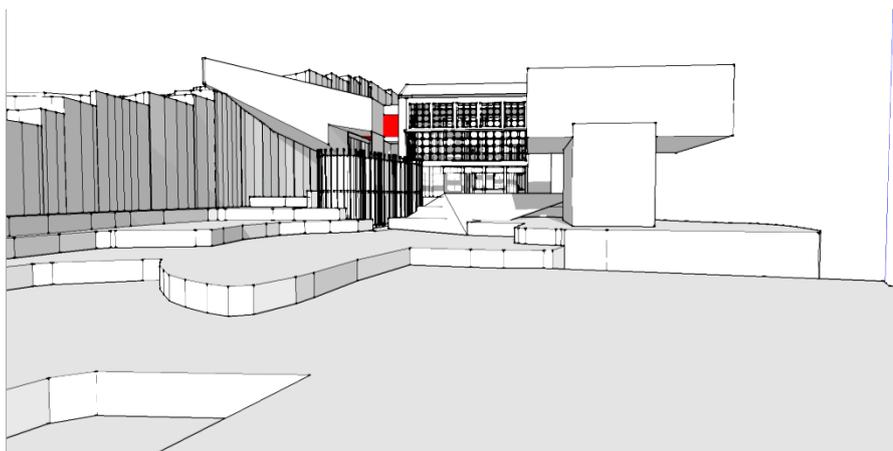
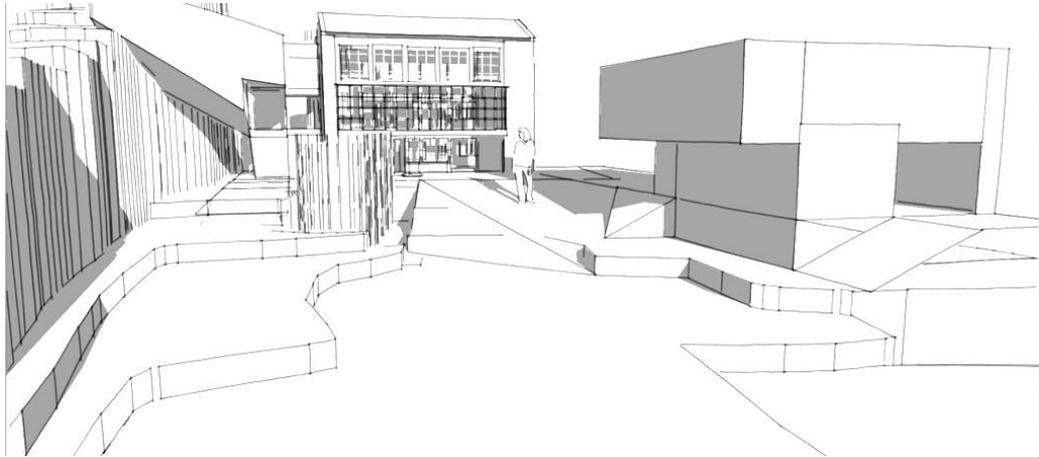
modelo 1

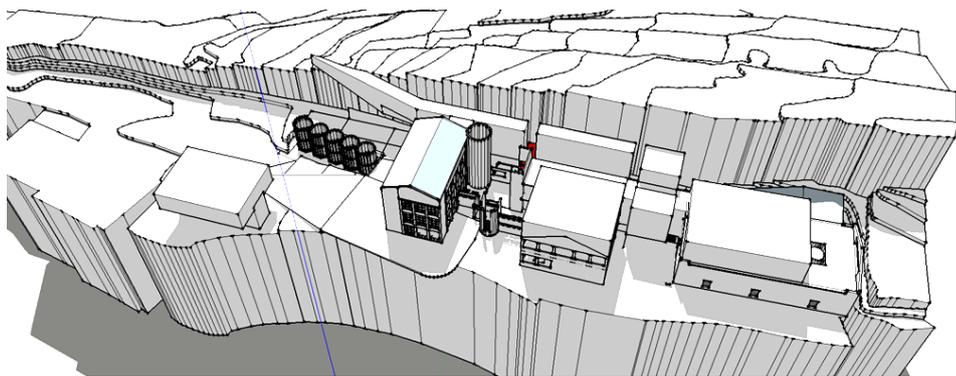
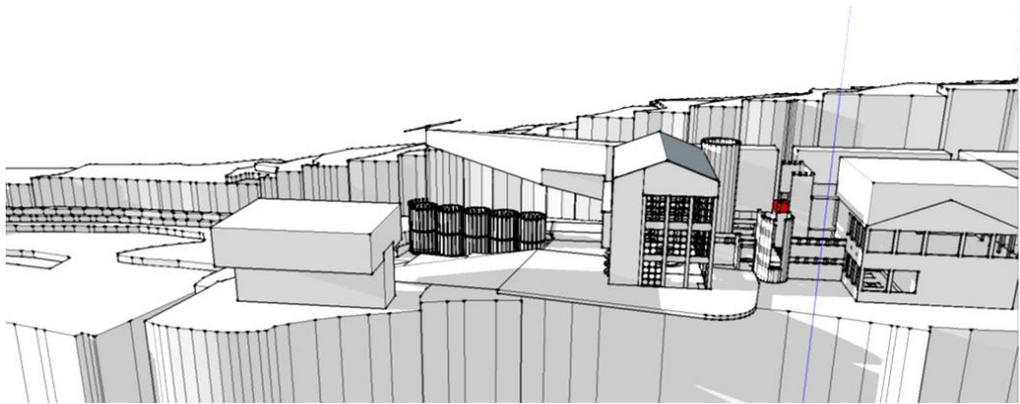


modelo 2

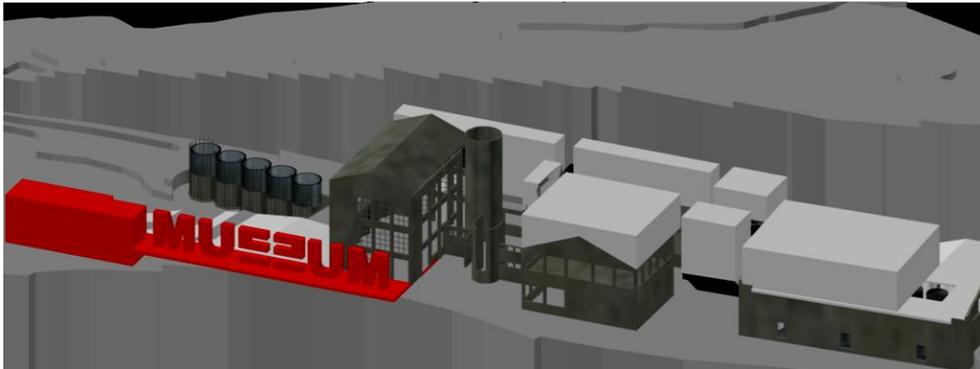
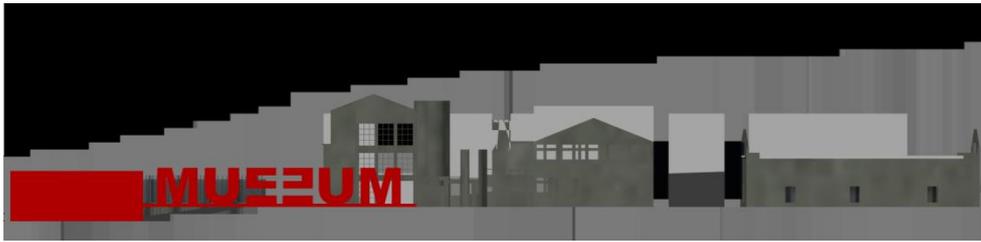


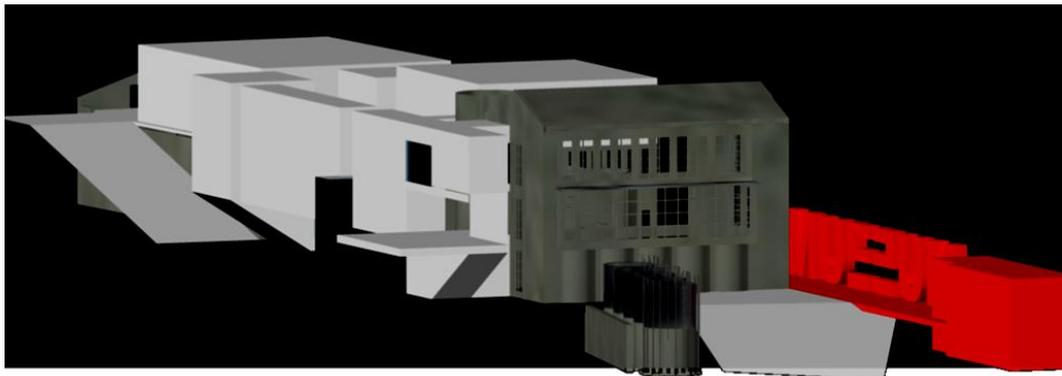
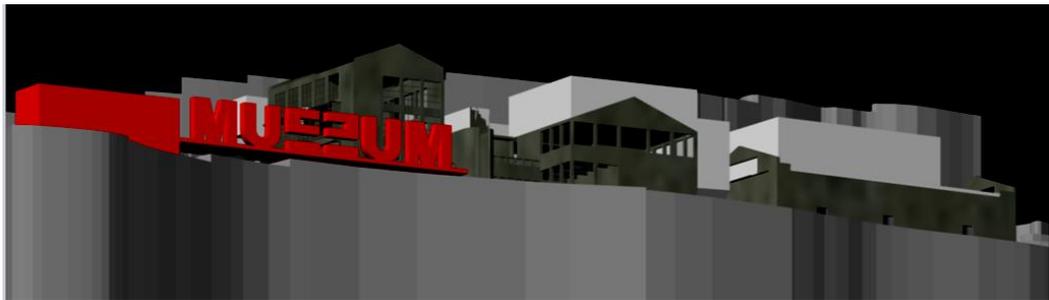
modelo 3





modelo 4

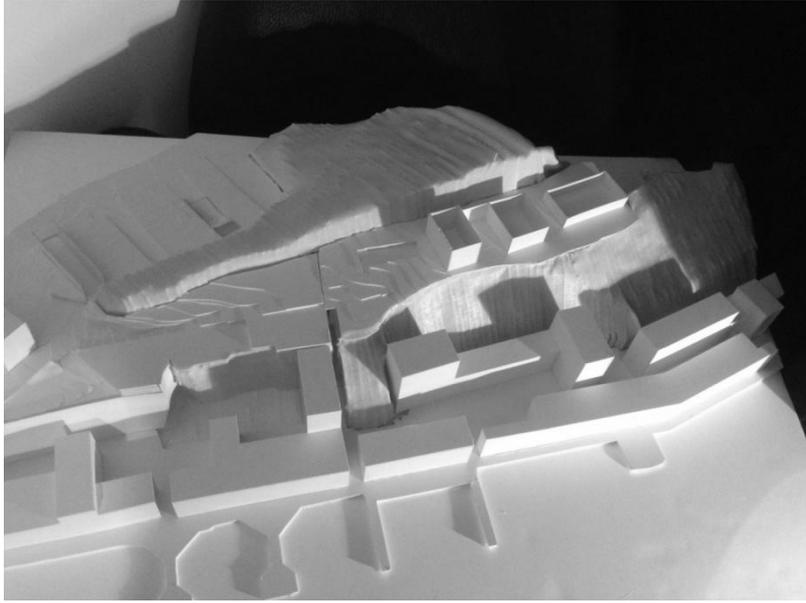




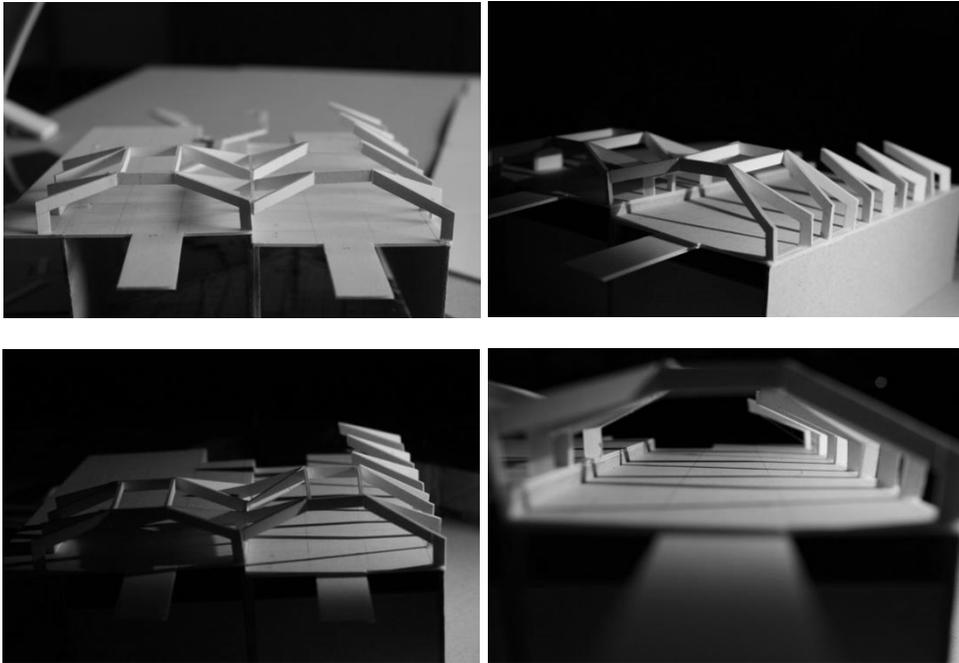
modelo 5

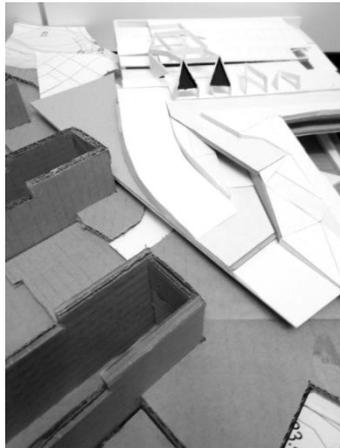
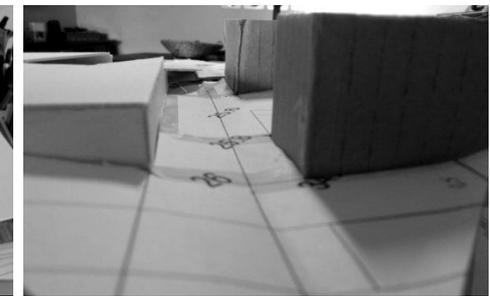
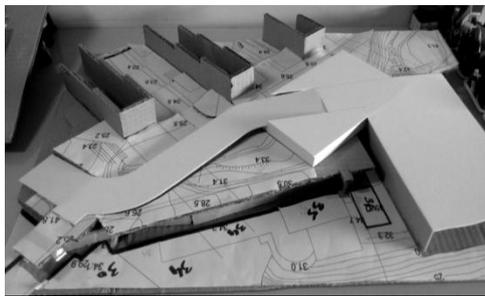
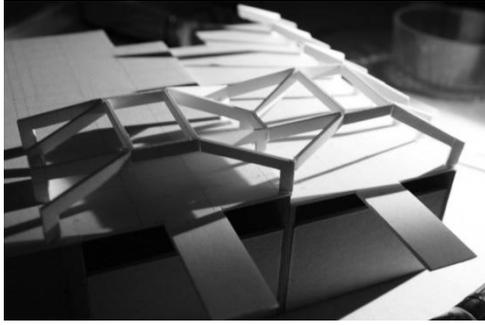


modelo 6



modelo 6





LISTA DE CONTEÚDOS

01 | LOCALIZAÇÃO

02 | RECONHECIMENTO

03 | PRÉ-EXISTÊNCIA

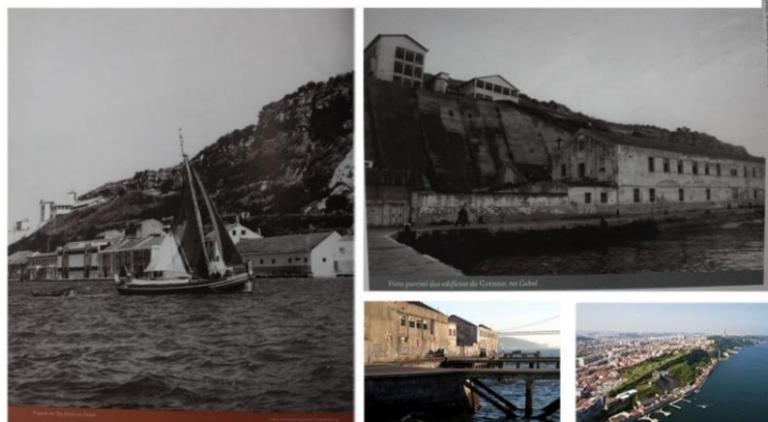
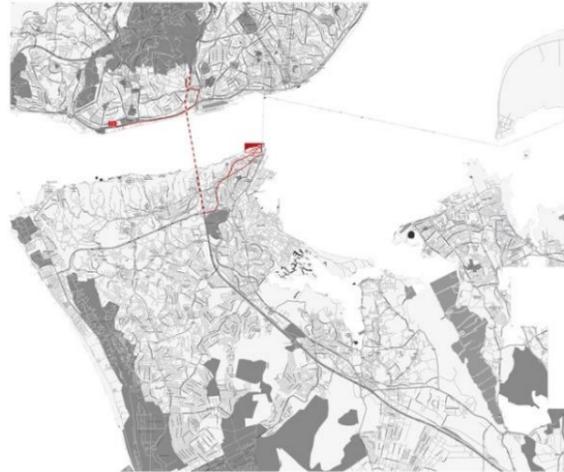
04 | ESTRATÉGIA

05 | MATERIALIDADES

01 LOCALIZAÇÃO

UTL. FACULDADE DE ARQUITETURA . PROJETO DE TESE DE Mestrado .
 MIAI RECONVERSÃO DE ANTIGA FÁBRICA DE ÓLEO DE FÍGADO DE BACALHAU EM PÓLO EXPOSITIVO . GINJAL. FEV2014

REVERSIVEL E TRANSITÓRIO ARQUITETURA DE INTEGRAÇÃO
 CÉLINE FERREIRA DE OLIVEIRA Nº 5348 . ORIENTADOR: ARQ. ANTÓNIO LIMA



GINJAL_09/1979. COM PRESENÇA DE NAVIOS NO CAIS - ACTUALMENTE DESACTIVADO.
<http://almadalmada.blogspot.com/>



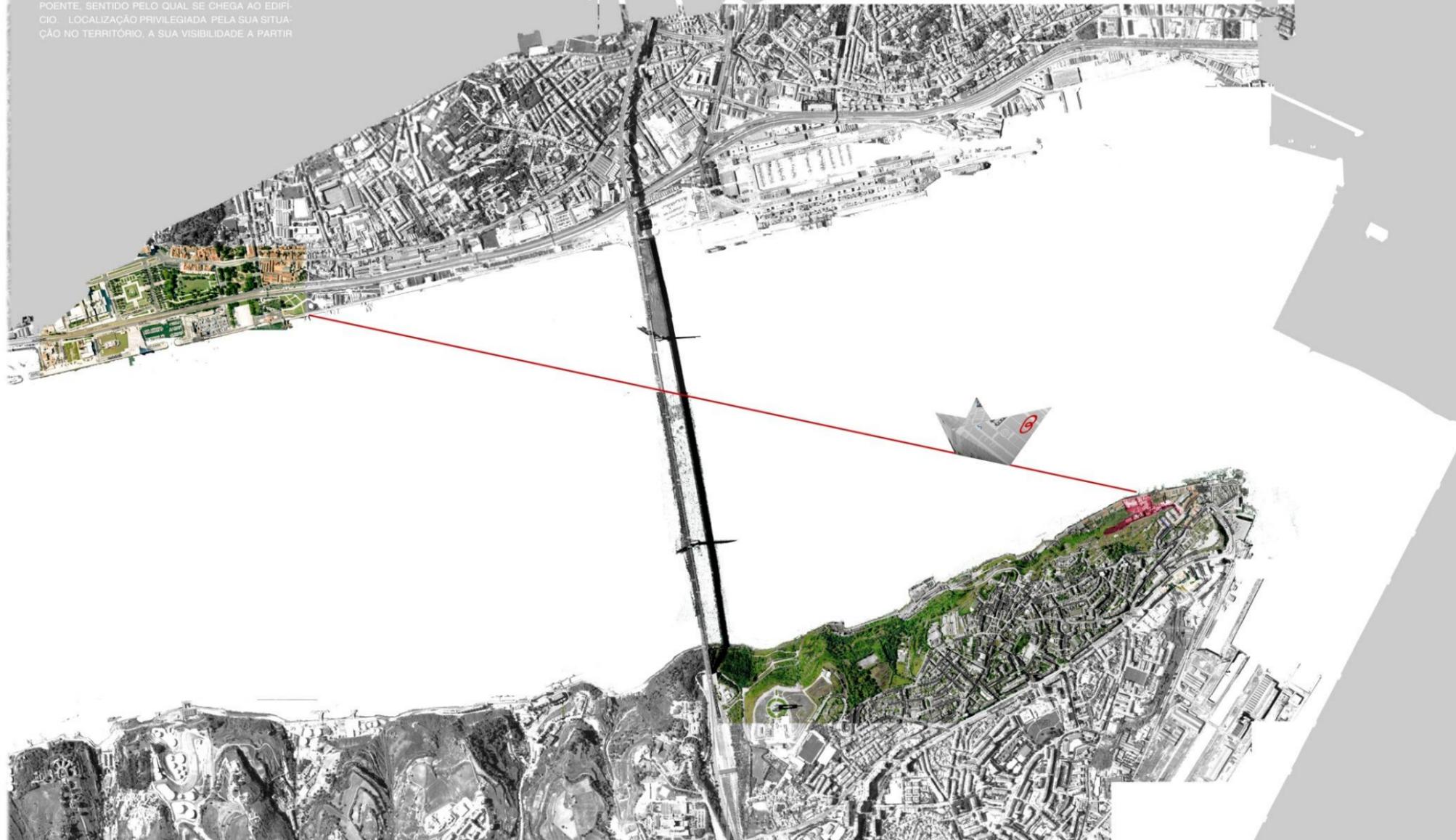
CONTEXTO DE ANTIGOS USOS INDUSTRIAIS PORTUÁRIOS AO LONGO DA MARGEM SUL DO RIO TEJO. ATUALMENTE ABANDONADO E DEGRADADO, O OBJETO DE INTERVENÇÃO LOCALIZA-SE NO CAIS DO GINJAL - A NORTE DE ALMADA, NUMA PLATAFORMA DE TERRENO A CERCA DE 2/3 DA ENCOSTA QUE DISTANCIA O RIO TEJO DA RESERVA ARQUEOLÓGICA DE ALMARAZ. O SOPE DA ENCOSTA, A NORTE, DELINEADA POR UMA CORRENTE DE ANTIGOS ARMAZENS INDUSTRIAIS OBSOLETOS, ONDE ATÉ FINAIS DOS ANOS 70 LABORARAM EMPRESAS DE REPARAÇÃO NAVAL, DE CONSERVA DE PEIXE, ARMAZENS DE ISCO, VINHO OU AZEITE OU FABRICAS DE GELO E PELO RIO QUE DELIMITA ALMADA E LISBOA. A SUL, NO CUME DA ENCOSTA, SITUA-SE A RESERVA ARQUEOLÓGICA DO ALMARAZ, UM DOS MAIS IMPORTANTES PATRIMÓNIOS ARQUEOLÓGICO PORTUGUESES, NO QUE SE REFERE À OCUPAÇÃO FENICIA. TERRITÓRIO EM DECLIVE, CRESCE DE NASCENTE PARA POENTE, SENTIDO PELO QUAL SE CHEGA AO EDIFÍCIO. LOCALIZAÇÃO PRIVILEGIADA PELA SUA SITUAÇÃO NO TERRITÓRIO, A SUA VISIBILIDADE A PARTIR

DE LISBOA CENTRO - PRAÇA DO COMÉRCIO, PODENDO AINDA ADQUIRIR UM MAIOR IMPACTO QUANDO TRABALHADA. PROXIMIDADE COM O RIO - OPORTUNIDADE DE CRIAÇÃO DE LIGAÇÃO FLUVIAL, MANTENDO ANTIGAS DEPENDÊNCIAS DO RIO, JÁ QUE ESTE FUNCIONAVA COMO LINHA DE TRANSPORTE DE MERCADORIAS.

A NOVA FUNÇÃO ELEITA PARA DAR NOVA VIDA A ESTE ESPAÇO ESTÁ EM CONFORMIDADE COM A JÁ PROPOSTA PELO EEE - ESPAÇO DE CULTURA E CRIATIVIDADE. AS RELAÇÕES QUE A ÁREA DE INTERVENÇÃO ESTABELECE COM O RIO E LISBOA SERVEM DE MOTE PARA QUE O NOVO PROGRAMA SE ESTABELEÇA NO SENTIDO DE ALBERGAR UM PÓLO EXPOSITIVO DE EXTENSÃO DA COLEÇÃO BERARDO, HOJE 'RESIDENTE' NO CCB EM BELÉM. TIRAR PARTIDO DAS POTENCIALIDADES DO ESPAÇO CONSTRUÍDO, DA SUA SITUAÇÃO GEOGRÁFICA E DE UMA

COLEÇÃO DE ARTE COM GRANDE RELEVÂNCIA NO QUE REFERE A ARTE CONTEMPORÂNEA EM PORTUGAL, USANDO-A COMO ELEMENTO AGLUTINADOR DAS DUAS MARGENS. ESTA CO-LIGAÇÃO TRANSPORTA PARA UMA NOVA DIMENSÃO O CONTEÚDO EXPOSITIVO, UMA VEZ QUE ESTA DEIXA DE ESTAR CONFINADA A UM ÚNICO ESPAÇO CONSTRUÍDO, PARA GANHAR FORMA AO NÍVEL URBANO, ONDE SE MANIFESTAM E DESENVOLVEM AS PRINCIPAIS TENDÊNCIAS ARTÍSTICAS. A CRIAÇÃO DE ROTAS FLUVIAIS ARTÍSTICAS ENTRE AMBOS OS MUSEUS DA COLEÇÃO COMO PRETEXTO PARA O SURGIMENTO DE UM CONJUNTO DE ATIVIDADES E SERVIÇOS CONTRIBUINDO-SE PARA DEVOLVER MAIS VIDA AO RIO TEJO E DINAMIZAR O CAIS DO GINJAL ATUALMENTE DESATIVADO E OBSOLETO.

PLANOS PREVISTOS OU EM DESENVOLVIMENTO PARA A ENVOLVENTE. 1 E 2. UNIDADE ESTRATÉGICA CAIS DO GINJAL (RECUPERAR OS EDIFÍCIOS COM INTERESSE, CONVERTER VAZIOS EM PRAÇAS INTERIORES, POTENCIAR O DESENVOLVIMENTO DE NÚCLEOS DE INDÚSTRIA CRIATIVA, RESTAURAÇÃO, COMÉRCIO, HOTEIS, HABITAÇÃO E ÁREAS CULTURALMENTE ATIVAS COM VISTA SOBRE O RIO E LISBOA) | 3. UNIDADE ESTRATÉGICA ALMADA VELHA E CASTELO (HOTEL COM 40 QUARTOS - ONDE SE ENCONTRA ATUALMENTE A GNR, APARTAMENTOS DISTRIBUÍDOS POR ALMADA VELHA, NOVOS NÚCLEOS DE COMÉRCIO, ARTESANATO E SERVIÇOS) | 4. UNIDADE ESTRATÉGICA QUINTA DO ALMARAZ (CENTRO DE INTERPRETAÇÃO ARQUEOLÓGICA E PROJETO SOCIAL COM HABITAÇÃO PARA JOVENS COM NECESSIDADES DE APOIO PARA PROJETOS ACADÉMICOS, ESPAÇOS VERDES, PRAÇAS UM CENTRO DE DIA) | 5. PLANO DE REQUALIFICAÇÃO URBANA E FUNCIONAL DE CACILHAS | 6. PLANO DE URBANIZAÇÃO FRENTE RIBEIRINHA DA CIDADE DE ALMADA.



02 RECONHECIMENTO

UTL. FACULDADE DE ARQUITETURA . PROJETO DE TESE DE MESTRADO .
MIAI RECONVERSÃO DE ANTIGA FÁBRICA DE ÓLEO DE FÍGADO DE BACAL-
HAU EM PÓLO EXPOSITIVO . GINJAL. FEV2014

REVERSIVEL E TRANSITÓRIO ARQUITETURA DE INTEGRAÇÃO
CÉLINE FERREIRA DE OLIVEIRA Nº 5348 . ORIENTADOR: ARQ. ANTÓNIO LIMA



11



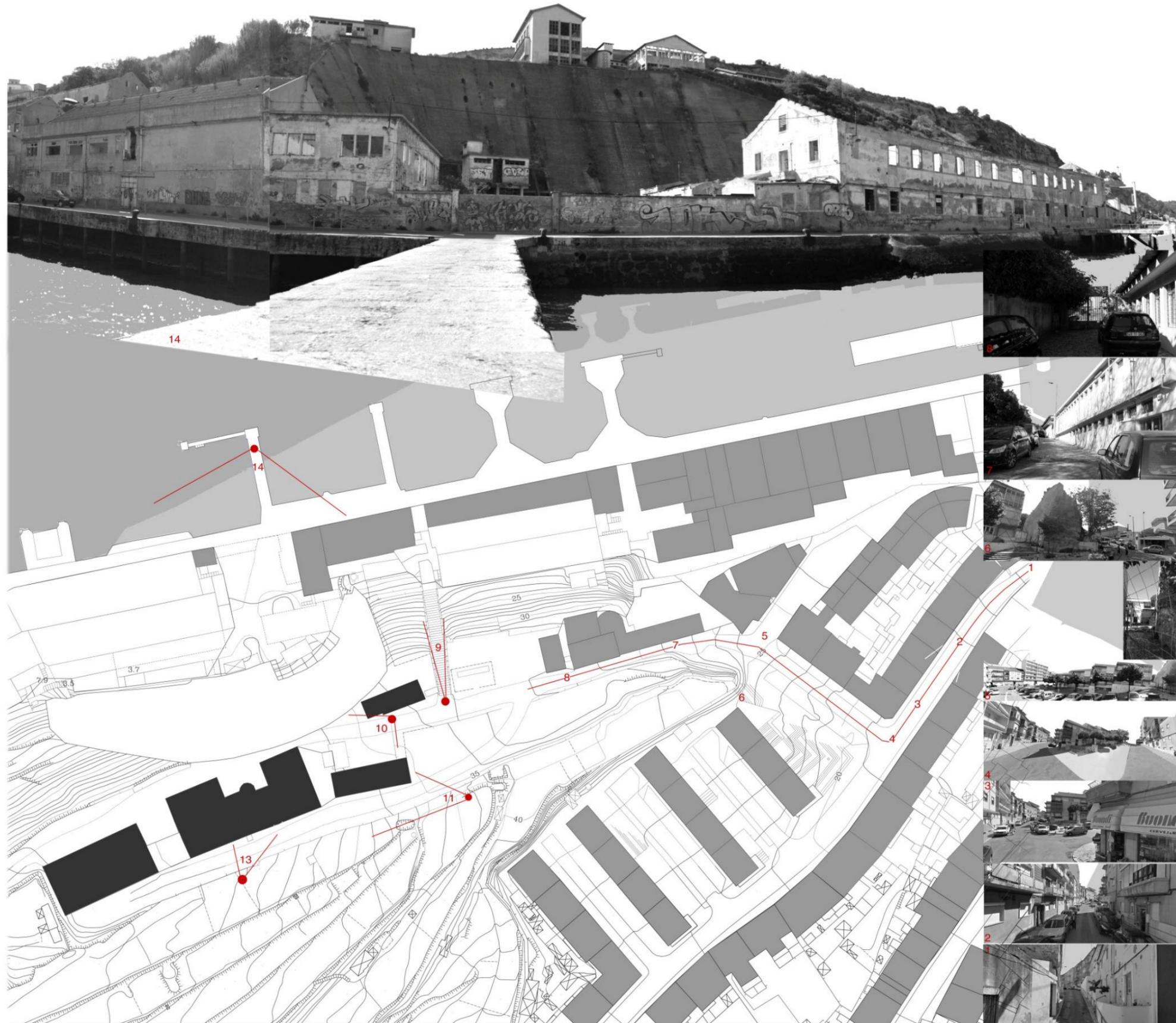
13

14



9

10



03

PRÉ-EXISTÊNCIA

UTL. FACULDADE DE ARQUITETURA . PROJETO DE TESE DE MESTRADO .
MIAI RECONVERSÃO DE ANTIGA FÁBRICA DE ÓLEO DE FÍGADO DE BACAL-
HAU EM PÓLO EXPOSITIVO . GINJAL. FEV2014

REVERSÍVEL E TRANSITÓRIO ARQUITETURA DE INTEGRAÇÃO
CÉLINE FERREIRA DE OLIVEIRA Nº 5348 . ORIENTADOR: ARQ. ANTÓNIO LIMA



04

ESTRATÉGIA

UTL. FACULDADE DE ARQUITETURA . PROJETO DE TESE DE MESTRADO .
MIAI RECONVERSÃO DE ANTIGA FÁBRICA DE ÓLEO DE FÍGADO DE BACALHAU EM PÓLO EXPOSITIVO . GINJAL. FEV2014

REVERSIVEL E TRANSITÓRIO ARQUITETURA DE INTEGRAÇÃO
CÉLINE FERREIRA DE OLIVEIRA Nº 5348 . ORIENTADOR: ARQ. ANTÓNIO LIMA



PRINCIPAIS LINHAS DA PROPOSTA

TIRAR PARTIDO DA PRÉ-EXISTÊNCIA PARA DAR RESPOSTA À CRIAÇÃO DE UM ESPAÇO MUSEOLÓGICO

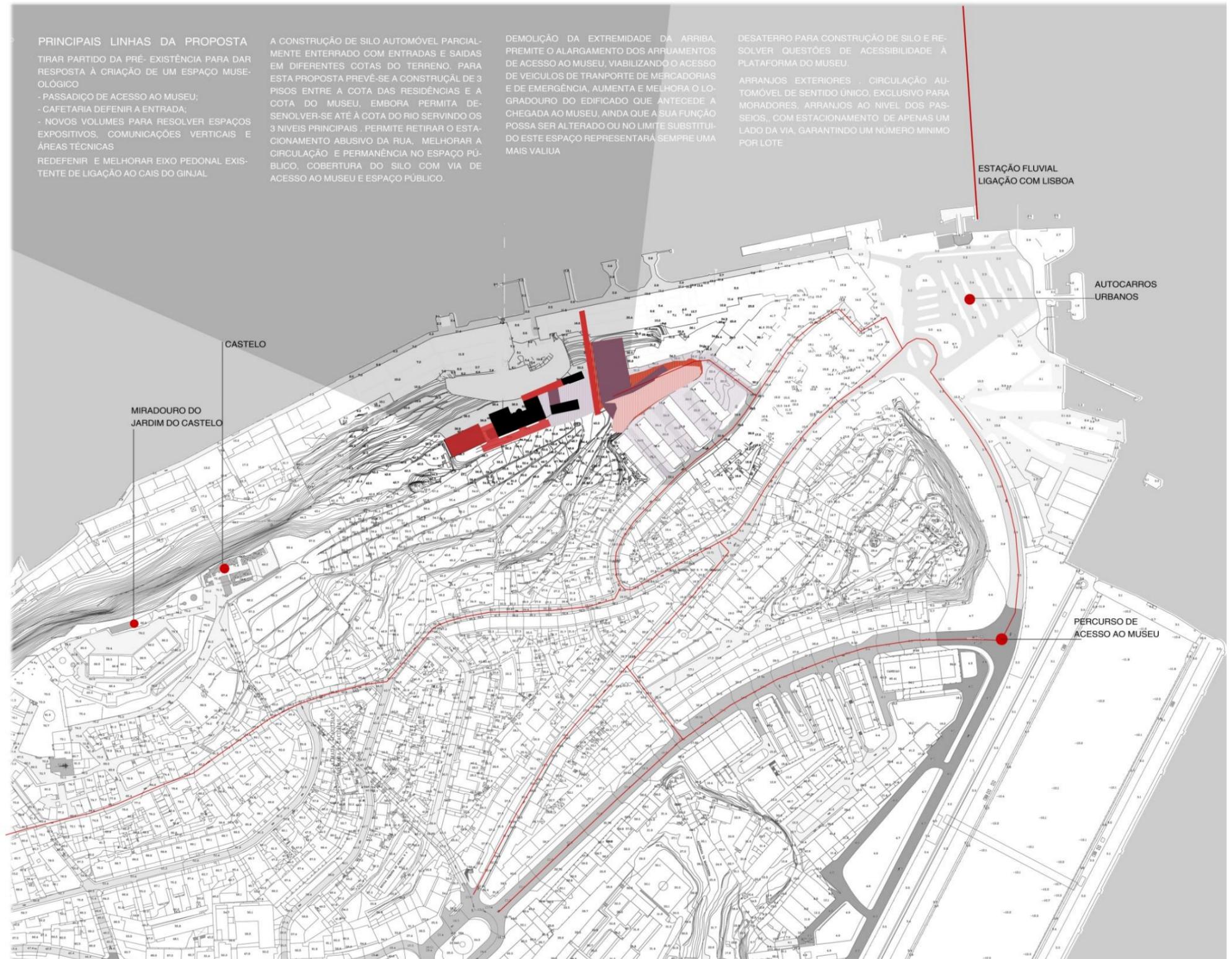
- PASSADIÇO DE ACESSO AO MUSEU;
 - CAFETARIA DEFENIR A ENTRADA;
 - NOVOS VOLUMES PARA RESOLVER ESPAÇOS EXPOSITIVOS, COMUNICAÇÕES VERTICAIS E ÁREAS TÉCNICAS
- REDEFENIR E MELHORAR EIXO PEDONAL EXISTENTE DE LIGAÇÃO AO CAIS DO GINJAL

A CONSTRUÇÃO DE SILO AUTOMÓVEL PARCIALMENTE ENTERRADO COM ENTRADAS E SAIDAS EM DIFERENTES COTAS DO TERRENO, PARA ESTA PROPOSTA PREVÊ-SE A CONSTRUÇÃO DE 3 PISOS ENTRE A COTA DAS RESIDÊNCIAS E A COTA DO MUSEU, EMBORA PERMITA DESENVOLVER-SE ATÉ À COTA DO RIO SERVINDO OS 3 NÍVEIS PRINCIPAIS . PERMITE RETIRAR O ESTACIONAMENTO ABUSIVO DA RUA, MELHORAR A CIRCULAÇÃO E PERMANÊNCIA NO ESPAÇO PÚBLICO, COBERTURA DO SILO COM VIA DE ACESSO AO MUSEU E ESPAÇO PÚBLICO.

DEMOLIÇÃO DA EXTREMIDADE DA ARRIBA, PERMITE O ALARGAMENTO DOS ARRUAMENTOS DE ACESSO AO MUSEU, VIABILIZANDO O ACESSO DE VEÍCULOS DE TRANSPORTE DE MERCADORIAS E DE EMERGÊNCIA, AUMENTA E MELHORA O LOGRADOURO DO EDIFICADO QUE ANTECEDE A CHEGADA AO MUSEU, AINDA QUE A SUA FUNÇÃO POSSA SER ALTERADO OU NO LIMITE SUBSTITUÍDO ESTE ESPAÇO REPRESENTARÁ SEMPRE UMA MAIS VALIUA

DESATERRO PARA CONSTRUÇÃO DE SILO E RESOLVER QUESTÕES DE ACESSIBILIDADE À PLATAFORMA DO MUSEU.

ARRANJOS EXTERIORES . CIRCULAÇÃO AUTOMÓVEL DE SENTIDO ÚNICO, EXCLUSIVO PARA MORADORES, ARRANJOS AO NÍVEL DOS PASSEIOS, COM ESTACIONAMENTO DE APENAS UM LADO DA VIA, GARANTINDO UM NÚMERO MÍNIMO POR LOTE

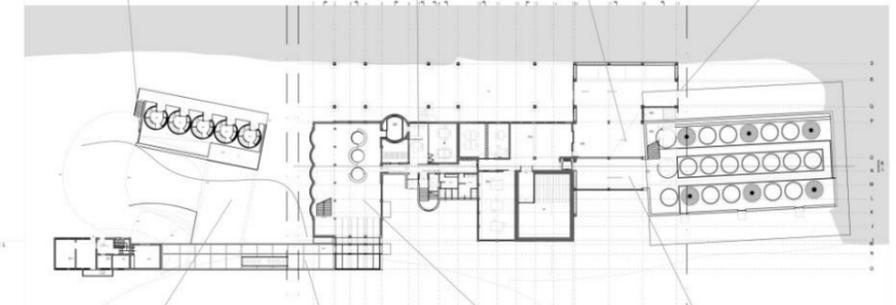
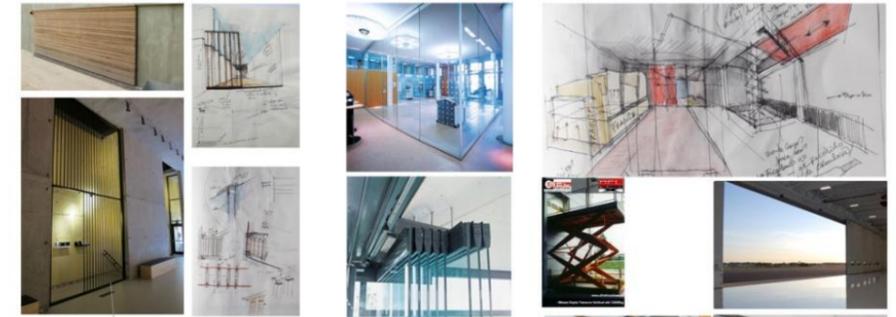
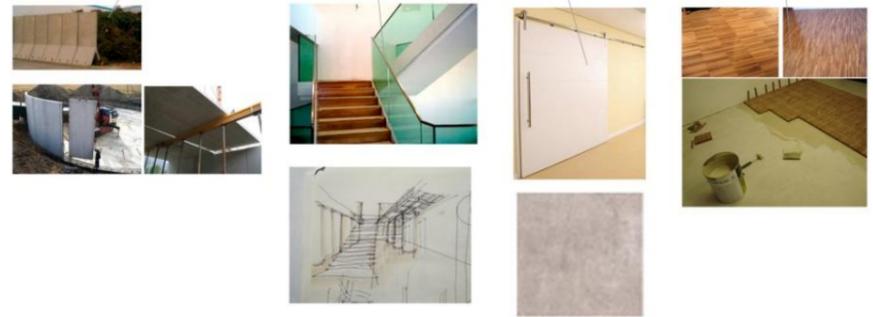
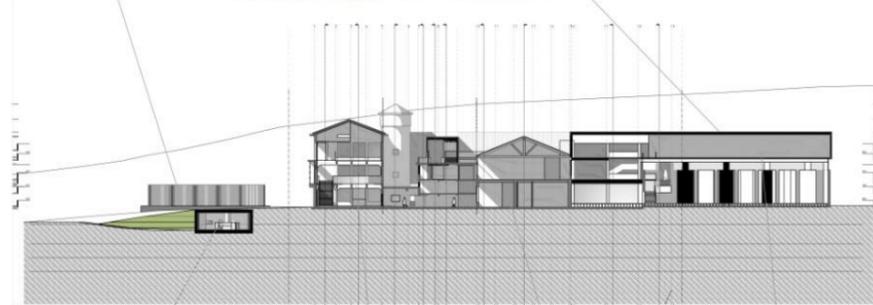
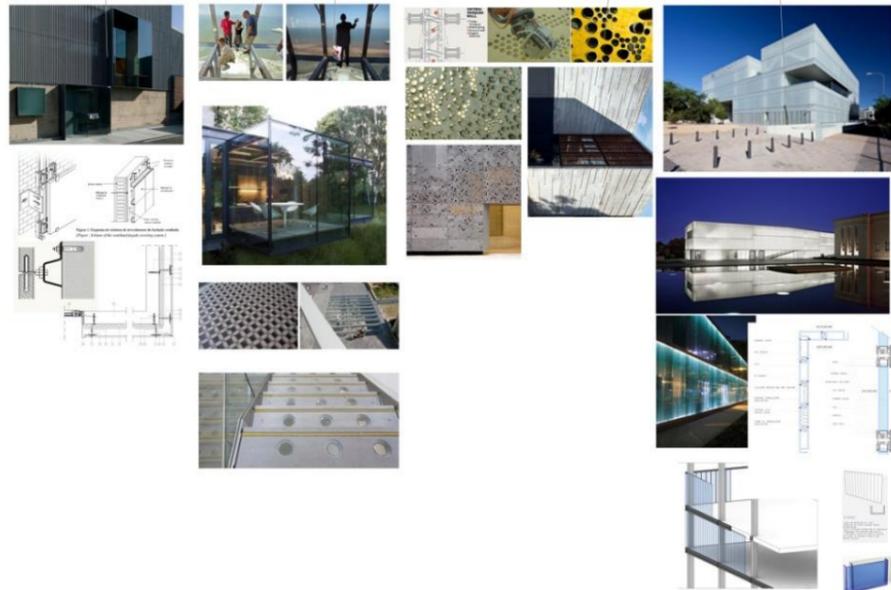
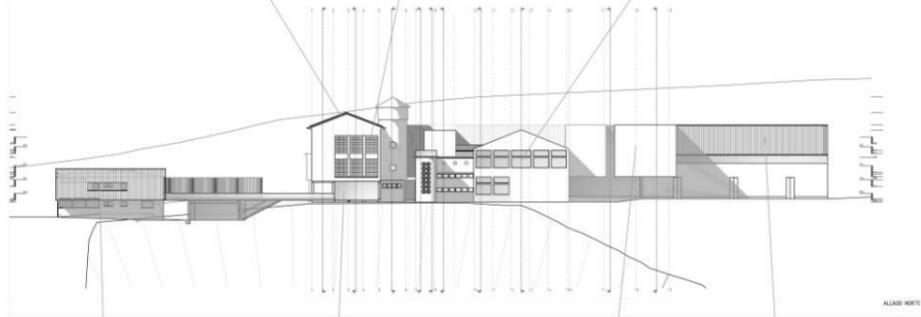
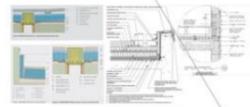


05

MATERIALIDADES

UTL. FACULDADE DE ARQUITETURA . PROJETO DE TESE DE MESTRADO .
MIAI RECONVERSÃO DE ANTIGA FÁBRICA DE ÓLEO DE FÍGADO DE BACAL-
HAU EM PÓLO EXPOSITIVO . GINJAL. FEV2014

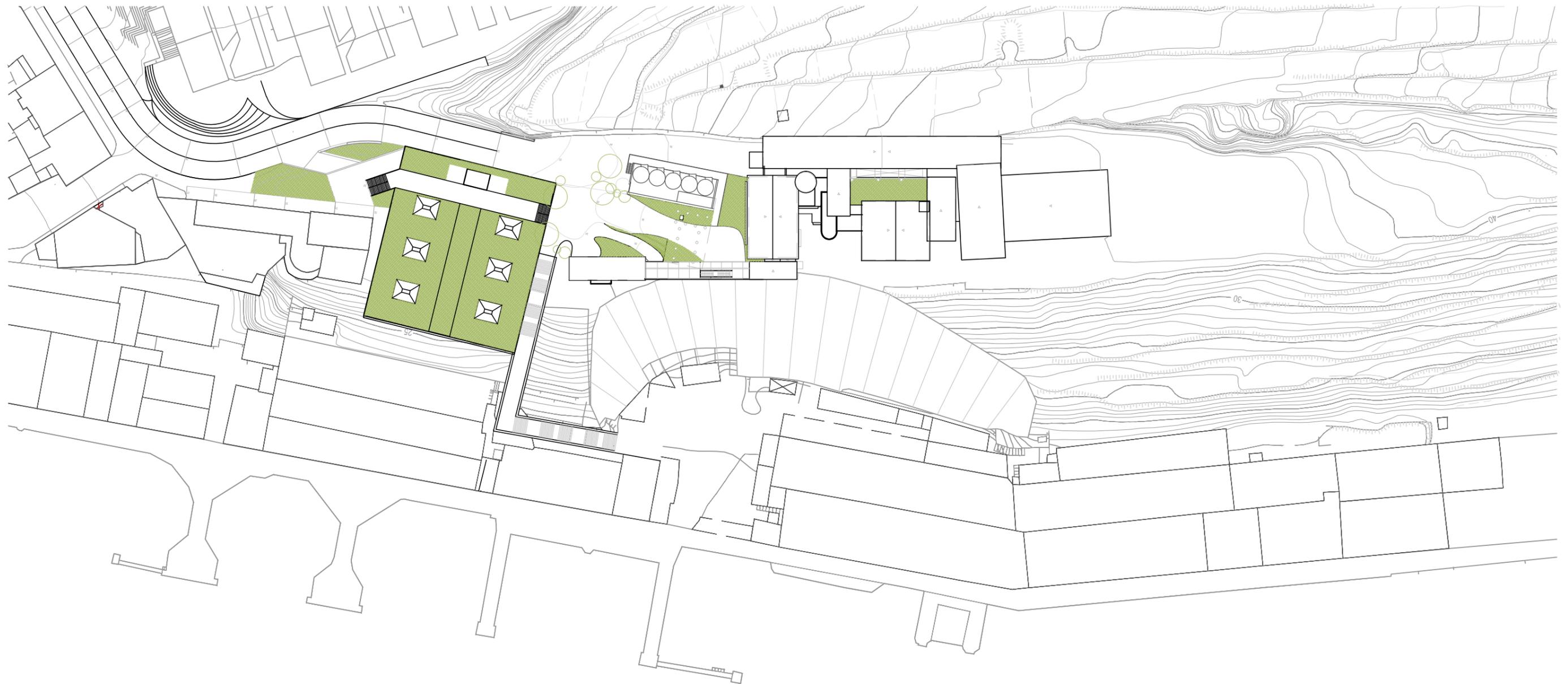
REVERSÍVEL E TRANSITÓRIO ARQUITETURA DE INTEGRAÇÃO
CÉLINE FERREIRA DE OLIVEIRA Nº 5348 . ORIENTADOR: ARQ. ANTÓNIO LIMA

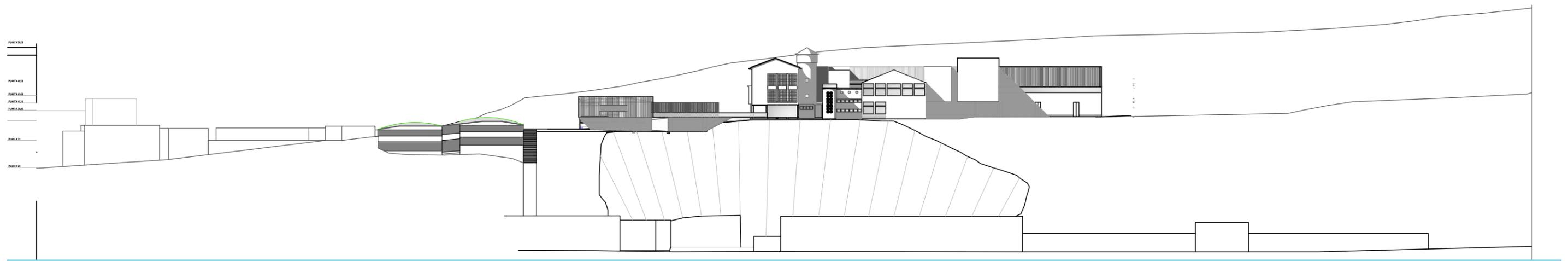


LISTA DE DESENHOS

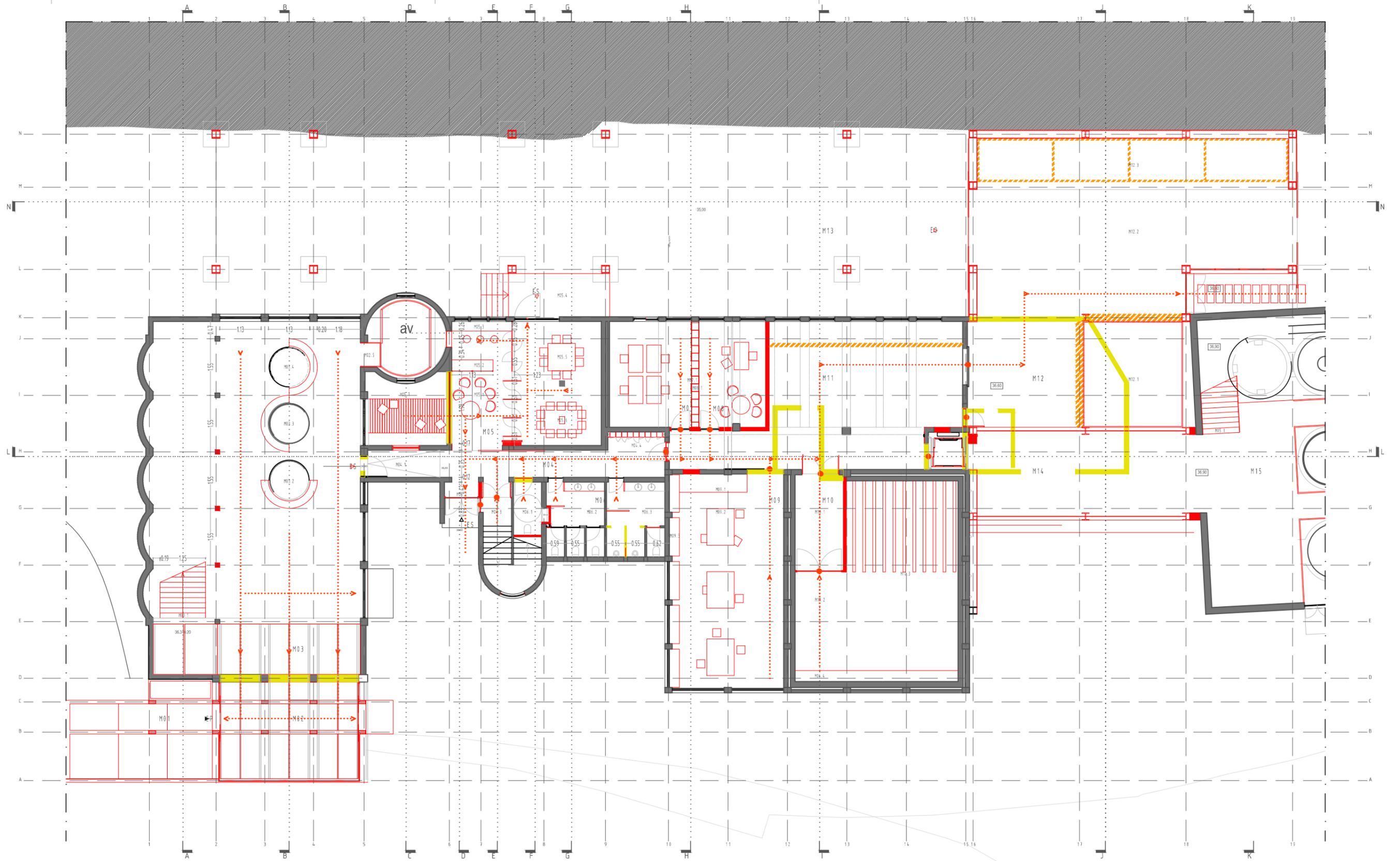
- 01 | IMPLANTAÇÃO . PLANTA|
- 02 |IMPLANTAÇÃO . VISTA NORTE|
- 03 |AMARELOS E ENCARNADOS . POA MUSEU|
- 04 |AMARELOS E ENCARNADOS . POB . MUSEU|
- 05 |AMARELOS E ENCARNADOS . P1A . MUSEU|
- 06 |AMARELOS E ENCARNADOS . P2A . MUSEU|
- 07 |AMARELOS E ENCARNADOS . PD . CAFETARIA|
- 08 |PROPOSTA . PLANTA DE FUNDAÇÕES|
- 09 |PROPOSTA . PLANTA DE IMPLANTAÇÃO DE REFERÊNCIA |
- 10 |PROPOSTA . PLANTA PISO 0 A . MUSEU|
- 11 | PROPOSTA . PLANTA PISO 0 B . MUSEU|
- 12 | PROPOSTA . PLANTA PISO INTERMÉDIO . MUSEU |
- 13 | PROPOSTA . PLANTA PISO 1 A . MUSEU |
- 14 | PROPOSTA . PLANTA PISO 2 A . MUSEU |
- 15 |PROPOSTA . PLANTA PISO 0 CAFETARIA|
- 16 |PROPOSTA PLANTA PISO 0 + PLANTA PISO 1 LOJA|
- 17 |PROPOSTA RESIDÊNCIAS|
- 18 | PROPOSTA . ALÇADO NORTE E CORTE L|
- 19 | PROPOSTA . ALÇADO SUL . CORTE M . CORTE N|
- 20 | PROPOSTA . ALÇADO NASCENTE . ALÇADO NASCENTE EM CORTE|
- 21 | PROPOSTA . CORTE A |
- 22 | PROPOSTA . CORTE B |

- 23** | PROPOSTA . CORTE C |
- 24** | PROPOSTA . CORTE F |
- 25** | PROPOSTA . CORTE G |
- 26** | PROPOSTA . CORTE H |
- 27** | PROPOSTA . ESTACIONAMENTO . PISO 0 E PISO 1 |
- 28** | PROPOSTA . ESTACIONAMENTO . PISO 2 E COBERTURA |
- 29** | PORMENOR . PAVIMENTO DA ENTRADA DO MUSEU |
- 30** | PORMENORES . VÁRIOS |
- 31** | PORMENOR . ESCADA |
- 32** | CORTE DE FACHADA |



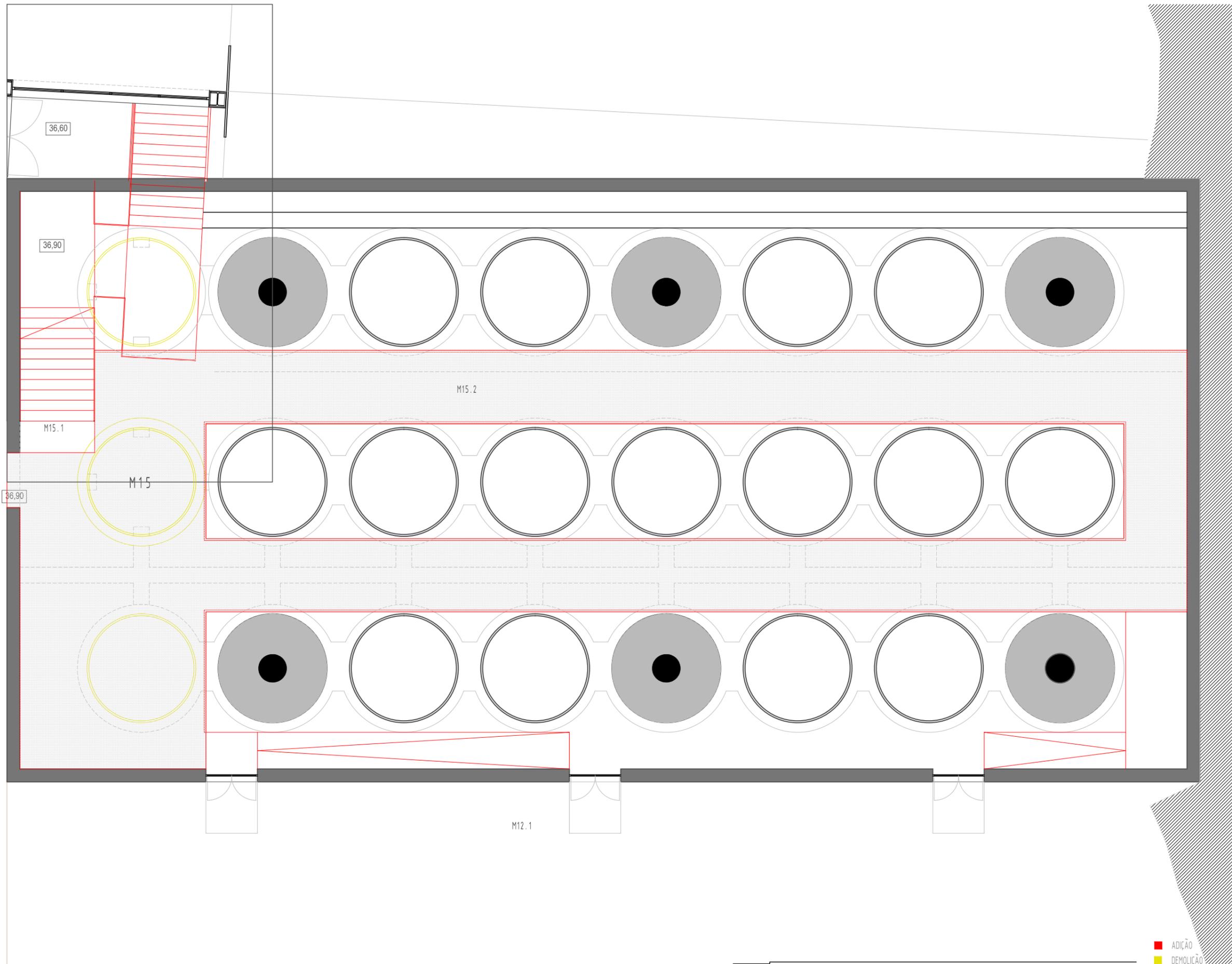


0 10 50 100



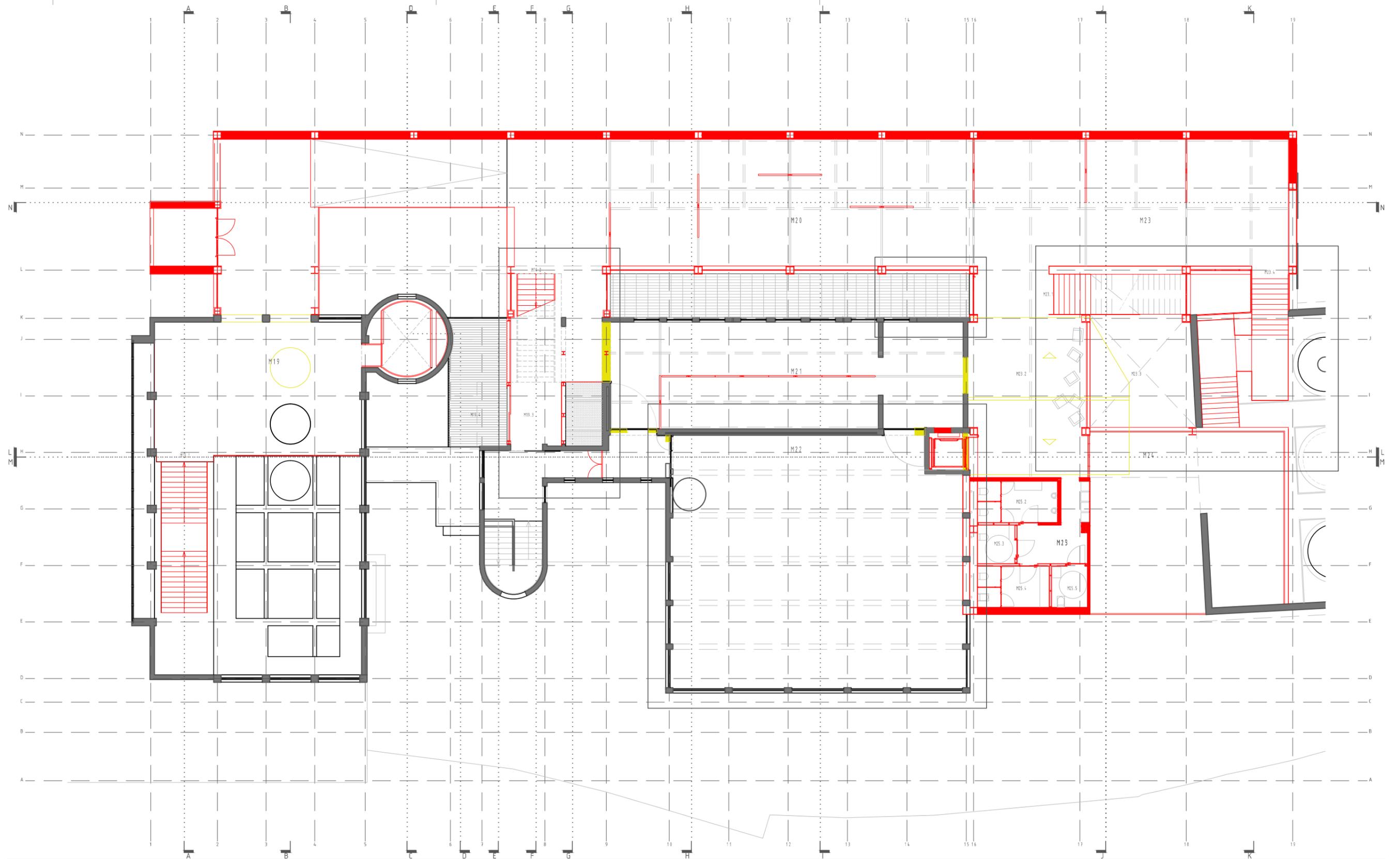
■ ADIÇÃO
■ DEMOLIÇÃO



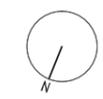


■ ADIÇÃO
■ DEMOLIÇÃO

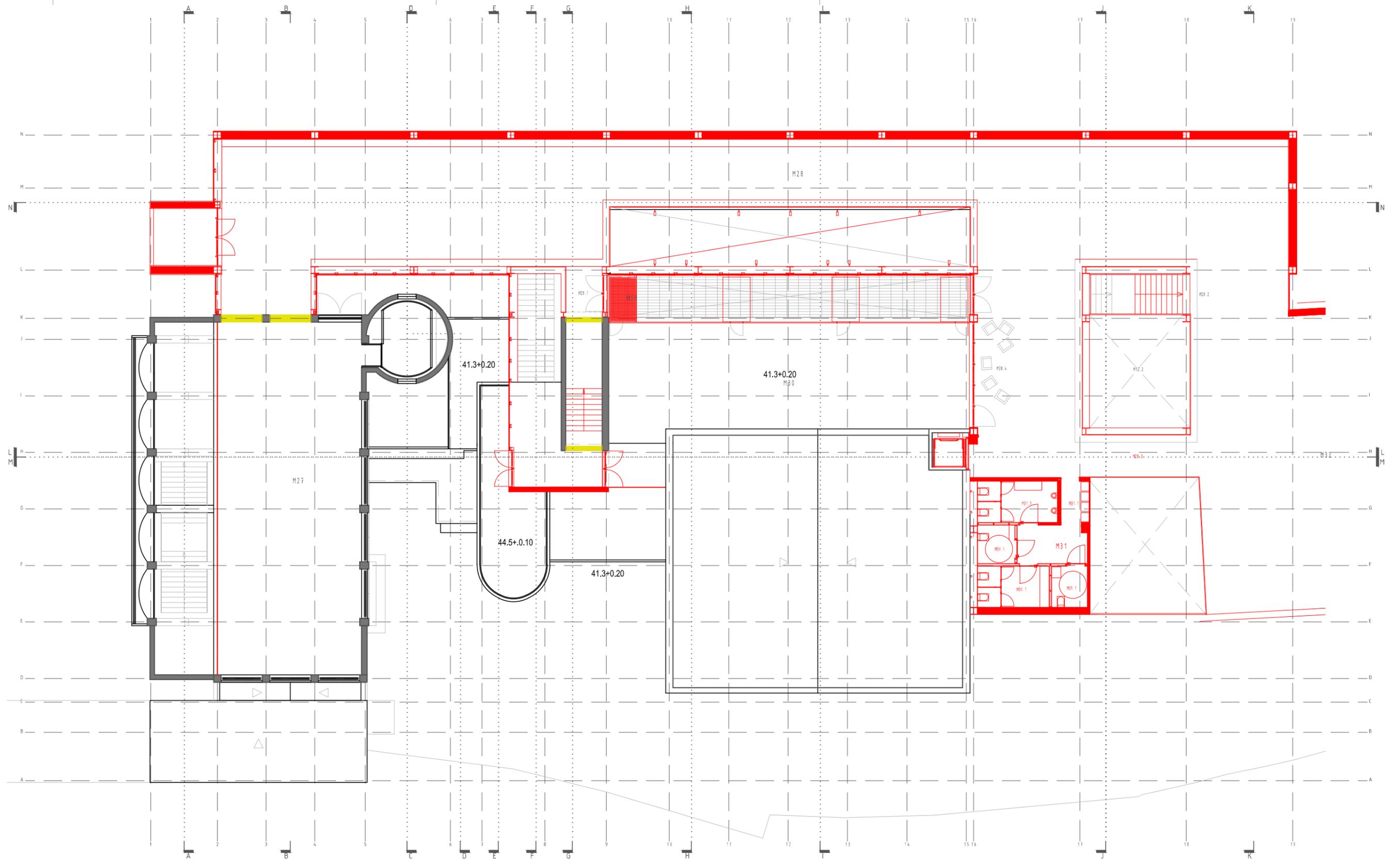




■ ADIÇÃO
■ DEMOLIÇÃO

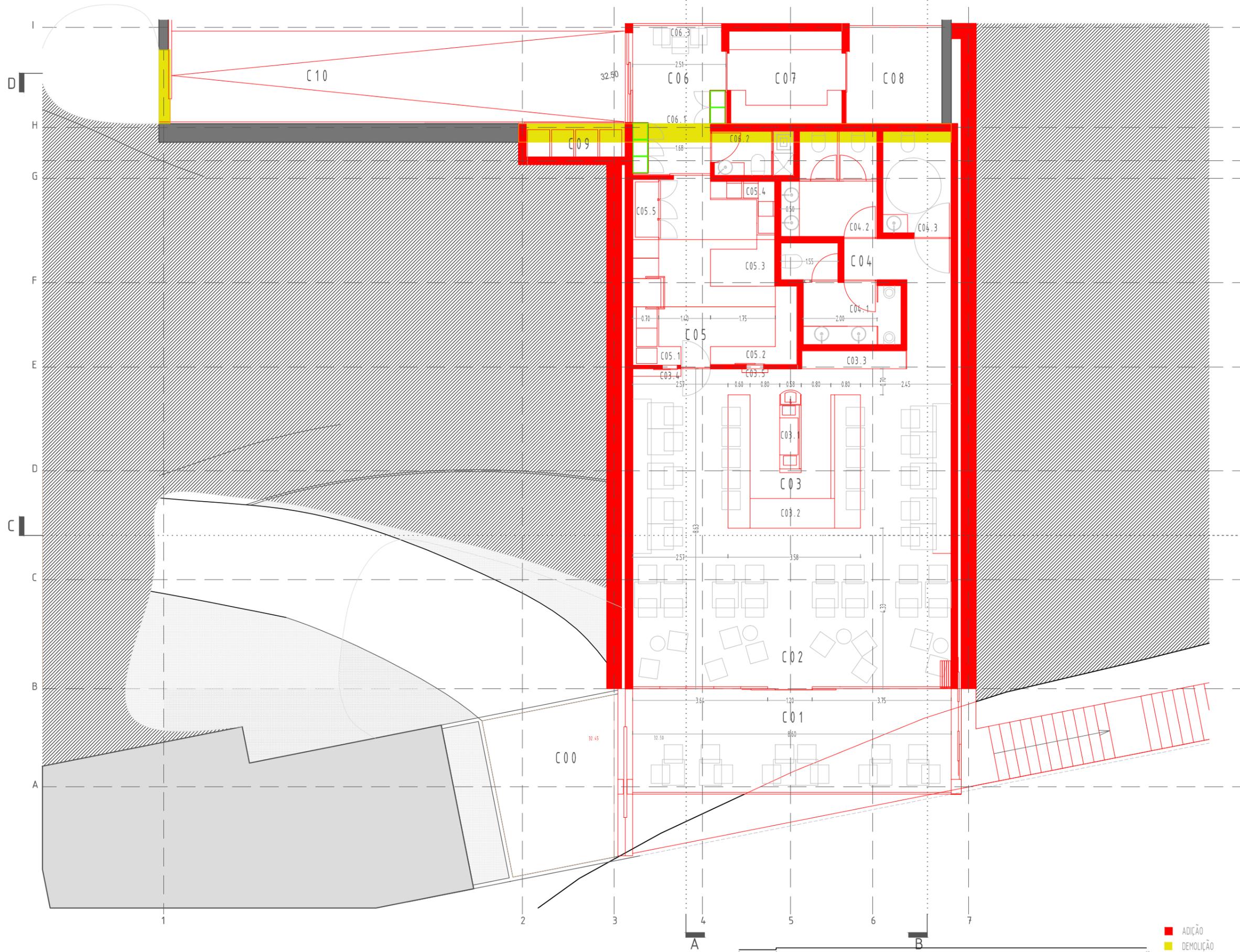


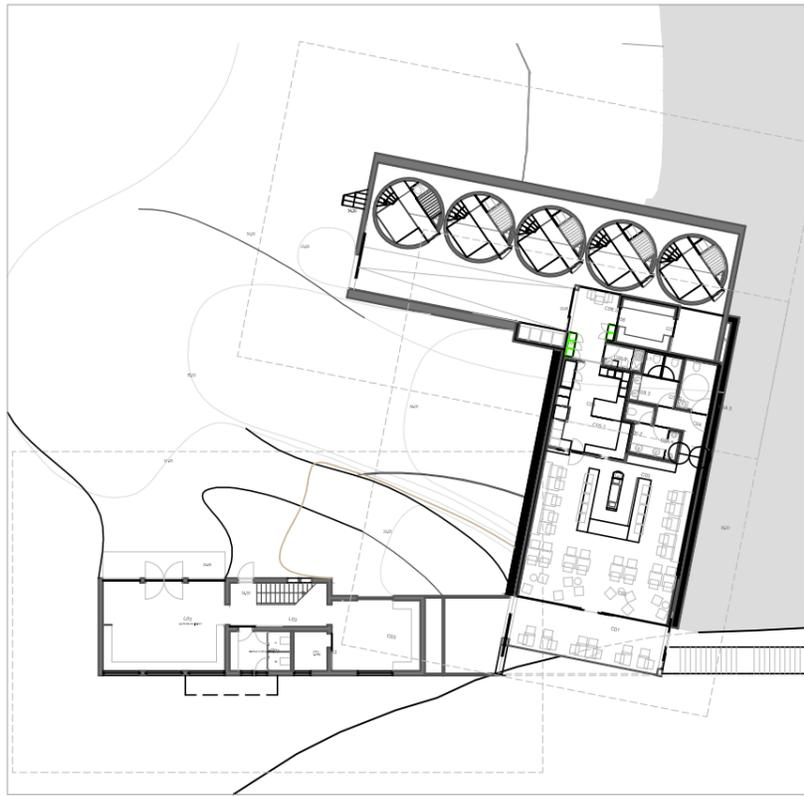
AMARELOS E ENCARNADOS
 P 1 A . M U S E U 05
 ESC.1:100 A1 052014



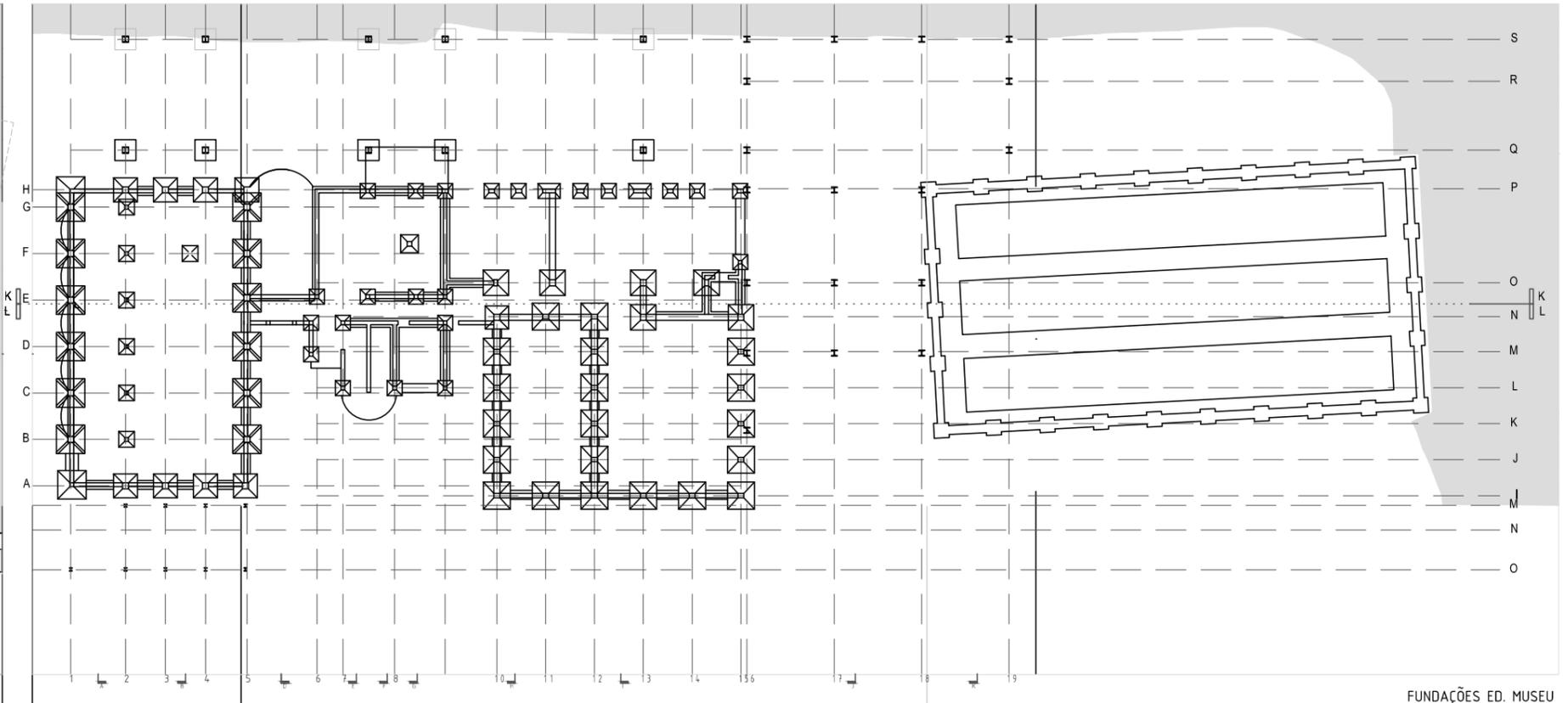
■ ADIÇÃO
■ DEMOLIÇÃO





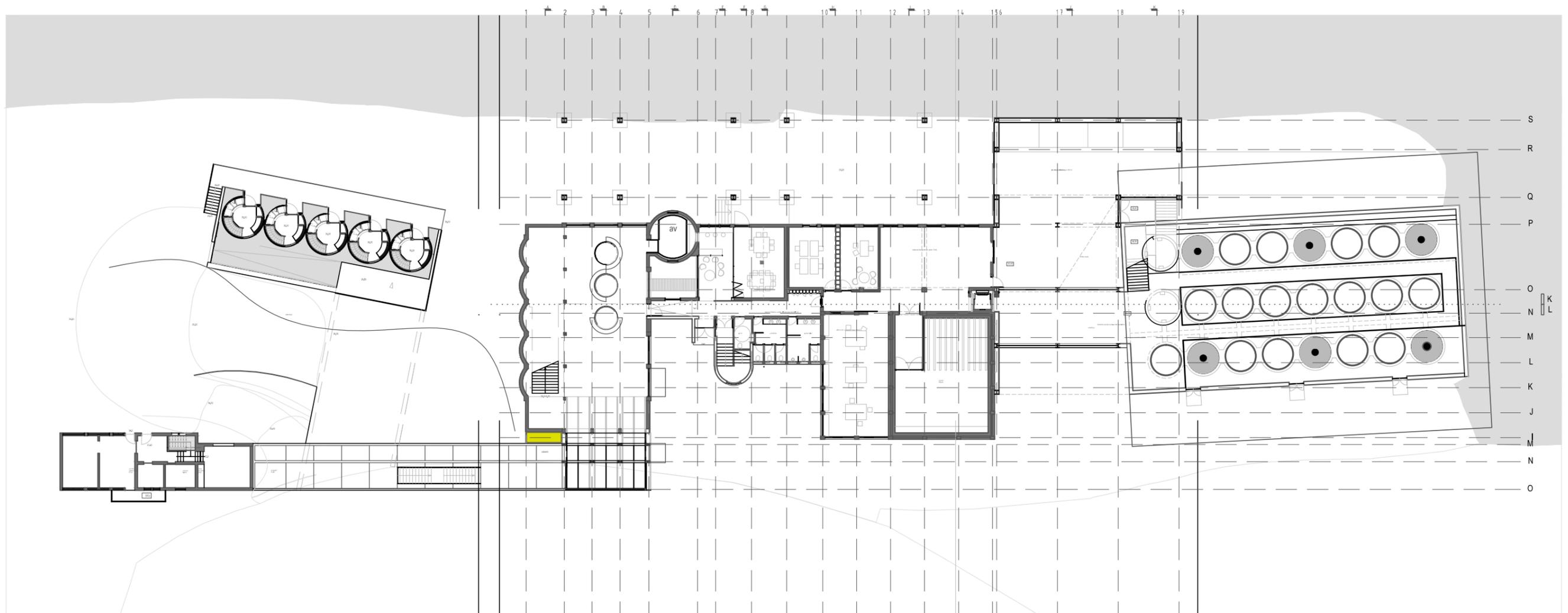


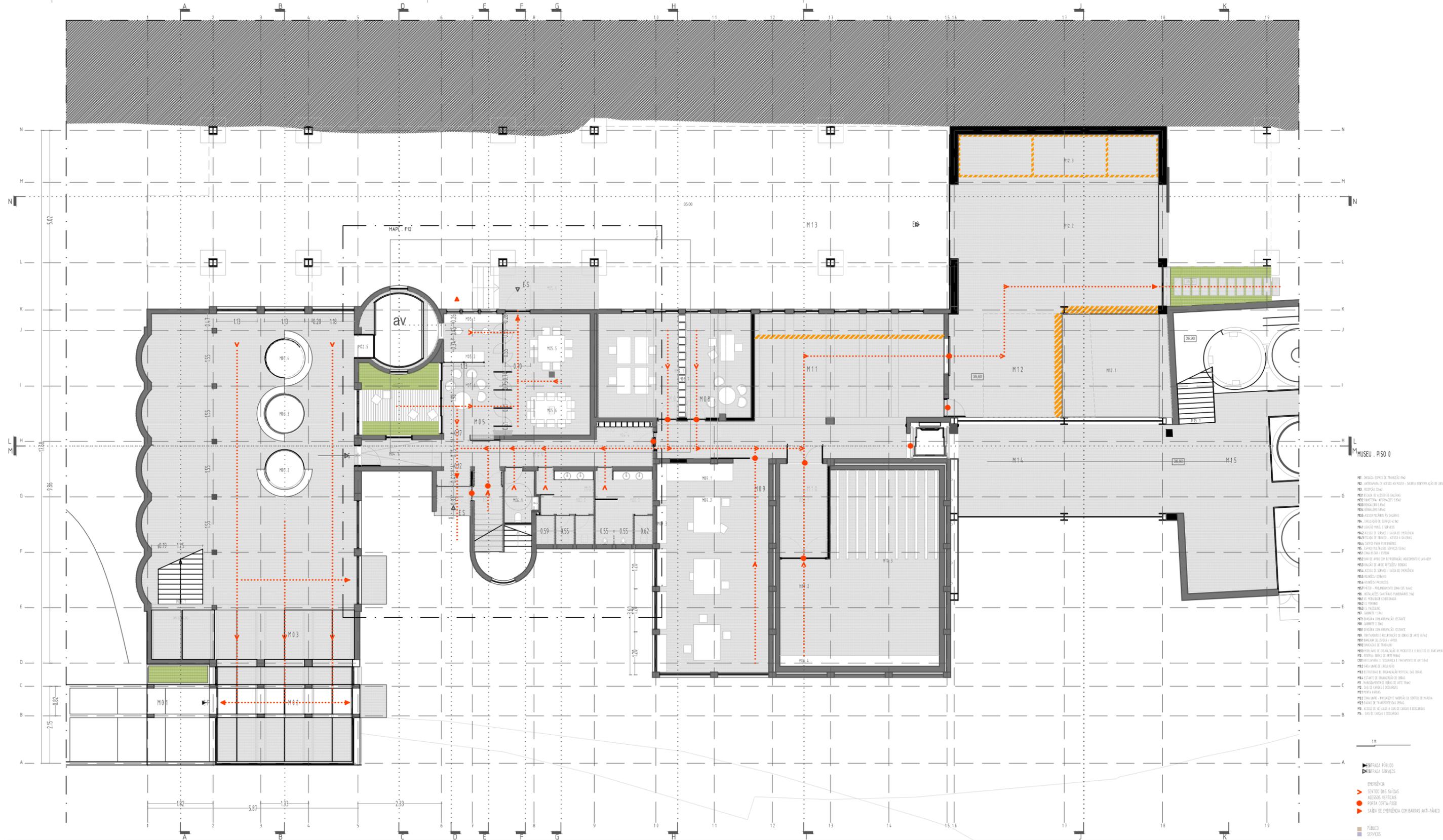
P0 PLANTA 35.80



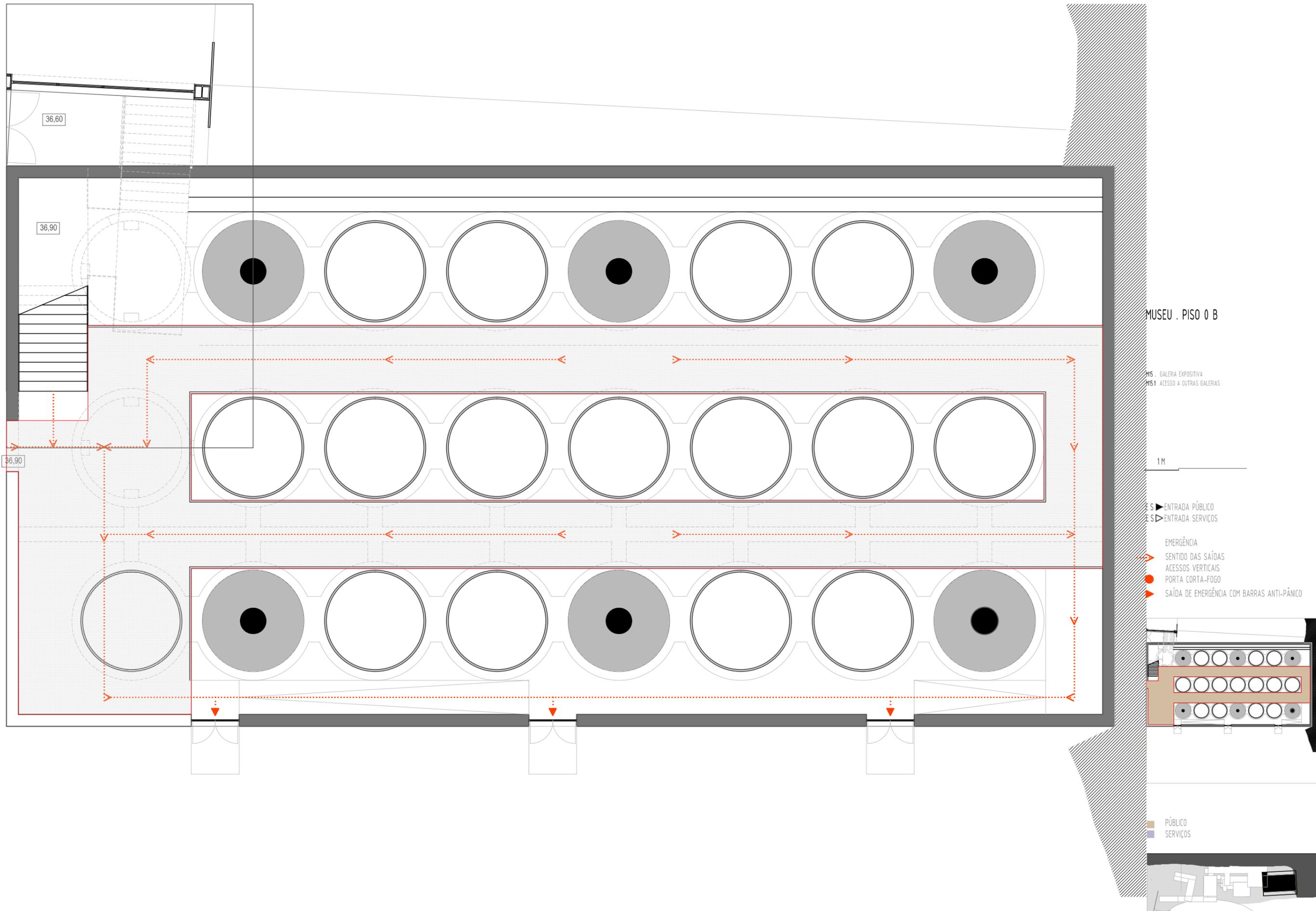
FUNDAÇÕES ED. MUSEU







- MUSEU - PISO 0**
- M01 - DESPACHO DEPARTAMENTO DE TRANSPORTES PNB
 - M02 - ÁREA DE ARRIBA DE ACESSO AO MUSEU - SALIDA ORIENTAÇÃO DE URBEM A11
 - M03 - RECEÇÃO URBEM
 - M04 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M05 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M06 - REINTEGRAÇÃO E PNB
 - M07 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M08 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M09 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M10 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M11 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M12 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M13 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M14 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M15 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M16 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M17 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M18 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M19 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M20 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M21 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M22 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M23 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M24 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M25 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M26 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M27 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M28 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M29 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M30 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M31 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M32 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M33 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M34 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M35 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M36 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M37 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M38 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M39 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M40 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M41 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M42 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M43 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M44 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M45 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M46 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M47 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M48 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M49 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M50 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M51 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M52 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M53 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M54 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M55 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M56 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M57 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M58 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M59 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M60 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M61 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M62 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M63 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M64 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M65 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M66 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M67 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M68 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M69 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M70 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M71 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M72 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M73 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M74 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M75 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M76 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M77 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M78 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M79 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M80 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M81 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M82 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M83 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M84 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M85 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M86 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M87 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M88 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M89 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M90 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M91 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M92 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M93 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M94 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M95 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M96 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M97 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M98 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M99 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS
 - M100 - RECEÇÃO DE ACESSO ÀS GALERIAS



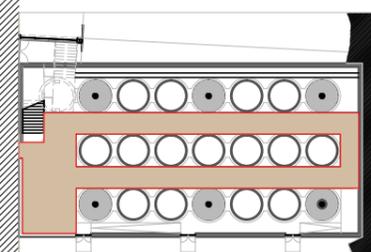
MUSEU . PISO 0 B

M5 . GALERIA EXPOSITIVA
M5.1 ACESSO A OUTRAS GALERIAS

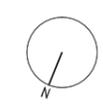
1M

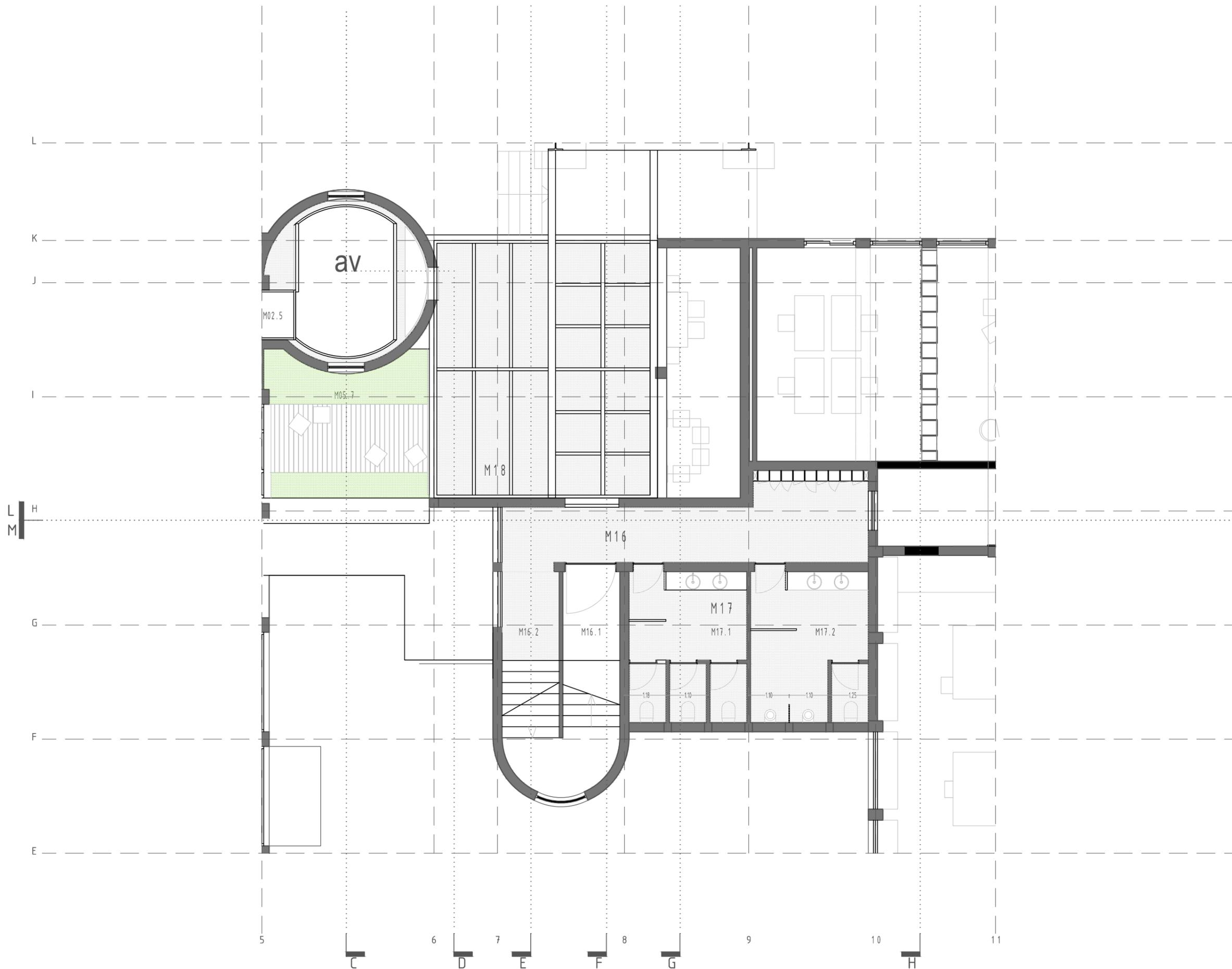
ES ▶ ENTRADA PÚBLICO
ES ▶ ENTRADA SERVIÇOS

EMERGÊNCIA
 ↳ SENTIDO DAS SAÍDAS
 ↳ ACESSOS VERTICAIS
 ↳ PORTA CORTA-FOGO
 ↳ SAÍDA DE EMERGÊNCIA COM BARRAS ANTI-PÂNICO



■ PÚBLICO
 ■ SERVIÇOS





MUSEU . PISO INTERMÉDIO

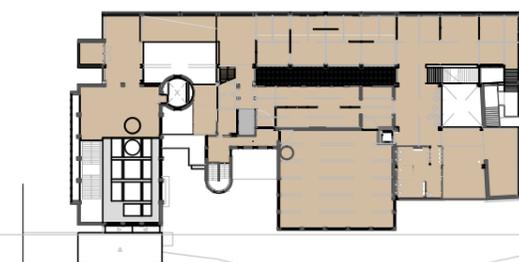
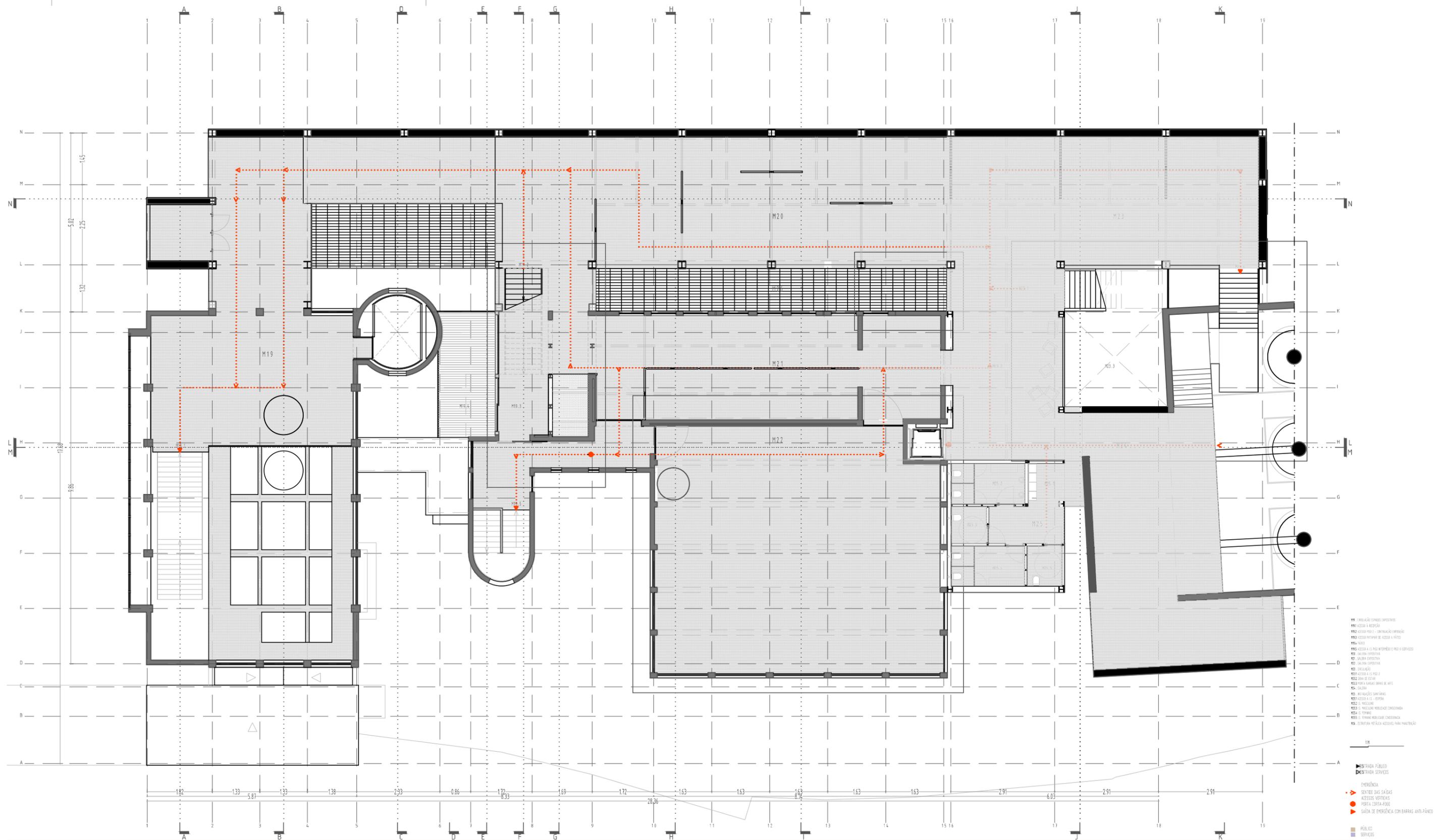
- M16 . CIRCULAÇÃO
- M16.1 ACESSO SERVIÇOS PISO 0 . SAÍDA DE EMERGÊNCIA
- M16.2 ACESSO GALERIAS EXPOSITIVAS PISO 1
- M17 . INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PÚBLICO
- M17.1 I.S. FEMININO
- M17.2 I.S. MASCULINO
- M18 . ESTRUTURA ELEVÇÃO DE PAVIMENTO . INFRAESTRUTURAS E AVAC

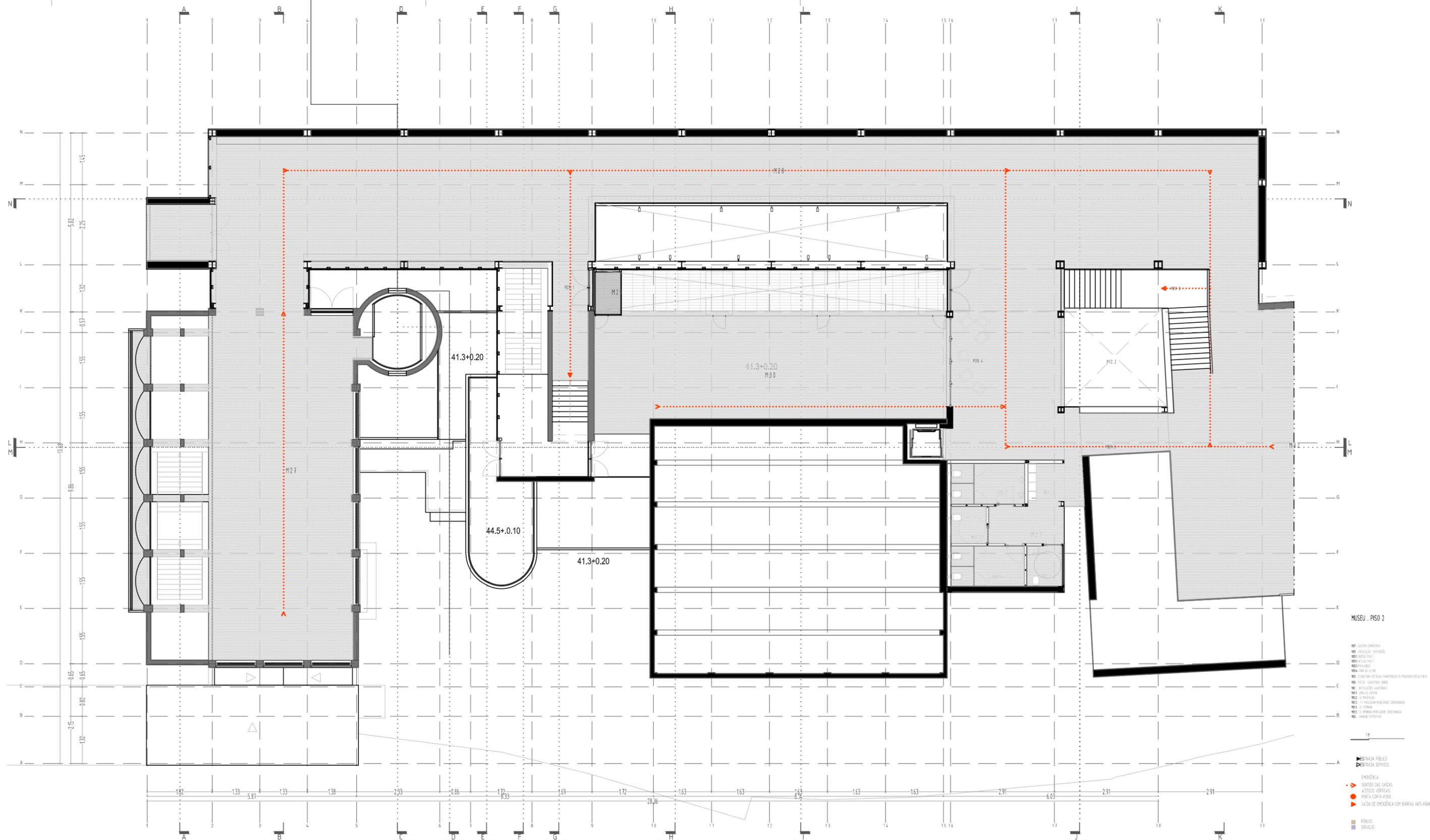
1M

E S ▶ ENTRADA PÚBLICO
E S ▶ ENTRADA SERVIÇOS

■ ADIÇÃO
■ DEMOLIÇÃO

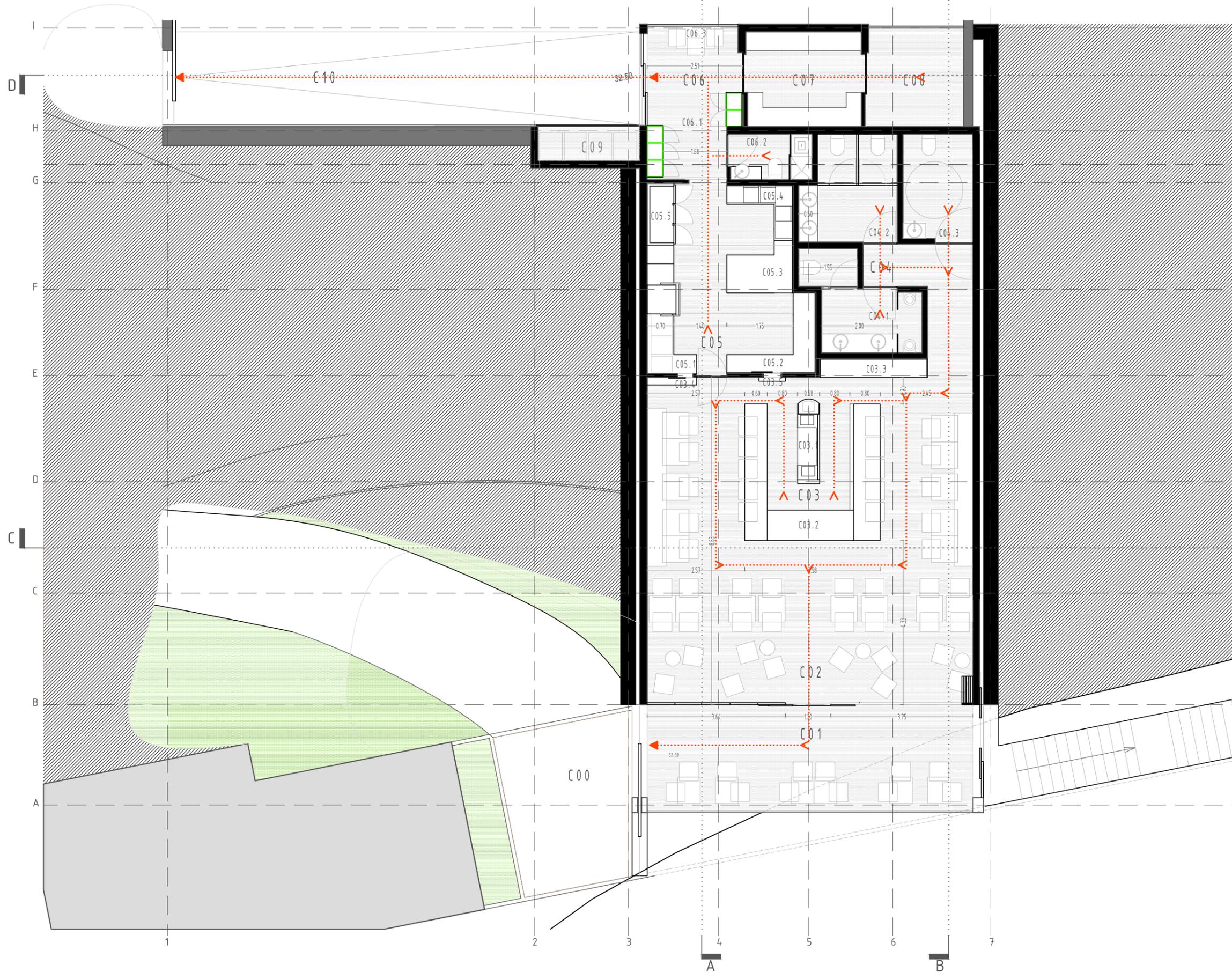






- MUSEU - PISO 2
- REF. SALA DE EXIBIÇÃO
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - EXTERNA
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 1
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 2
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 3
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 4
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 5
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 6
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 7
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 8
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 9
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 10
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 11
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 12
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 13
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 14
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 15
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 16
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 17
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 18
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 19
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 20
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 21
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 22
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 23
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 24
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 25
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 26
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 27
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 28
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 29
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 30
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 31
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 32
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 33
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 34
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 35
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 36
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 37
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 38
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 39
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 40
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 41
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 42
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 43
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 44
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 45
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 46
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 47
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 48
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 49
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 50
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 51
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 52
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 53
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 54
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 55
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 56
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 57
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 58
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 59
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 60
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 61
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 62
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 63
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 64
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 65
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 66
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 67
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 68
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 69
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 70
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 71
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 72
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 73
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 74
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 75
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 76
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 77
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 78
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 79
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 80
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 81
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 82
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 83
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 84
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 85
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 86
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 87
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 88
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 89
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 90
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 91
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 92
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 93
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 94
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 95
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 96
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 97
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 98
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 99
 - REF. SALA DE EXIBIÇÃO - PISO 100





CAFETARIA . RESTAURANTE . LOUNGE
248m²

- C00 . COBERTO DE CHEGADA 15.12m²
- C01 . VARANDIM . ANTECAMARA 22.50m²
- C02 . SALA CAF. REST. LOUNGE 64.00m²
- C03 . BAR 11.80 m²
- C03.1 MÁQUINA DE CAFÉ
- C03.2 EXPOSIÇÃO DE ALIMENTOS
- C03.3 GARRAFEIRA
- C03.4 APARADOR DE SUJOS
- C03.5 SAÍDA COMIDA
- C04 . INSTALAÇÕES SANITÁRIAS 25.00m²
- C04.1 LS MASCULINO
- C04.2 LS FEMININO
- C04.3 LS MOBILIDADE CONDICIONADA
- C05 . COZINHA 19.30 m²
- C05.1 SUJOS
- C05.2 EMPRATAMENTO
- C05.3 FOGO
- C05.4 LAVAGEM
- C05.5 FRIO - GELO
- C06 . ESPAÇO FUNCIONÁRIOS 13.61 m²
- C06.1 LS FUNCIONÁRIOS
- C06.2 CACIFOS
- C06.3 COMER + ESTAR
- C07 . ARMAZÉM 11.42 m²
- C08 . SALA DE MÁQUINAS 10.40 m²
- C09 . LIXOS - SEPARAÇÃO 7.18 m²
- C10 . ACESSO DE SERVIÇO 32.40 m²

1M

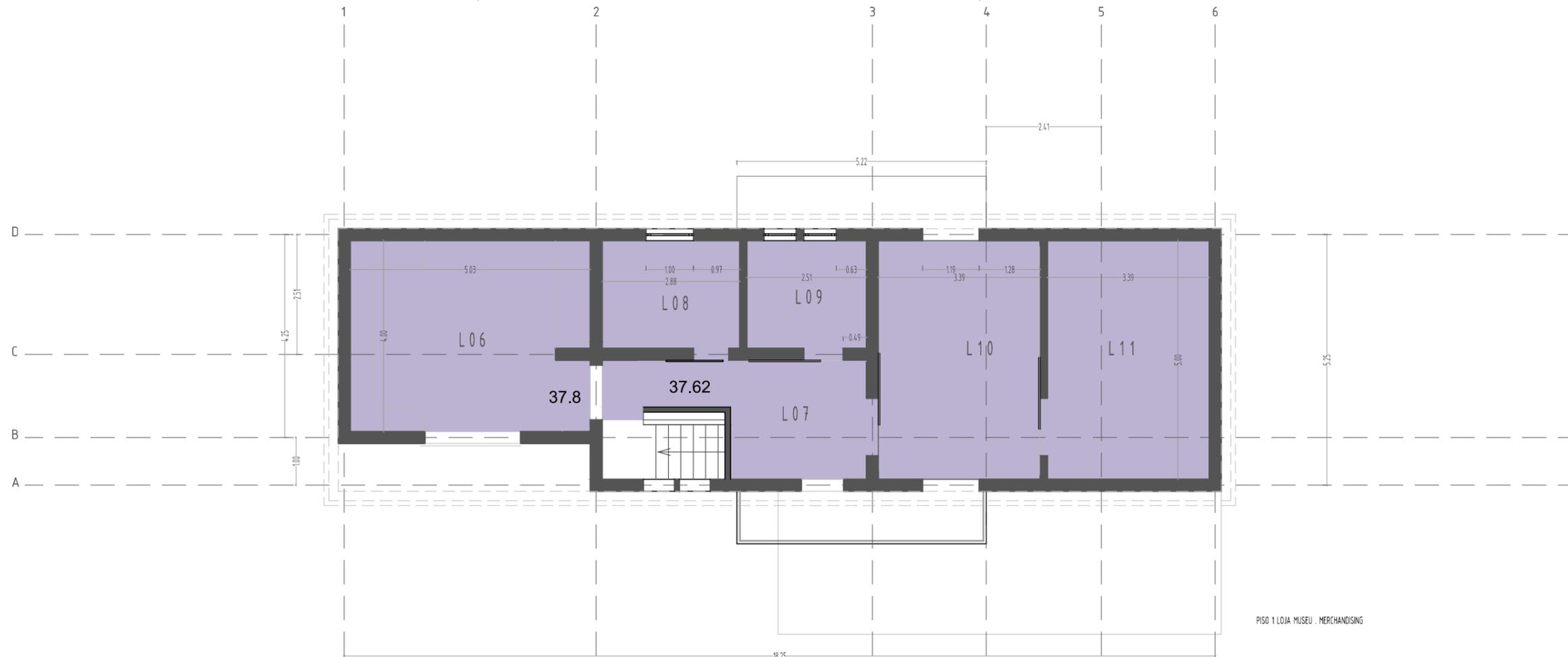
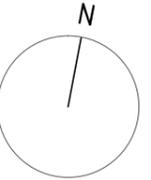
ES ► ENTRADA PÚBLICO
ES◄ ENTRADA SERVIÇOS

- EMERGÊNCIA
- SENTIDO DAS SAÍDAS
- ACCESOS VERTICAIS
- PORTA CORTA-FOGO
- ▶ SAÍDA DE EMERGÊNCIA COM BARRAS ANTI-PÂNICO

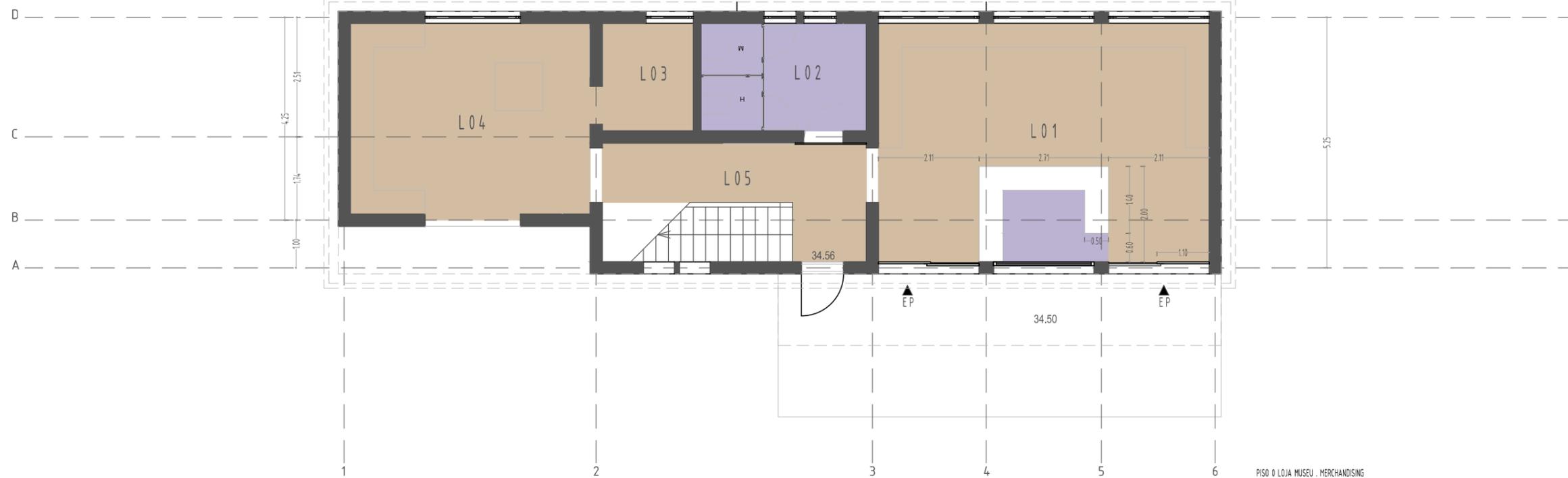


■ PÚBLICO
■ SERVIÇOS





PISO 1 LOJA MUSEU . MERCHANDISING



PISO 0 LOJA MUSEU . MERCHANDISING

E S ▶ ENTRADA PÚBLICO
 E S ▷ ENTRADA SERVIÇOS

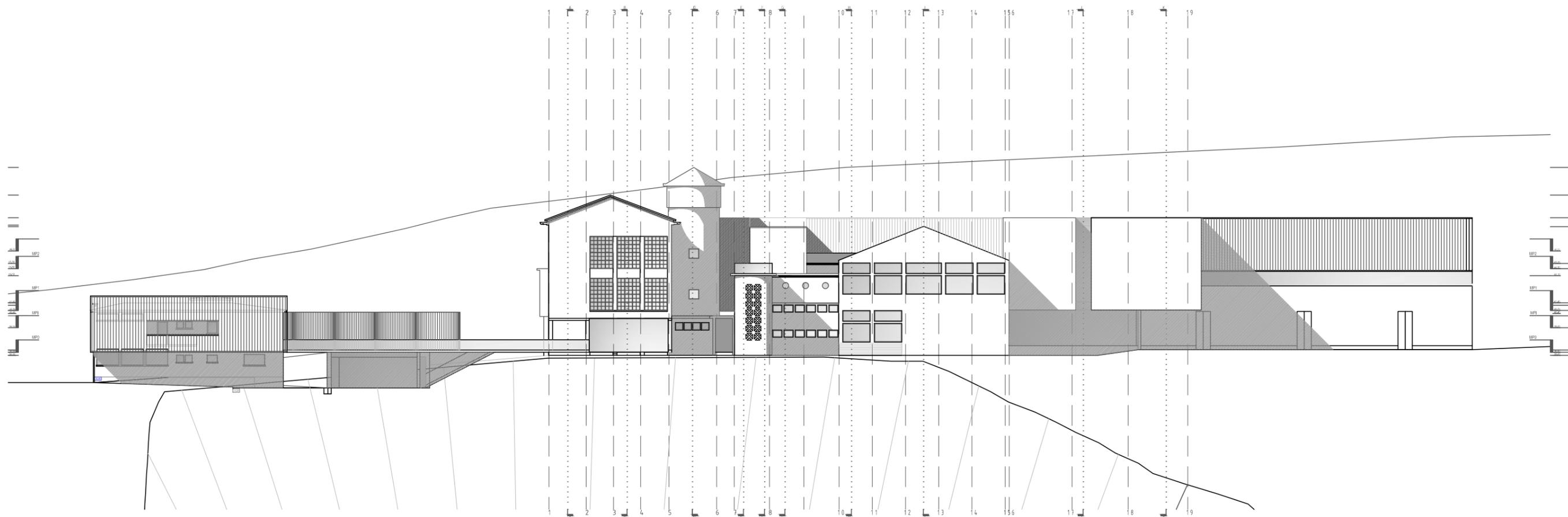
■ PÚBLICO
 ■ SERVIÇOS

LOJA MUSEU . MERCHANDISING

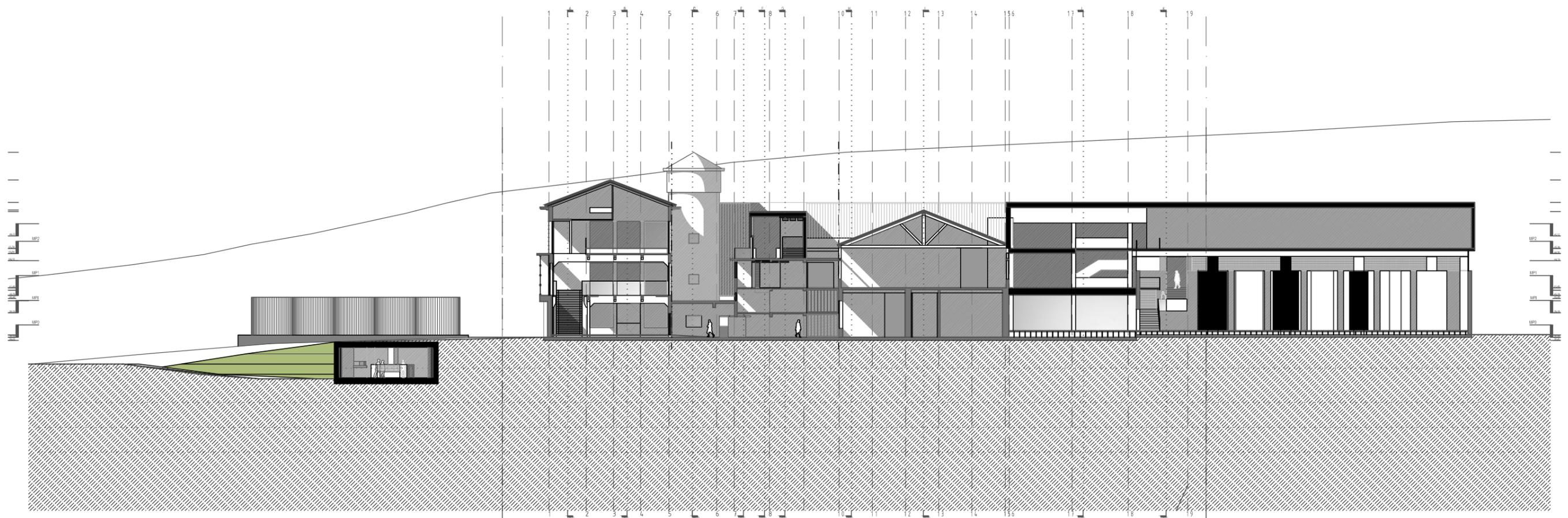
- L01,3,4 . LOJA . EXPOSIÇÃO E VENDA DE ARTIGOS 64M²
- L02 . INSTALAÇÕES SANITÁRIAS FUNCIONÁRIOS 7,8M²
- L05 . CIRCULAÇÃO 8M²
- L06,8,9 . ARMAZÉM . STOCK 33M²
- L07 . CIRCULAÇÃO 10M²
- L10,11 . GABINETES ADMINISTRATIVOS 34,5M²

1M





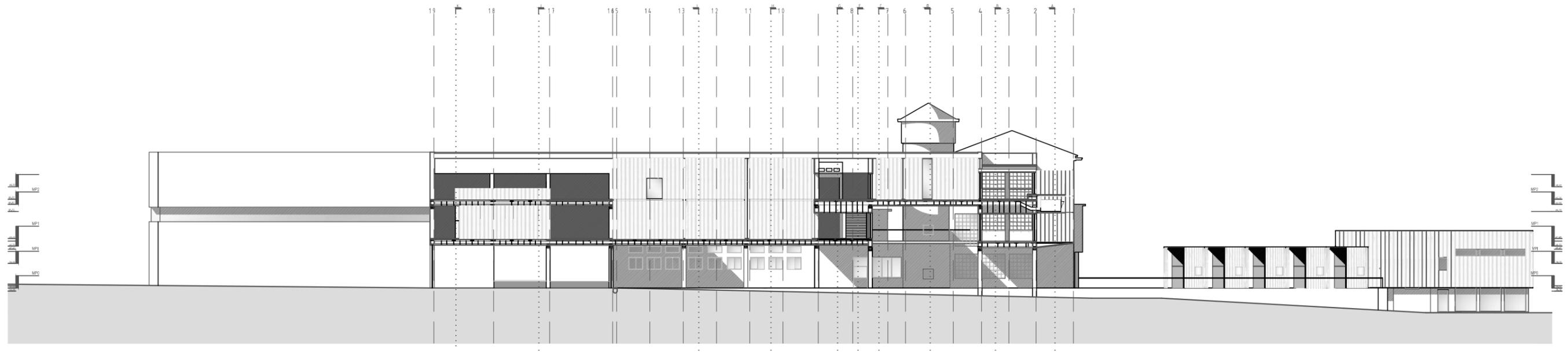
ALÇADO NORTE



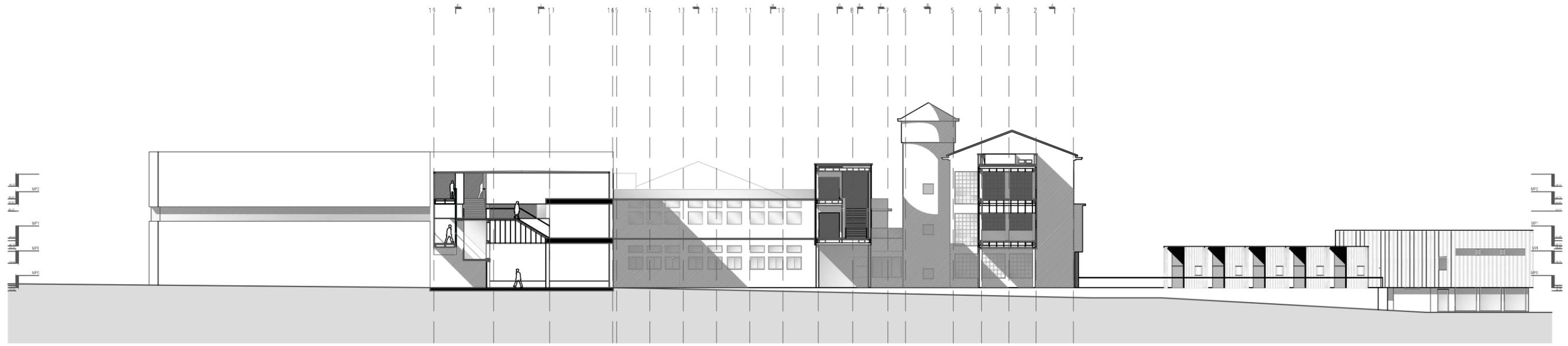
CORTE L



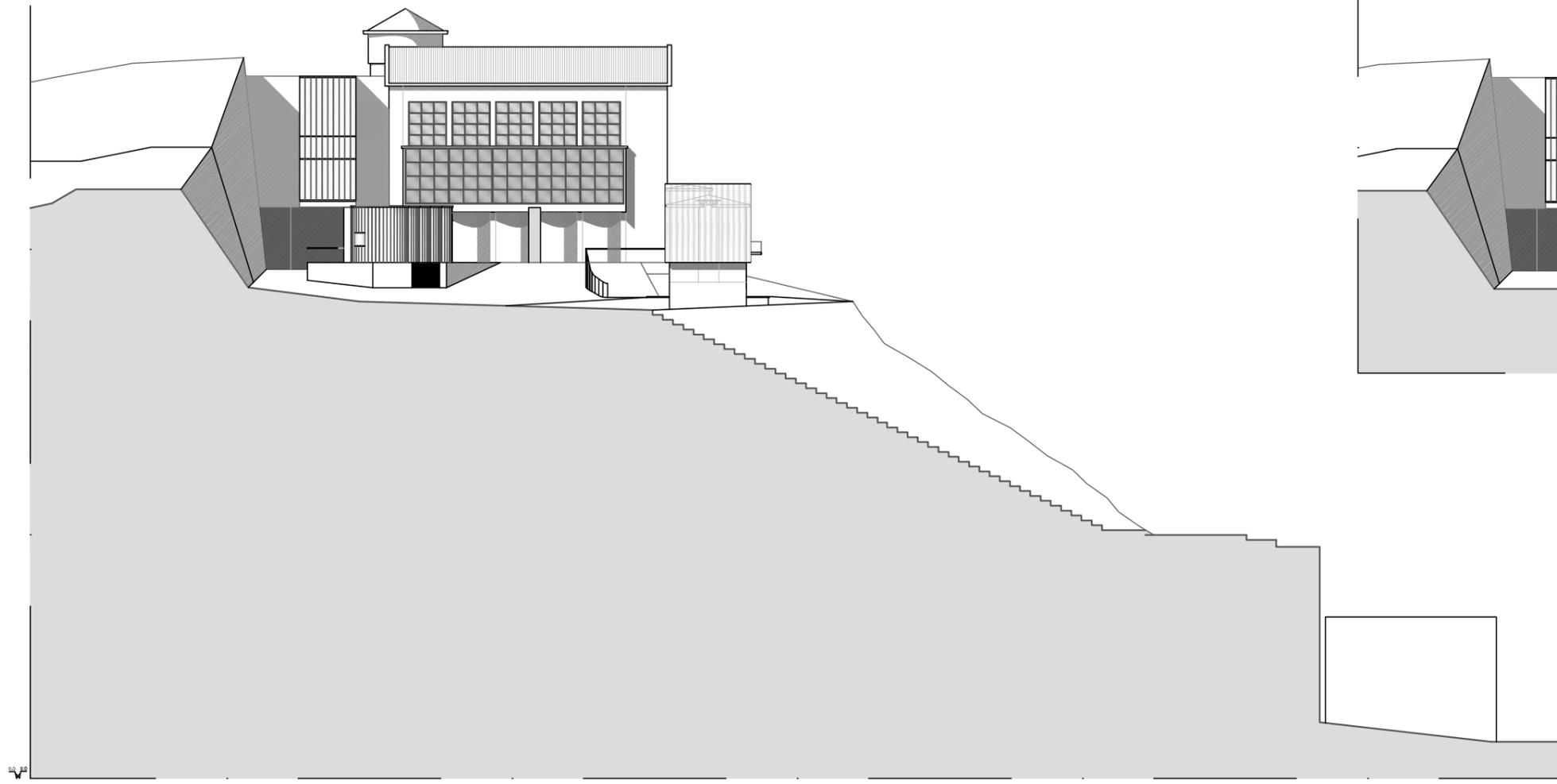
ALÇADO SUL



CORTE M

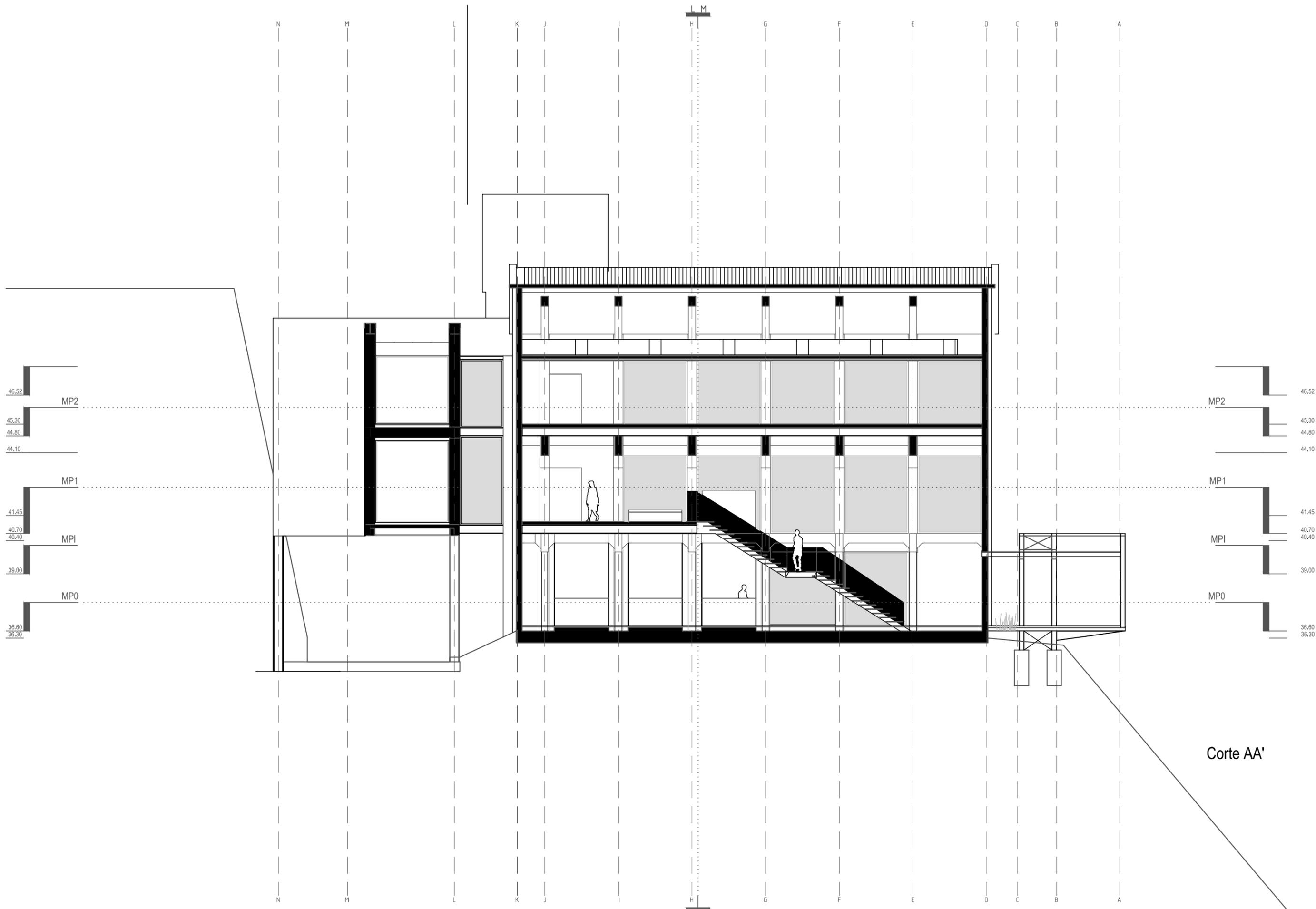


CORTE N

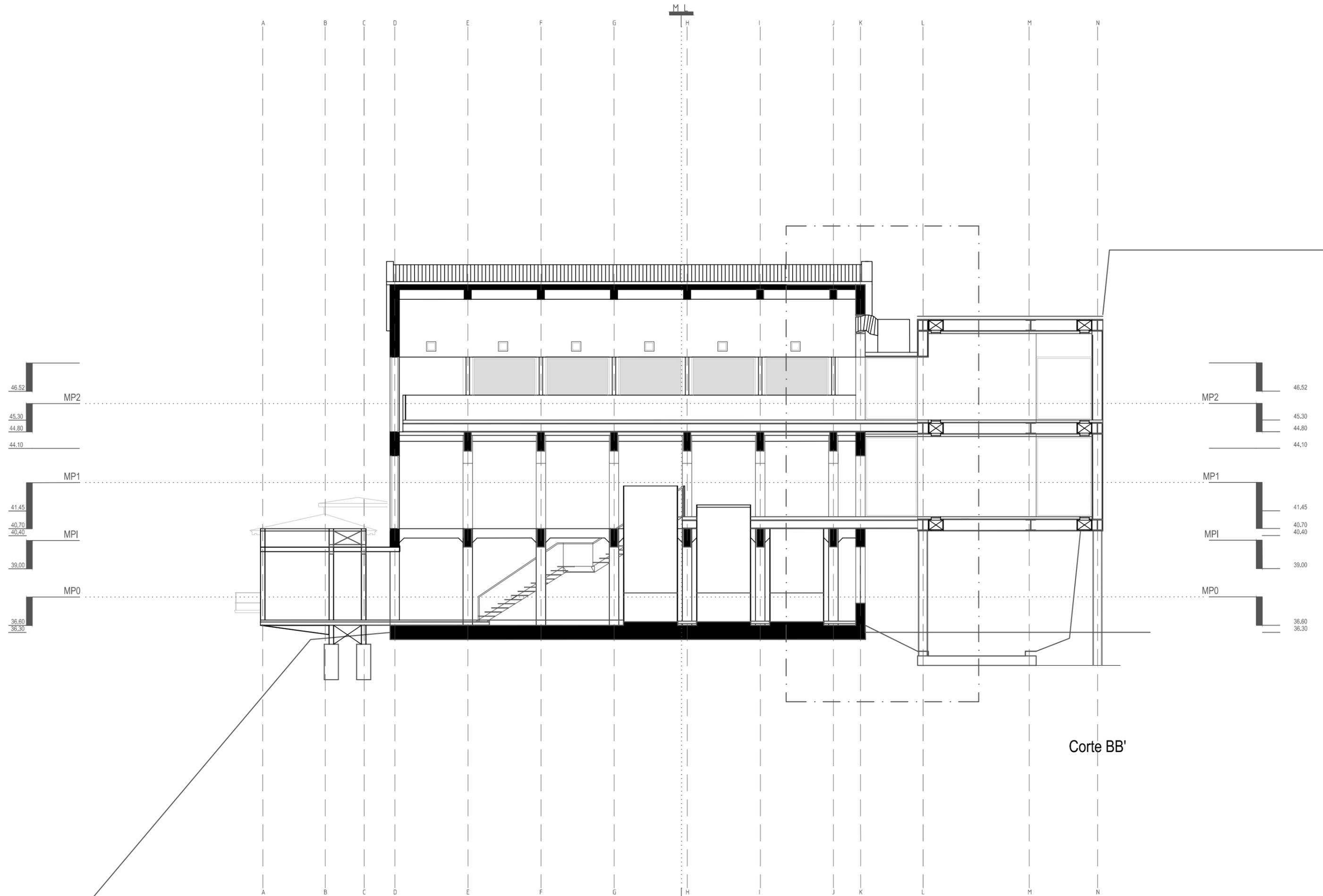


ALÇADO NASCENTE CORTE

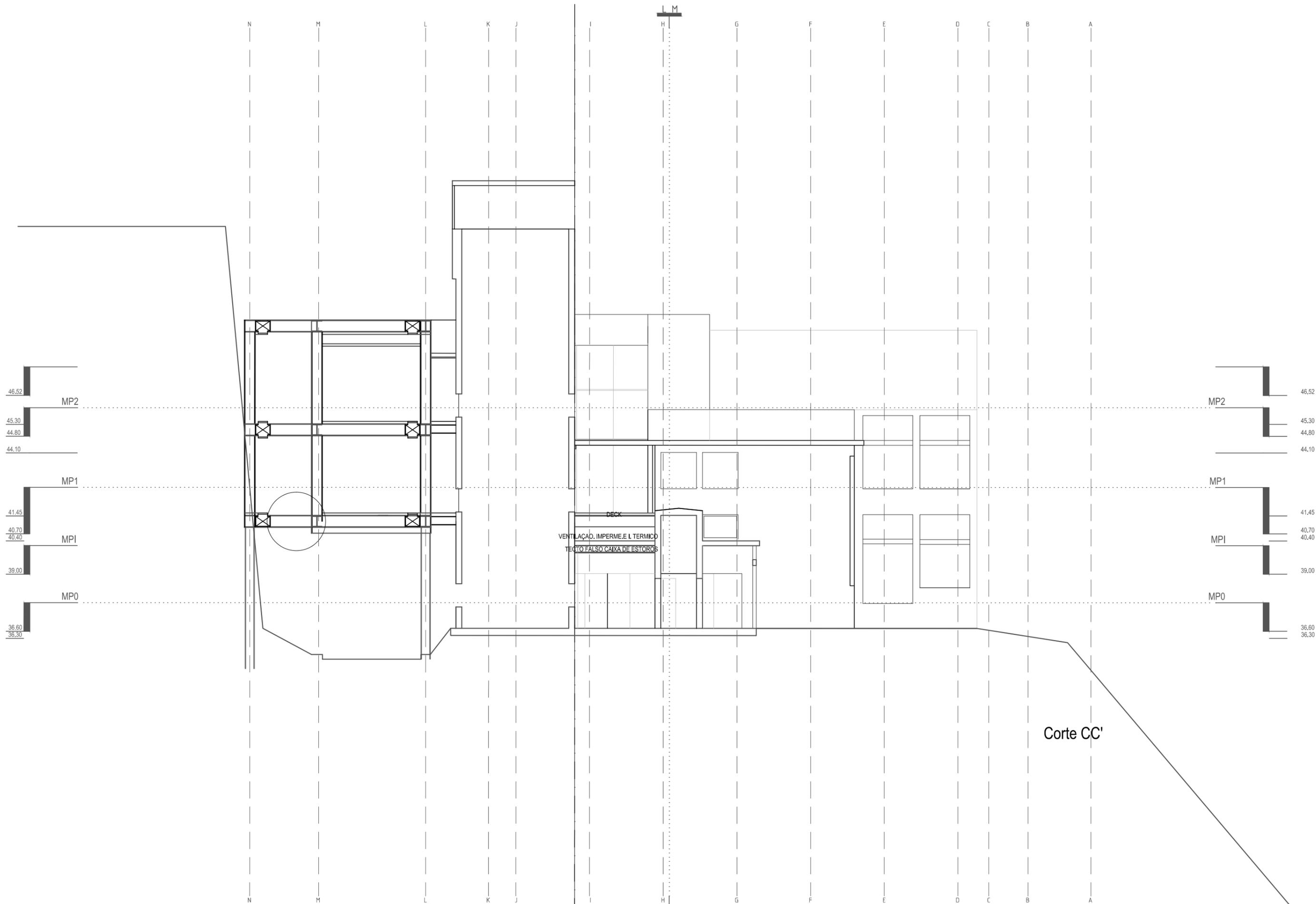
ALÇADO NASCENTE



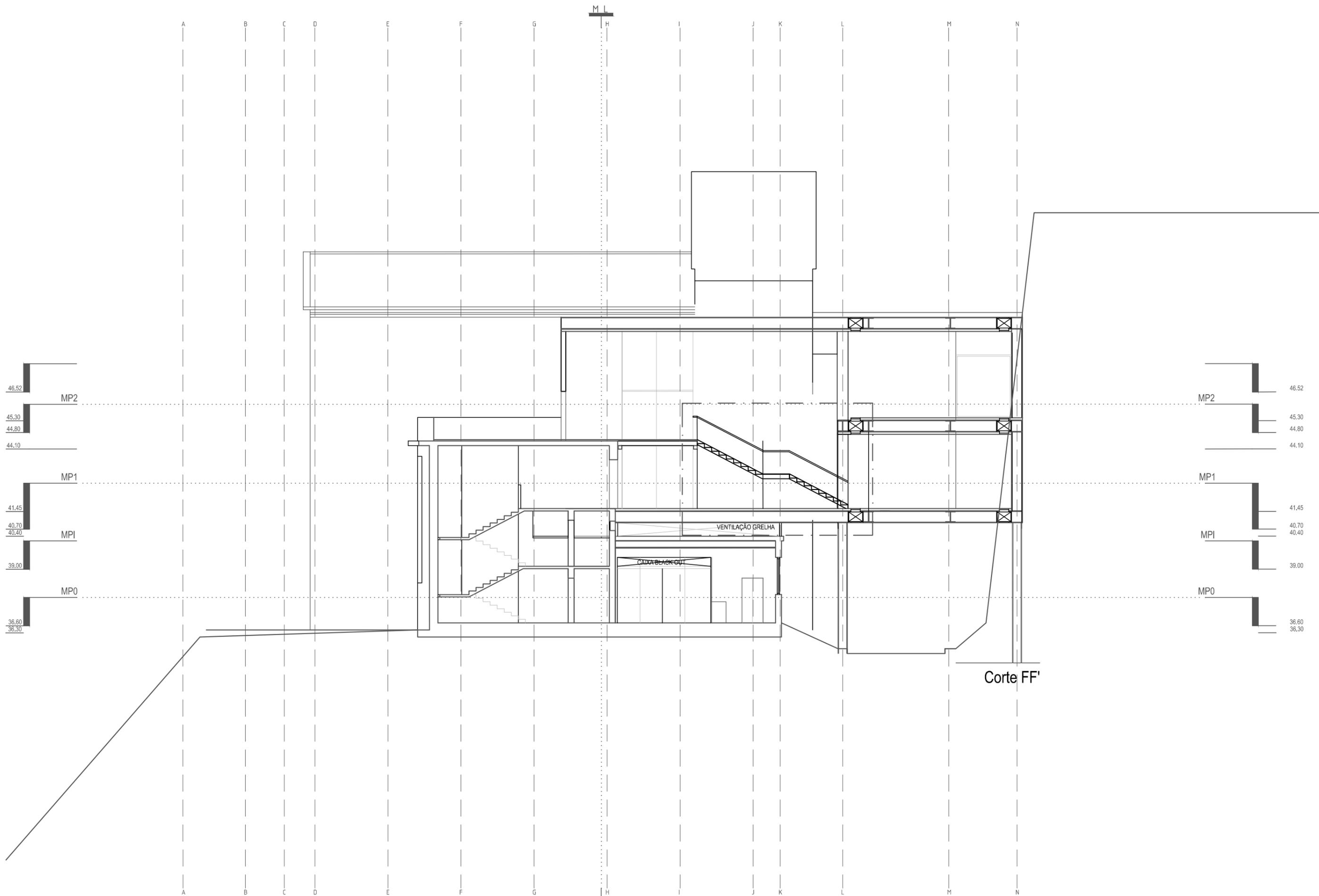
Corte AA'

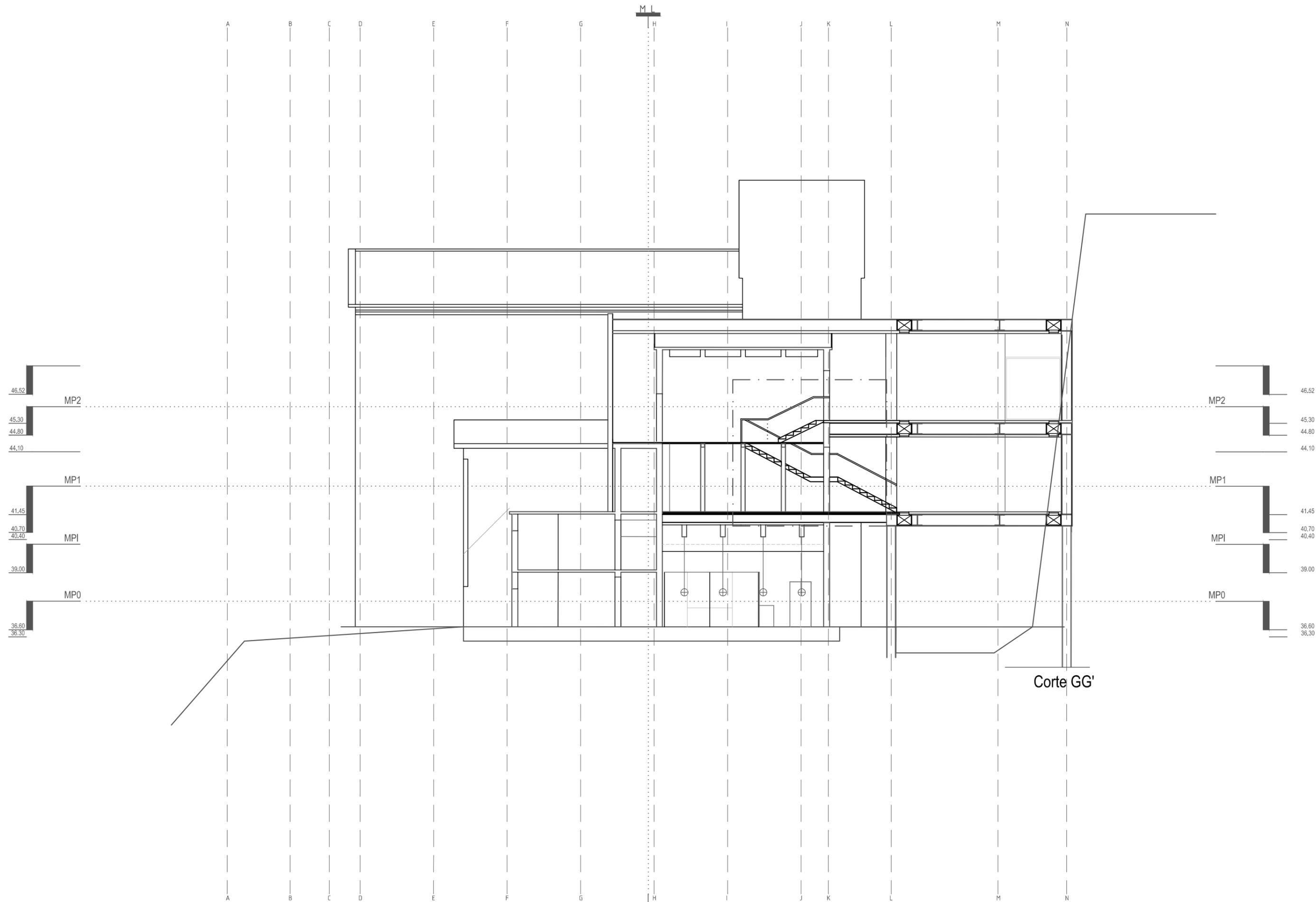


Corte BB'

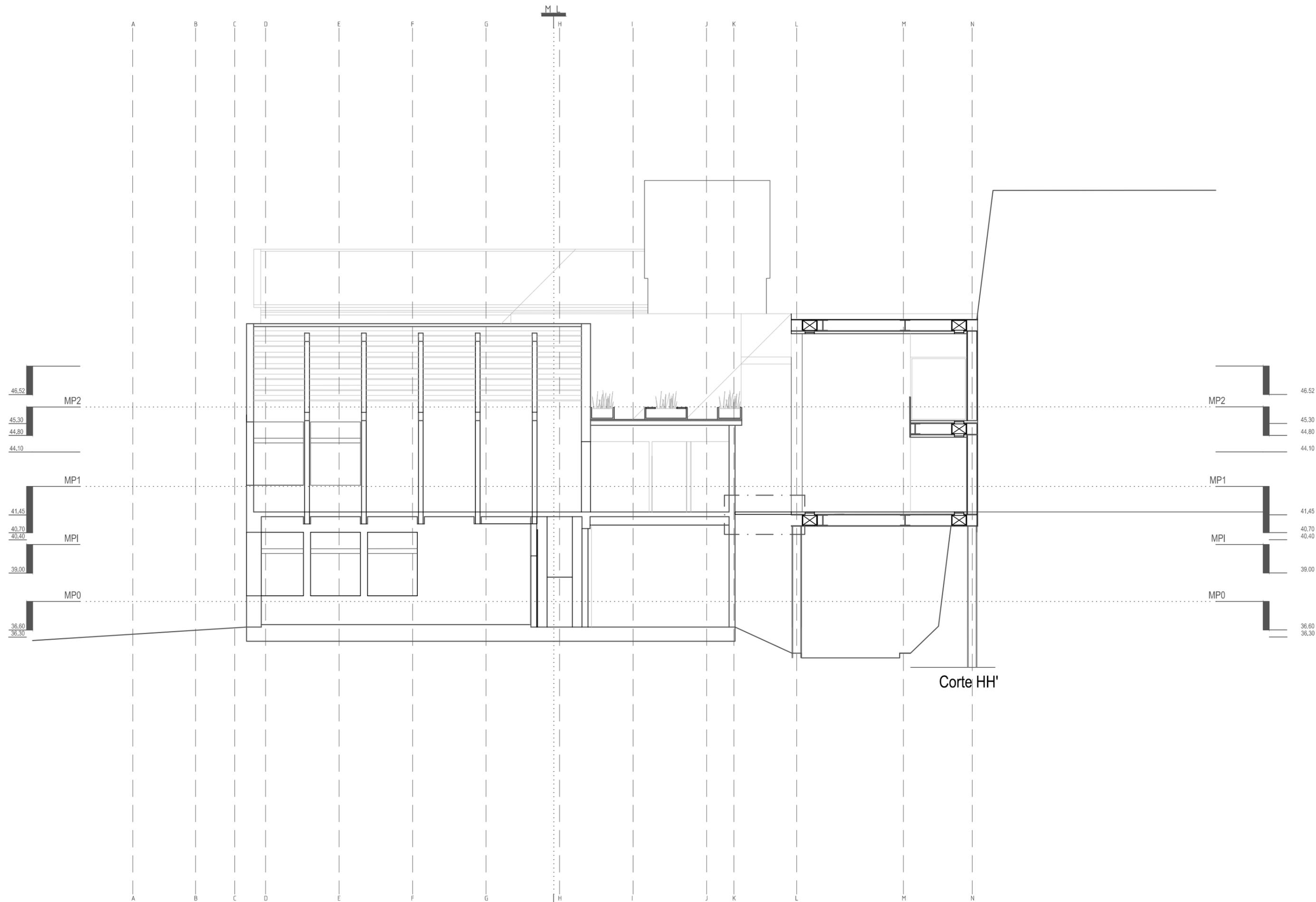


Corte CC'

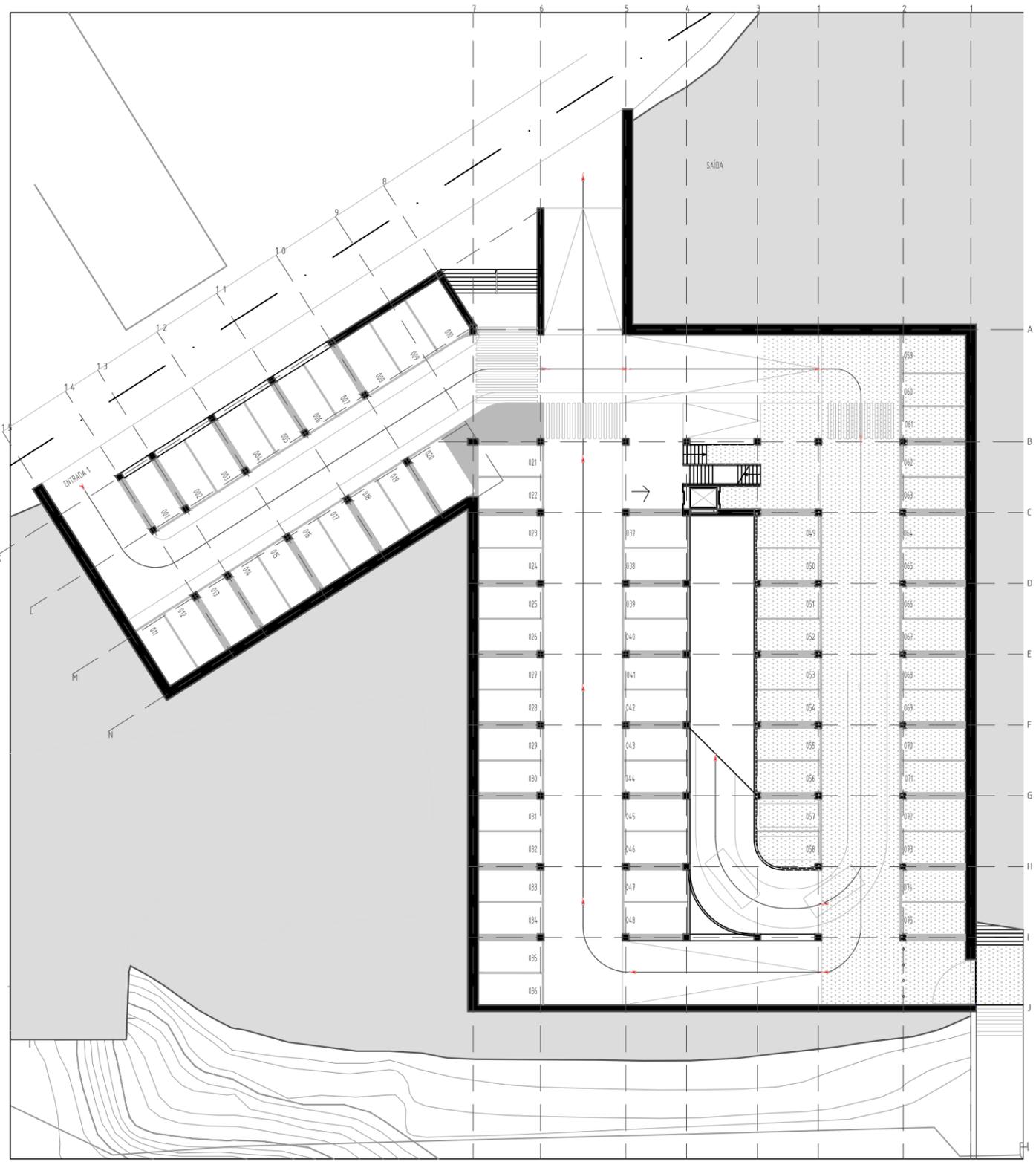




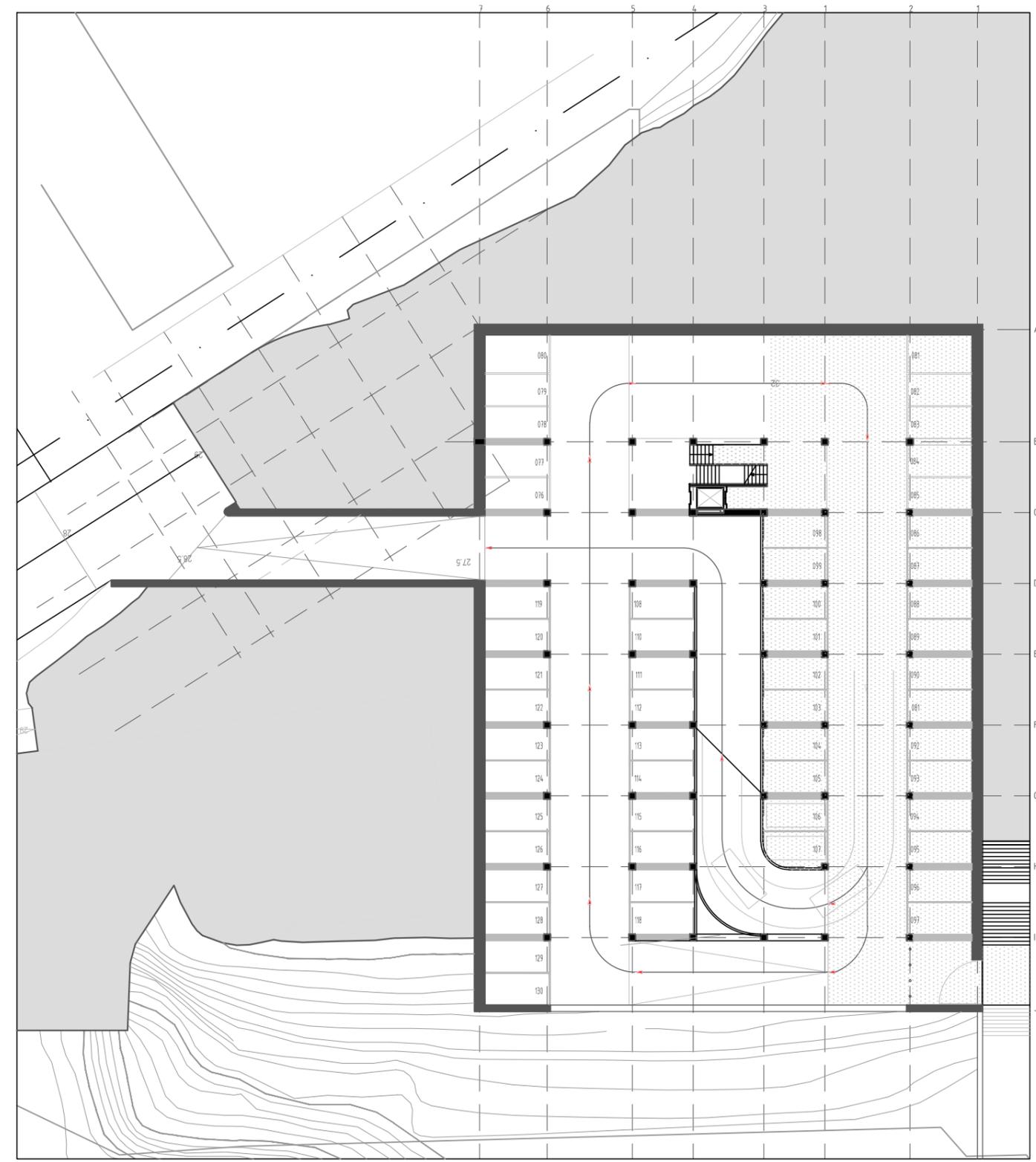
Corte GG'



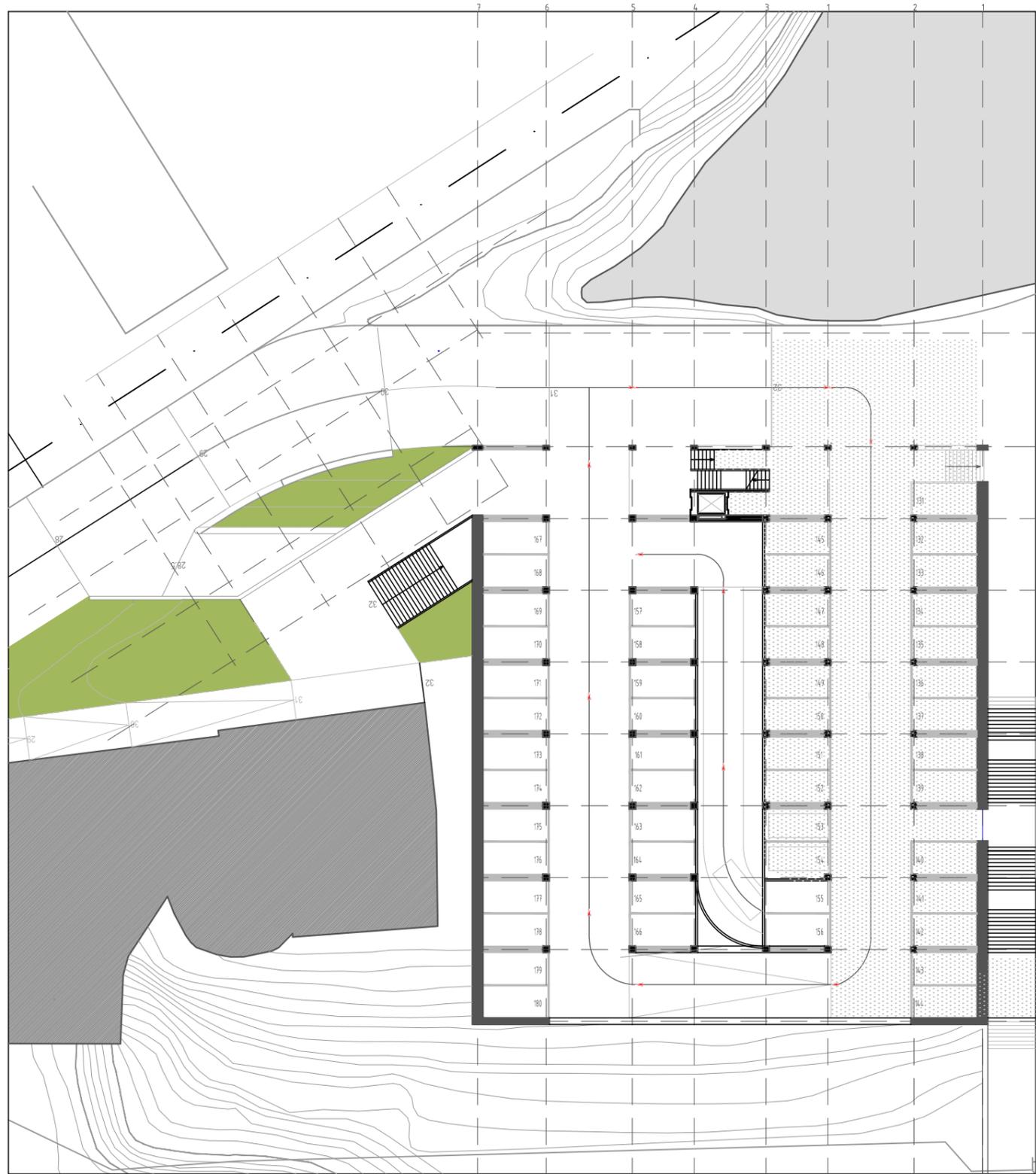
Corte HH'



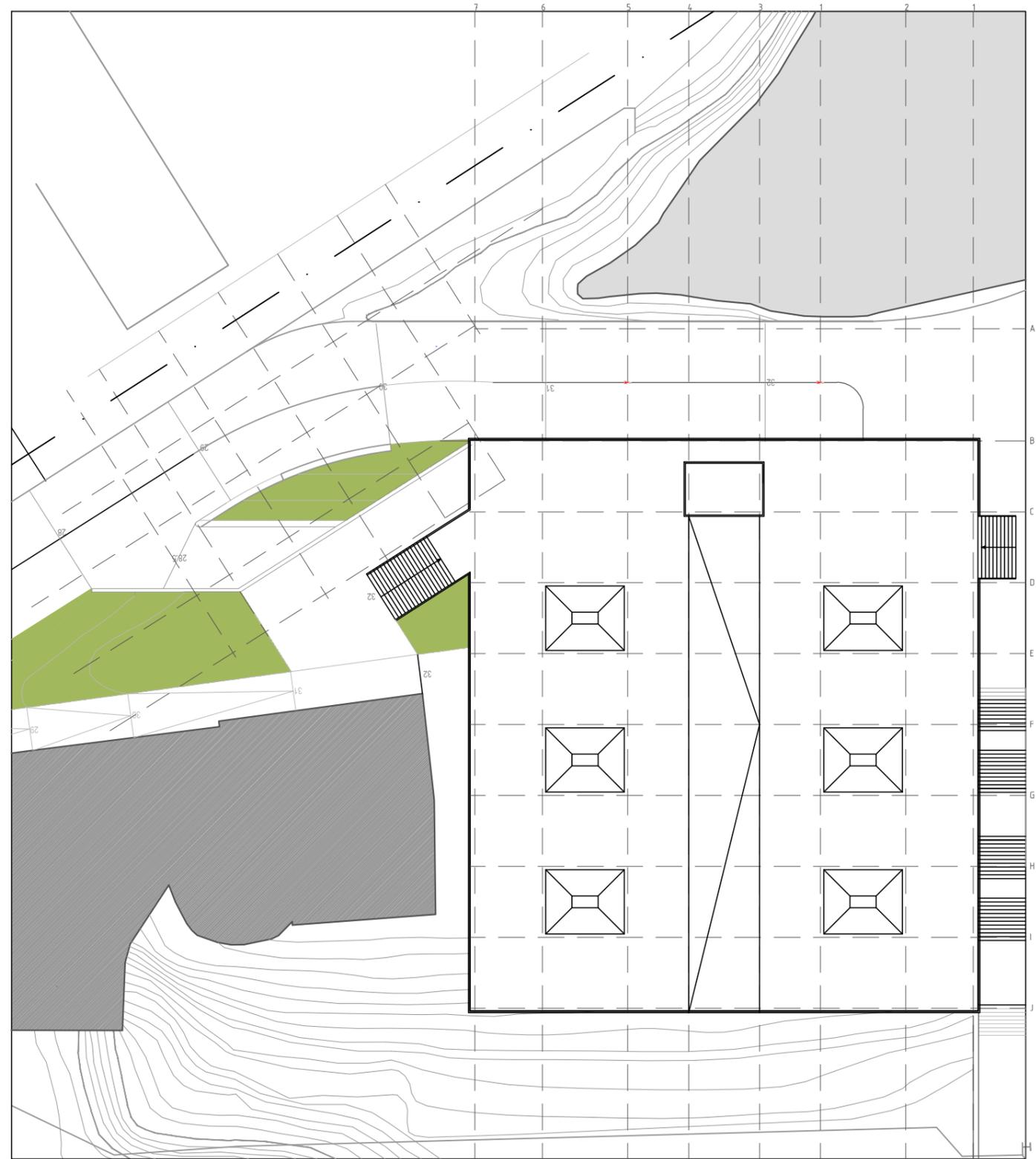
ESTACIONAMENTO - PLANTA PISO 0 - 2800M² - 075 LUGARES



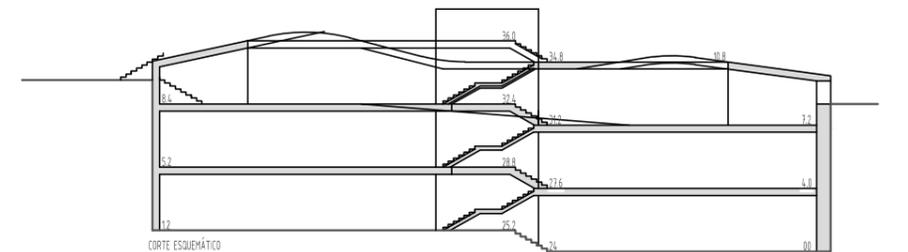
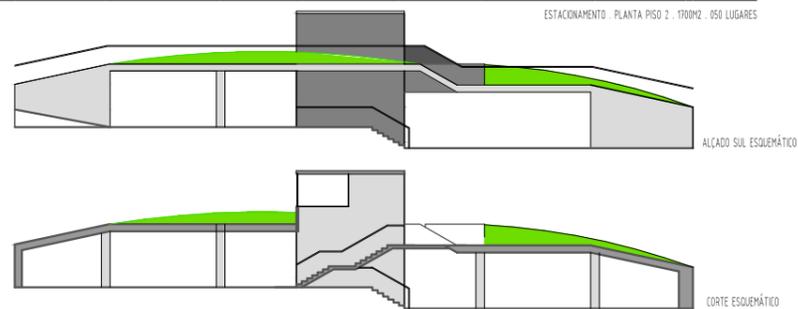
ESTACIONAMENTO - PLANTA PISO 1 - 2000M² - 855 LUGARES

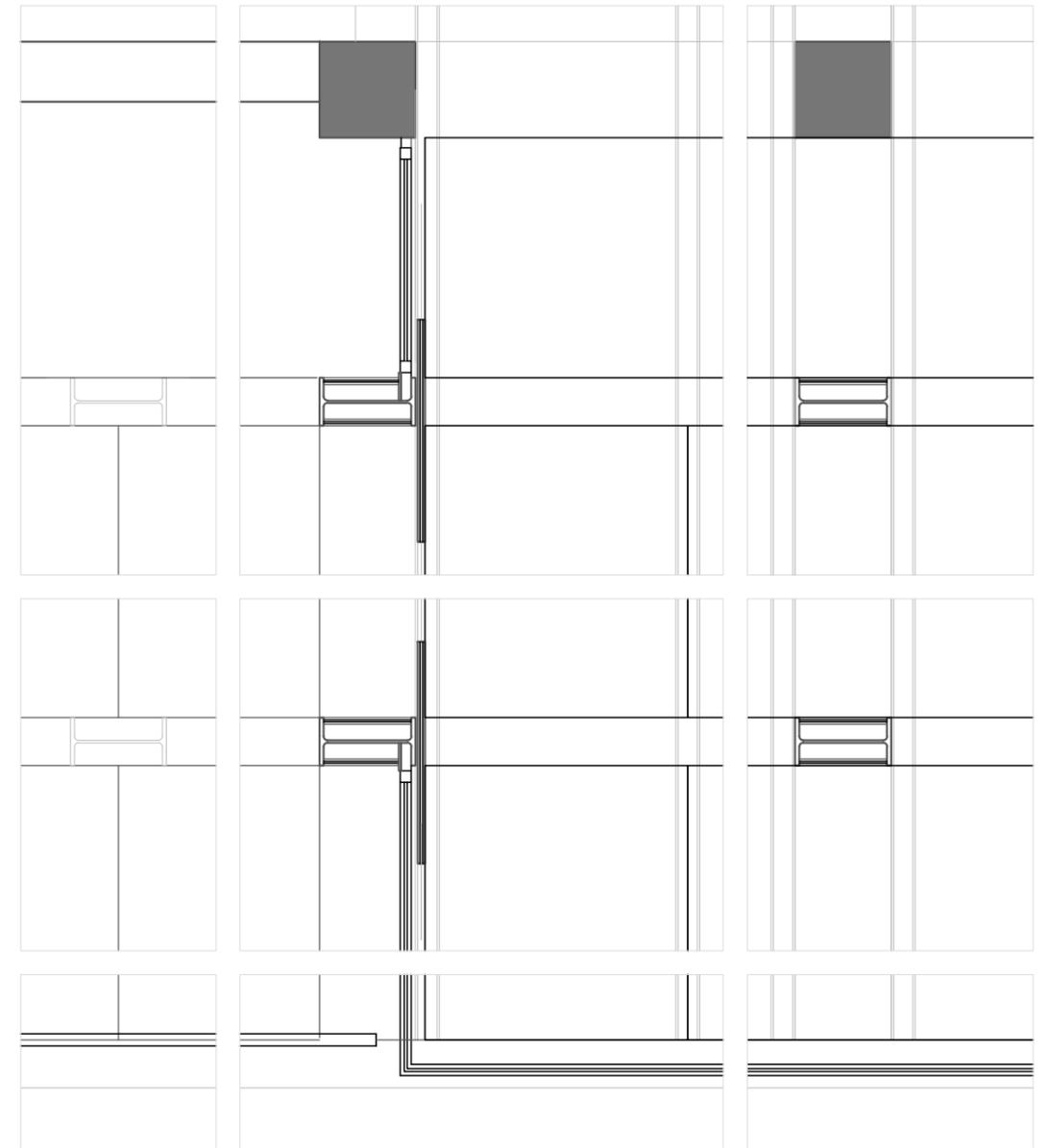
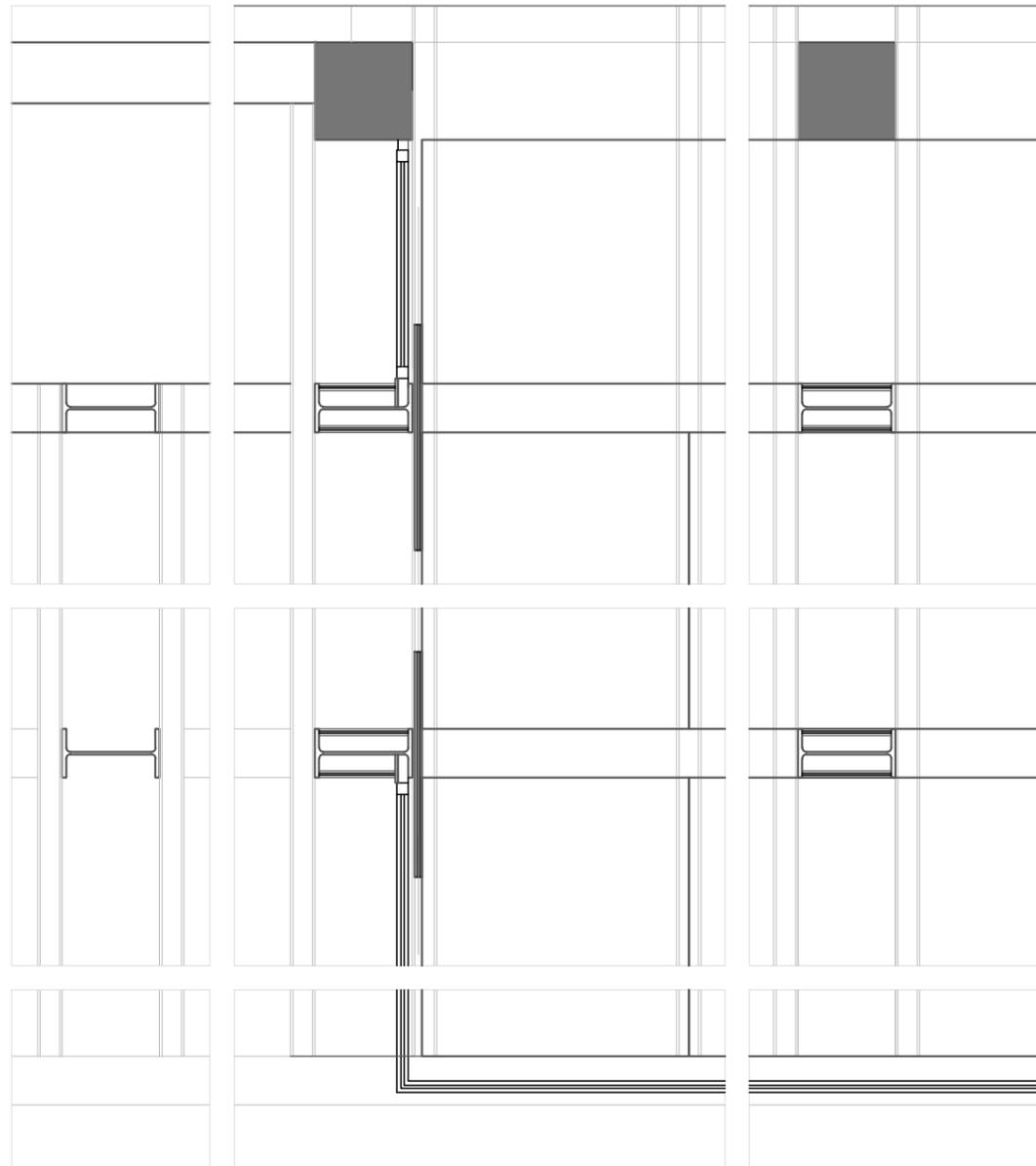


ESTACIONAMENTO - PLANTA PISO 2 - 1700M² - 050 LUGARES

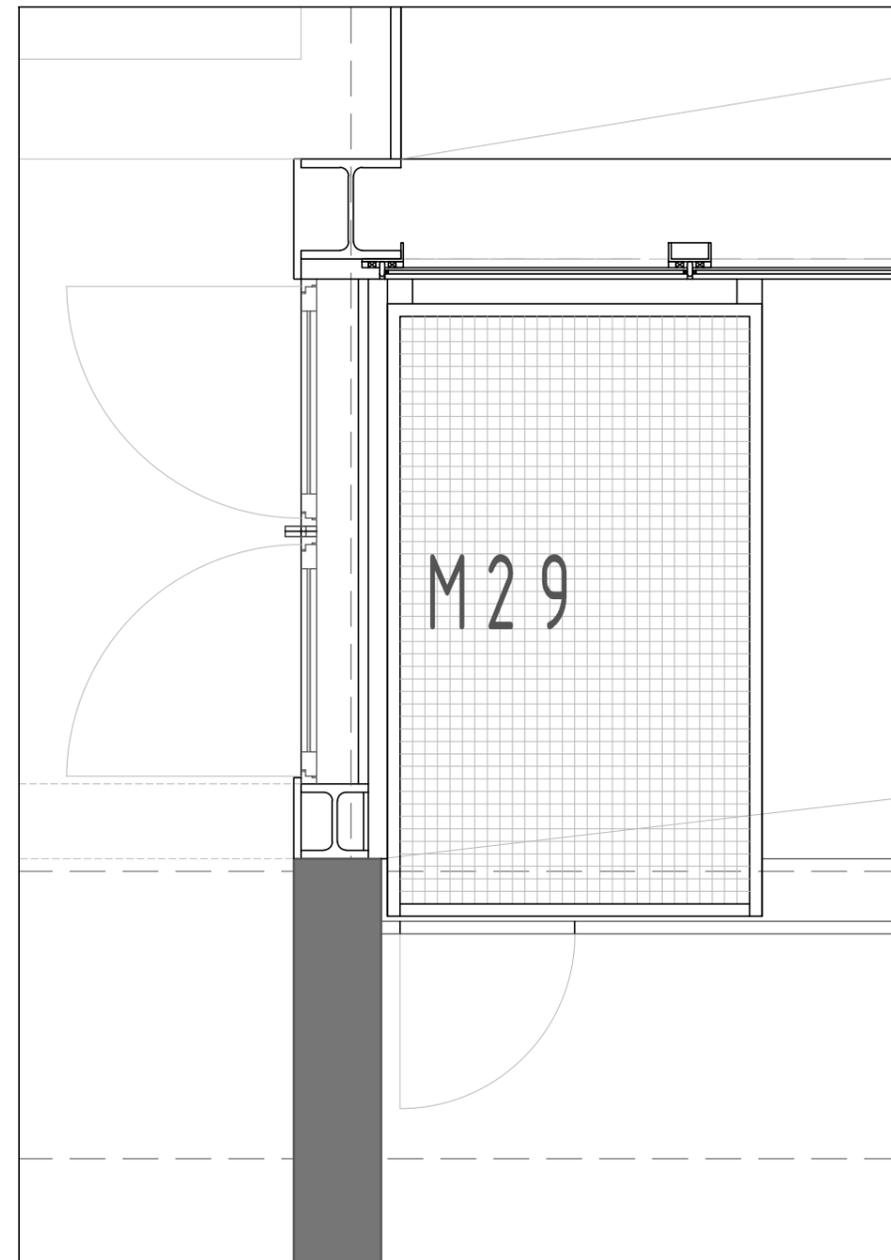
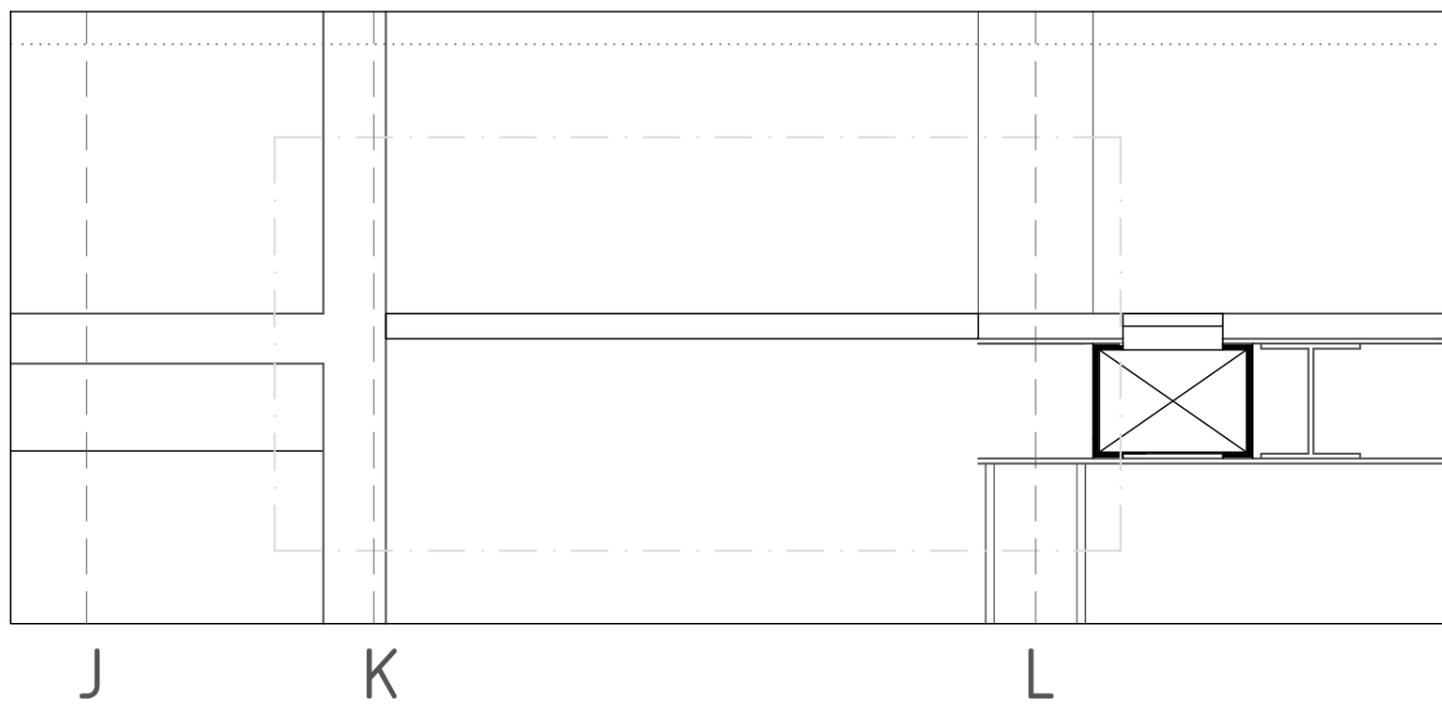
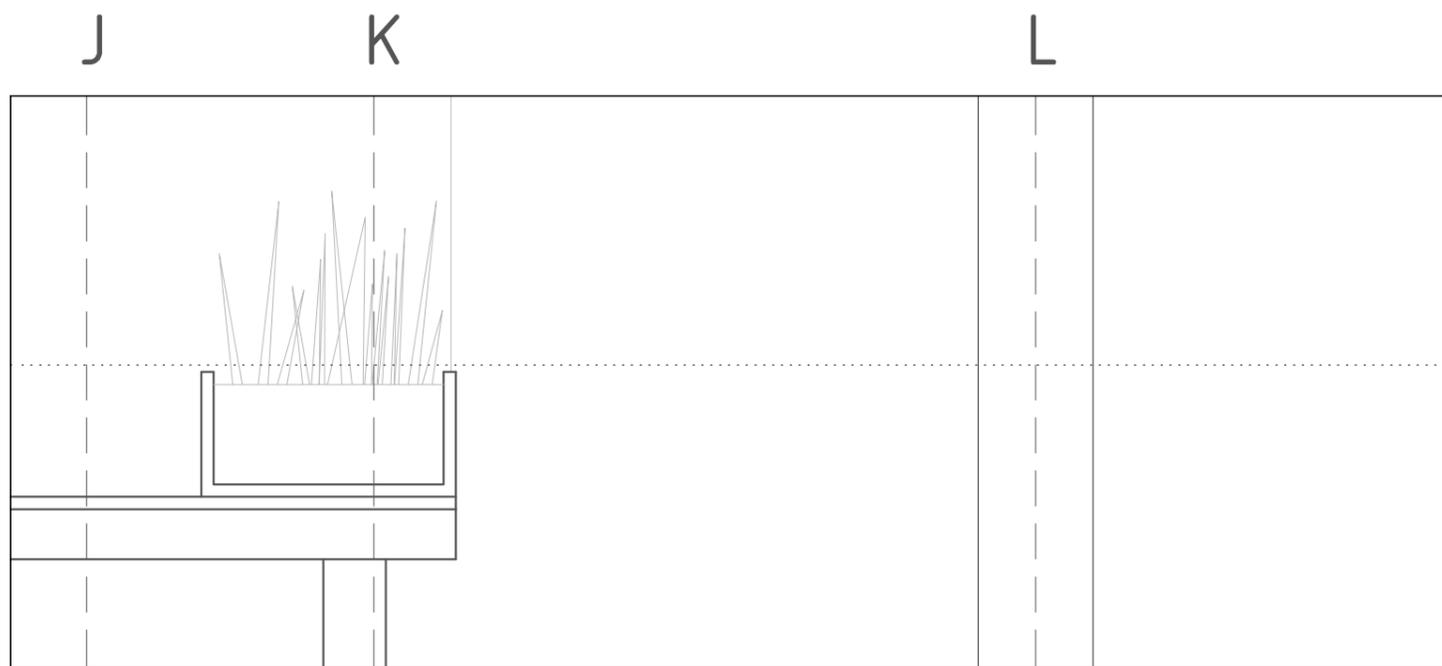


ESTACIONAMENTO - COBERTURA - AJARDINADA PERCORRIVEL





PAVIMENTO VIDRO ENTRADA MUSEU . PORMENOR



PLATAFORMA PARA LMANUTENÇÃO . PORMENOR

